

FATOS SOBRE ISRAEL

MINISTÉRIO DAS RELAÇÕES EXTERIORES DE ISRAEL

Coordenado por: Quality Translations (QT)

Design gráfico: Tsofit Tsachi

Impresso por: Impressora do Governo de Israel

Estatísticas: Escritório Central de Estatística (exceto quando especificado)

Jerusalém, Israel

2010

É possível obter cópias nas missões diplomáticas de Israel ou na Internet: www.mfa.gov.il

SUMÁRIO

História

Estado

Terra

Povo

Saúde e serviços sociais

Educação

Ciência e tecnologia

Economia

Cultura

Entre as nações

HISTÓRIA

Tempos bíblicos

Período do segundo templo: O retorno a Sião

Dominação externa

Estado de Israel

Processo de paz

Destaques históricos

HISTÓRIA

A Terra de Israel (Eretz Yisrael) é o berço do povo judeu. Uma parte importante da longa história do país se passou lá, com dois mil anos sendo registrados na Bíblia; lá, sua identidade cultural, religiosa e nacional foi formada, e sua presença física foi mantida através dos séculos, mesmo após a maioria do povo ter sido exilada. Durante o longo período de dispersão, o povo judeu nunca cortou nem esqueceu sua conexão com a Terra. Após o estabelecimento do Estado de Israel em 1948, a independência judaica, perdida dois mil anos antes, foi renovada.

[Lembra-te dos dias da antiguidade, atenta para os anos, geração por geração... \(Deuteronômio 32:7\)](#)

TEMPOS BÍBLICOS

Moisés, de Michelangelo • San Pietro em Vincoli, Roma

Patriarcas

A história judaica começou há cerca de quatro mil anos (cerca do século XVII AEC) com os patriarcas: Abraão, seu filho Isaac e seu neto Jacó. Documentos encontrados na Mesopotâmia, datados de 2000 a 1500 AEC, confirmam aspectos de sua vida nômade, tal como descrito na Bíblia. O livro do Gênesis relata que Abraão foi chamado de Ur dos Caldeus para Canaã, para formar um povo com a crença no Deus Único. Quando a terra de Canaã foi assolada pela fome, Jacó (Israel), seus 12 filhos e suas famílias foram para o Egito, onde seus descendentes foram escravizados.

Êxodo e assentamento

Depois de 400 anos de escravidão, os israelitas foram libertados por Moisés, que, segundo a narrativa bíblica, foi escolhido por Deus para tirar seu povo do Egito e levá-los novamente à Terra de Israel, prometida a seus antepassados (cerca dos séculos XIII e XII AEC). Durante 40 anos, eles percorreram o deserto do Sinai, onde formaram uma nação e receberam a Torá (Pentateuco), que incluía os Dez Mandamentos e deu forma e conteúdo à sua fé monoteísta. O êxodo do Egito (cerca de 1300 AEC) deixou uma marca indelével na memória nacional do povo judeu e tornou-se um símbolo universal de liberdade e independência. Todo ano, os judeus celebram a *Pessach* (Páscoa), o *Shavuot* (Pentecostes) e o *Sucot* (Festa dos Tabernáculos), relembrando os eventos ocorridos naquela época.

Durante os dois séculos seguintes, os israelitas conquistaram a maior parte da Terra de Israel e tornaram-se agricultores e artesãos; em seguida, veio a consolidação econômica e social. Durante períodos alternados de paz e guerra, o povo se uniu, representado por líderes conhecidos como juízes, escolhidos por suas capacidades políticas, militares e de liderança. A fraqueza inerente a essa organização tribal diante da ameaça representada pelos filisteus (povo marítimo da Ásia Menor estabelecido na costa do Mediterrâneo) gerou a necessidade de um governante permanente para unir as tribos, com sucessão por herança.

"O Senhor te abençoe e te guarde; o Senhor faça resplandecer o seu rosto sobre ti e tenha misericórdia de ti; o Senhor levante o seu rosto sobre ti e te dê a paz." (Números 6:24-26)

Museu de Israel, em Jerusalém

Profetas: Sábios religiosos e figuras carismáticas, que o povo considerava dotados de um dom divino de revelação; pregaram durante o período da monarquia até um século após a destruição de Jerusalém (586 AEC). Seja como conselheiros dos reis sobre religião, ética e política, ou como seus críticos de acordo com a prioridade da relação entre o indivíduo e Deus, os profetas eram guiados pela necessidade de justiça e emitiam poderosos comentários sobre a moralidade da vida nacional judaica. Suas revelações estão registradas em livros de prosa e poesia inspiradas, dos quais muitos foram incorporados à Bíblia.

O apelo universal e eterno dos profetas resulta de sua procura por uma análise fundamental dos valores humanos. Palavras como as de Isaías (1:17) (*aprender a fazer o bem, dedicar-se à justiça; ajudar o injustiçado, defender os direitos dos órfãos; defender a causa da viúva*) continuam a alimentar a necessidade da humanidade por justiça social.

Monarquia

O primeiro rei, Saul (cerca de 1020 AEC), governou durante o período entre a organização tribal e o estabelecimento de uma monarquia plena com seu sucessor, Davi.

O rei Davi (cerca de 1004 a 965 AEC) estabeleceu seu reino como uma grande potência na região através de expedições militares bem sucedidas, incluindo a derrota final dos filisteus, e através de uma rede de alianças amistosas com reinos vizinhos. Consequentemente, sua autoridade era reconhecida desde as fronteiras do Egito e do Mar Vermelho até as margens do Eufrates. Em sua terra natal, ele uniu as 12 tribos israelitas em um só reino e estabeleceu sua capital, Jerusalém, e a monarquia no centro da vida nacional do país. A tradição bíblica descreve Davi como poeta e músico, com versos atribuídos a ele incluídos no Livro dos Salmos.

Davi foi sucedido por seu filho Salomão (cerca de 965 a 930 AEC), que fortaleceu o reino. Através de tratados com os reis vizinhos, reforçados por casamentos políticos, Salomão garantiu a paz para seu reino, igualando-o às grandes potências da época. Ele expandiu o comércio exterior e promoveu a prosperidade nacional, desenvolvendo grandes empreendimentos, tais como a mineração do cobre e a fundição de metais; enquanto isso, construía novas vilas e fortalecia as vilas antigas, de importância estratégica e econômica. O auge de suas realizações foi a construção do Templo em Jerusalém, que se tornou o centro da vida nacional e religiosa do povo judeu. A Bíblia atribui a Salomão o Livro dos Provérbios e o Cântico dos Cânticos.

Monarquia dividida

O fim do reinado de Salomão foi marcado por descontentamento por parte da população, que teve que pagar muito por seus ambiciosos planos. Ao mesmo tempo, o tratamento preferencial a sua própria tribo irritava as outras, resultando em um crescente antagonismo entre a monarquia e os separatistas tribais. Após a morte de Salomão (930 AEC), uma insurreição aberta levou ao rompimento das dez tribos do norte e à divisão do país em um reino do norte, Israel, e um reino do sul, Judá — este último no território das tribos de Judá e Benjamin.

O Reino de Israel, com sua capital Samaria, durou mais de 200 anos com 19 reis, enquanto o Reino de Judá foi governado a partir de Jerusalém durante 400 anos pelo mesmo número de reis, da linhagem de Davi. A expansão dos impérios assírio e babilônio causou a dominação de Israel e, depois, de Judá. O Reino de Israel foi destruído pelos assírios (722 AEC) e seu povo foi levado ao exílio e ao esquecimento. Mais de cem anos depois, a Babilônia conquistou o Reino de Judá, exilando a maioria de seus habitantes e destruindo Jerusalém e o Templo (586 AEC).

Primeiro exílio (586 a 538 AEC)

A conquista da Babilônia pôs fim ao período do Primeiro Templo, mas não cortou a conexão do povo judeu à Terra de Israel. Às margens dos rios da Babilônia, os judeus se comprometeram a recordarem sua pátria: *Se eu me esquecer de ti, ó Jerusalém, esqueça-se minha mão direita de sua destreza. Apegue-se-me a língua ao céu da boca, se não me lembrar de ti, se eu não preferir Jerusalém à minha maior alegria* (Salmos 137:5-6).

O exílio na Babilônia, que se seguiu à destruição do Primeiro Templo (586 AEC), marcou o início da diáspora judaica. Lá, o judaísmo começou a desenvolver uma estrutura religiosa e um modo de vida fora da Terra, para assegurar a sobrevivência nacional do povo e sua identidade espiritual, imbuindo-a com a vitalidade necessária para preservar seu futuro como nação.

Nos rios da Babilônia, por E.M. Lilien

PERÍODO DO SEGUNDO TEMPO: O RETORNO A SIÃO

Assuero-Xerxes, um dos grandes reis persas, retratado em relevo nas paredes de um palácio em Persépolis

Períodos persa e helenístico (538 a 142 AEC)

Após um decreto do rei persa Ciro, conquistador do império babilônico (538 AEC), cerca de cinquenta mil judeus partiram pela primeira vez em direção à Terra de Israel, liderados por Zorobabel, descendente da Casa de Davi. Menos de um século depois, o segundo retorno foi liderado por Esdras, o Escriba. Nos próximos quatro séculos, os judeus tiveram diferentes graus de autonomia sob governos persas (538 a 333 AEC) e helenísticos (ptolemaico e selêucida) (332 a 142 AEC).

A repatriação dos judeus sob a inspirada liderança de Esdras, a construção do Segundo Templo no local do Primeiro Templo, a fortificação das muralhas de Jerusalém, e o estabelecimento da *Knesset Hagedolah* (Grande Assembleia), o supremo órgão religioso e judicial do povo judeu, marcaram o início do período do Segundo Templo. Dentro dos limites do Império Persa, Judá era uma nação liderada pelo sumo sacerdote e conselho de anciãos em Jerusalém.

Como parte do mundo antigo conquistado por Alexandre, o Grande, da Grécia (332 AEC), a Terra continuou a ser uma teocracia judaica, sob o domínio dos selêucidas, baseado nos sírios. Quando a prática do judaísmo foi proibida e seu Templo foi profanado, durante a imposição da cultura e costumes gregos a toda a população, os judeus se rebelaram (166 AEC).

Dinastia dos Asmoneus (142 a 63 AEC)

Primeiramente liderados por Matatias, da família sacerdotal dos Asmoneus, e depois por seu filho Judá, o Macabeu, os judeus entraram em Jerusalém e purificaram o Templo (164 AEC). Os dois eventos são comemorados todo ano pelo festival de Hanucá.

Após outras vitórias dos Asmoneus (147 AEC), os selêucidas restauraram a autonomia da Judeia, como a Terra de Israel era então chamada, e, com o colapso do reino selêucida (129 AEC), a independência judaica foi alcançada. Durante a dinastia dos Asmoneus, que durou aproximadamente 80 anos, o reino recuperou fronteiras quase iguais às do reino de Salomão, alcançou a consolidação política sob o governo judeu e a vida judaica floresceu.

Massada: Cerca de mil homens, mulheres e crianças judias, que tinham sobrevivido à destruição de Jerusalém, ocuparam e fortificaram o palácio de Massada, do rei Herodes, no topo de uma montanha na região do Mar Morto, onde resistiram durante três anos a diversas tentativas romanas de desalojá-los. Quando os romanos finalmente escalaram Massada e derrubaram suas paredes, eles descobriram que os defensores e suas famílias haviam escolhido morrer por suas próprias mãos, em vez de serem escravizados.

Menorá no Arco de Tito, em Roma

História da menorá

A Menorá de Ouro (um candelabro de sete braços), era um importante objeto de rituais no templo do rei Salomão, na antiga Jerusalém. Através dos tempos, tem simbolizado a herança e tradição judaicas em inúmeros locais e formas.

Menorá em uma moeda dos Asmoneus, do século I AEC

(Patrimônio Histórico de Israel)

Menorá em dois fragmentos de gesso do século I EC, encontrada no Bairro Judeu de Jerusalém

(Sociedade de Exploração de Israel)

Menorá no piso de mosaico de uma sinagoga do século V ou VI , em Jericó

(Patrimônio Histórico de Israel)

Menorá perto do Knesset, por Benno Elkan

(Sala de Imprensa do Governo (S.I.G.) / F. Cohen)

Halachá é o órgão de direito que orienta a vida judaica em todo o mundo desde os tempos pós-bíblicos. Ele descreve as obrigações religiosas dos judeus, tanto nas relações interpessoais quanto nos rituais, e engloba praticamente todos os aspectos do comportamento humano — nascimento e casamento, alegria e tristeza, agricultura e comércio, ética e teologia. Baseada na Bíblia, a autoridade do halachá é fundada no Talmude, um corpo de leis e conhecimentos populares judaicos (concluído em cerca de 400), que incorpora a *Misná*, primeira compilação escrita da Lei Oral (codificada em cerca de 210), e o *Gemara*, uma continuação da *Misná*. Para fornecer orientações práticas para o *Halachá*, resumos concisos e sistemáticos foram escritos por estudiosos de religião a partir dos séculos I e II. Dentre as codificações de maior credibilidade está o *Shulchan Aruch*, escrito por Joseph Caro em Safed (Tzfat), no século XVI.

Domínio romano (63 AEC a 313 EC)

Quando os romanos substituíram os selêucidas, passando a ser a grande potência da região, eles concederam ao rei Asmoneu Hircano II uma autoridade limitada, subordinado ao governador romano de Damasco. Os judeus reagiram com hostilidade ao novo regime, e nos anos seguintes houve diversas insurreições. Matatias Antígono fez uma última tentativa de restaurar a antiga glória da dinastia dos Asmoneus; sua derrota e morte finalizou o governo dos Asmoneus (40 AEC), e a Terra tornou-se uma província do Império Romano.

Em 37 AEC, Herodes, genro de Hircano II, foi nomeado rei da Judéia pelos romanos. Com autonomia quase ilimitada sobre assuntos internos do país, ele tornou-se um dos mais poderosos monarcas no Império Romano oriental. Grande admirador da cultura greco-romana, Herodes lançou um enorme programa de construções, que incluía as cidades de Cesareia e Sebaste e as fortalezas em Heródio e Massada. Ele também reformou o Templo, tornando-o uma das mais magníficas construções da época. Mas apesar de suas realizações, Herodes não conseguiu ganhar a confiança e o apoio de seus súditos judeus.

Dez anos após a morte de Herodes (4 AEC), a Judeia passou a ser governada diretamente pelos romanos. A opressão romana da vida judaica causou uma insatisfação crescente, resultando

em episódios violentos esporádicos que se transformaram em uma grande revolta em 66 EC. Forças superiores romanas, lideradas por Tito, acabaram vitoriosas, arrasando Jerusalém totalmente (70 EC) e derrotando até a última fortaleza judia em Massada (73 EC).

A total destruição de Jerusalém e do Segundo Templo foi catastrófica para o povo judeu. De acordo com o historiador contemporâneo Flávio Josefo, centenas de milhares de judeus faleceram durante a tomada de Jerusalém e no restante do país, e outros milhares foram vendidos como escravos.

Houve um último e breve período de soberania judaica após a revolta de Shimon Bar Kochba (132 EC), durante o qual Jerusalém e a Judeia foram reconquistadas. No entanto, dado o enorme poder dos romanos, o resultado era inevitável. Três anos depois, de acordo com os costumes romanos, Jerusalém foi "arada com uma junta de bois"; a Judeia foi renomeada Palestina e Jerusalém, Aelia Capitolina.

Embora o templo tivesse sido destruído e Jerusalém totalmente queimada, os judeus e o judaísmo sobreviveram ao encontro com Roma. O órgão legislativo e judiciário supremo, o *Sinédrio* (sucessor da *Knesset Hagedolah*) foi reunido em Yavneh (70 EC) e, mais tarde, em Tiberíades. Sem a estrutura unificadora do Estado e do Templo, a pequena comunidade judaica restante se recuperou gradualmente, ocasionalmente fortalecida pela volta de grupos exilados. A vida institucional e comunal foi renovada, os sacerdotes foram substituídos por rabinos e a sinagoga tornou-se o foco das comunidades judaicas, como exemplificado pelos restos de sinagogas em Capernaum, Korazin, Bar'am, Gamla, etc. O *Halachá* (a lei religiosa judaica) serviu como elo comum entre os judeus e foi passado de geração a geração.

DOMINAÇÃO EXTERNA

Domínio bizantino (313 a 636)

Ao final do século IV, após o Imperador Constantino adotar o cristianismo (313) e a fundação do Império Bizantino, a Terra de Israel havia se tornado um país predominantemente cristão. Igrejas foram construídas em locais sagrados cristãos em Jerusalém, Belém e Galileia, e fundaram-se mosteiros em muitas regiões do país. Os judeus foram privados da autonomia relativa que tinham anteriormente, do direito de ocupar cargos públicos, e foram proibidos de entrar em Jerusalém, exceto em um dia do ano (*Tisha B'Av* — nove de Av) para lamentar a destruição do Templo .

A invasão persa de 614 foi auxiliada pelos judeus, inspirados pela esperança messiânica da libertação. Em troca de sua ajuda, eles receberam o governo de Jerusalém; esse período durou aproximadamente três anos. Subsequentemente, o exército bizantino recuperou o domínio da cidade (629) e mais uma vez expulsou seus habitantes judeus.

Domínio árabe (636 a 1099)

A conquista da Terra pelos árabes ocorreu quatro anos após a morte de Maomé (632) e durou mais de quatro séculos, com califas governando primeiro a partir de Damasco, depois de Bagdá e do Egito. No início, a colonização judaica em Jerusalém foi retomada, e a comunidade judaica recebeu o status de *dhimmi* (não muçulmanos protegidos), o que lhes garantia a vida, propriedade e liberdade de culto, em troca do pagamento de taxas e impostos territoriais especiais.

No entanto, logo restrições contra não muçulmanos (717) afetaram a conduta pública dos judeus, assim como suas práticas religiosas e seu status legal. A imposição de pesados impostos sobre terras agrícolas fez com que muitos se mudassem de áreas rurais para as cidades, onde sua situação melhorou pouco; enquanto isso, o aumento da discriminação social e econômica forçou muitos outros a deixar o país. Ao final do século XI, a comunidade judaica na Terra tinha diminuído consideravelmente, tendo perdido parte de sua coesão organizacional e religiosa.

Cruzados (1099 a 1291)

Durante os 200 anos seguintes, o país foi dominado pelos cruzados, que, atendendo a um apelo do Papa Urbano II, vieram da Europa para recuperar a Terra Santa dos infiéis. Em julho de 1099, após um cerco de cinco semanas, os cavaleiros da Primeira Cruzada e seu exército de plebeus capturaram Jerusalém, massacrando a maioria dos habitantes não cristãos da cidade. Presos em suas sinagogas, os judeus defenderam sua região, mas foram queimados vivos ou vendidos como escravos. Durante as décadas seguintes, os cruzados ampliaram seu poder sobre o restante do país, em parte por meio de tratados e acordos, mas principalmente através de sangrentas conquistas militares. O Reino Latino dos Cruzados constituía-se de uma minoria conquistadora, confinada em cidades e castelos fortificados.

Quando os cruzados abriram as rotas de transporte a partir da Europa, a peregrinação à Terra Santa tornou-se popular e, ao mesmo tempo, um número cada vez maior de judeus procurava

retornar à sua terra natal. Documentos da época indicam que 300 rabinos da França e da Inglaterra chegaram em um grupo, instalando-se em Acre (Akko), outros em Jerusalém.

Após a derrota dos cruzados pelo exército muçulmano de Saladino (1187), os judeus ganharam novamente certa liberdade, incluindo o direito de viver em Jerusalém. Embora os cruzados tenham conseguido uma presença no país após a morte de Saladino (1193), sua presença limitava-se a uma rede de castelos fortificados.

A autoridade dos cruzados na Terra terminou após uma derrota final (1291) pelos mamelucos, uma casta militar muçulmana que conquistara o poder no Egito.

Domínio mameluco (1291 a 1516)

Sob o domínio dos mamelucos, a Terra tornou-se apenas uma província, governada a partir de Damasco. Acre, Jaffa, e outros portos foram destruídos por receio de novas cruzadas, e o comércio marítimo e terrestre foi interrompido. Ao final da Idade Média, as cidades do país estavam praticamente em ruínas, a maior parte de Jerusalém estava abandonada, e a pequena comunidade judaica vivia na miséria. O declínio do domínio mameluco foi marcado por revoltas políticas e econômicas, pragas, gafanhotos, e terremotos devastadores.

Domínio otomano (1517 a 1917)

Após a conquista otomana, em 1517, o país foi dividido em quatro distritos, ligados administrativamente à província de Damasco e governados de Istambul. No início da era otomana, aproximadamente mil famílias judias viviam no país, principalmente em Jerusalém, Nablus (Siquém), Hebron, Gaza, Safed (Tzfat) e nas aldeias da Galileia. A comunidade era constituída por descendentes de judeus que sempre viveram na Terra, assim como imigrantes do norte da África e da Europa.

Um governo eficiente, até a morte (em 1566) do sultão Suleiman, o Magnífico, trouxe melhorias e estimulou a imigração judaica. Alguns recém-chegados se estabeleceram em Jerusalém, mas a maioria foi para Safed, onde, em meados do século 16, a população judaica havia aumentado para aproximadamente dez mil, e a cidade tornou-se um próspero centro têxtil e um foco de intensa atividade intelectual.

Durante esse período, o estudo da Cabala (misticismo judaico) floresceu e esclarecimentos da lei judaica, codificados no *Shulchan Aruch*, foram disseminados por toda a Diáspora a partir das casas de estudo de Safed.

Com um declínio gradual na qualidade do domínio otomano, o país todo muito negligenciado. Ao final do século XVIII, grande parte da Terra pertencia a proprietários ausentes, sendo arrendadas a agricultores empobrecidos, e a tributação era altíssima e arbitrária. As grandes florestas da Galileia e do monte Carmel foram desmatadas; pântanos e desertos invadiam as terras agrícolas.

O **sionismo**, o movimento de libertação nacional do povo judeu, recebeu este nome a partir da palavra "Sião", sinônimo tradicional de Jerusalém e da Terra de Israel. A ideia do sionismo — a redenção do povo judeu em sua pátria ancestral — está enraizada na contínua saudade e

profunda ligação à Terra de Israel, que é uma parte inerente da existência judaica na Diáspora através dos séculos.

O sionismo político surgiu em resposta à contínua opressão e perseguição de judeus na Europa Oriental e à desilusão com a emancipação na Europa Ocidental, que não pusera fim à discriminação nem levava à integração dos judeus nas sociedades locais. Sua expressão foi formalizada no estabelecimento da Organização Sionista (1897), durante o Primeiro Congresso Sionista, reunido por Theodor Herzl em Basileia, Suíça. O programa do movimento sionista continha elementos ideológicos e práticos para o incentivo do retorno dos judeus à Terra, facilitando o renascimento social, cultural, econômico e político da vida nacional judaica e procurando também alcançar um lar reconhecido internacionalmente e legalmente garantido para o povo judeu em sua pátria histórica, onde não fossem perseguidos e pudessem desenvolver suas próprias vidas e identidade.

Tempos modernos

Durante o século XIX, o atraso medieval foi aos poucos substituído pelos primeiros sinais de progresso, com várias potências ocidentais procurando uma posição dominante, muitas vezes através de atividades missionárias. Estudiosos britânicos, franceses e americanos iniciaram estudos de arqueologia bíblica; a Grã-Bretanha, a França, a Rússia, a Áustria e os Estados Unidos abriram consulados em Jerusalém. Navios a vapor passaram a ter rotas constantes de e para a Europa; conexões postais e telegráficas foram instaladas; a primeira estrada ligando Jerusalém a Jaffa foi construída. O renascimento do país como ponto de encontro comercial de três continentes foi acelerado pela abertura do Canal de Suez.

Consequentemente, a situação dos judeus do país foi melhorando, e seu número aumentou substancialmente. Na metade do século, a superpopulação no interior das muralhas de Jerusalém levou os judeus a construírem o primeiro bairro fora das muralhas (1860), e, nos vinte e cinco anos seguintes, adicionaram mais sete, formando o núcleo da nova cidade. Em 1870, Jerusalém tinha uma maioria absoluta judia. Terras para a agricultura foram compradas em todo o país; novos assentamentos rurais foram estabelecidos; a língua hebraica, há muito restrita à liturgia e à literatura, foi reavivada. Era o estágio ideal para o início do movimento sionista.

Inspirados pela ideologia sionista, dois grandes fluxos de judeus da Europa Oriental chegaram ao país no final do século XIX e início do século XX. Determinados a restaurar sua pátria pelo cultivo do solo, esses pioneiros recuperaram campos estéreis, construíram novos assentamentos e formaram a base para o que se tornaria uma próspera economia agrícola.

Os recém-chegados enfrentaram condições extremamente difíceis: a postura da administração otomana era hostil e opressiva; comunicações e transporte eram rudimentares e pouco seguros; nos pântanos havia a mortal malária; e o solo sofrera séculos de negligência. A aquisição de terras era restrita, e a construção foi proibida sem uma licença especial, que só podia ser obtida em Istambul. Embora essas dificuldades tenham dificultado o desenvolvimento do país, não o impediram. Com o início da I Guerra Mundial (1914), a população judaica na Terra era de 85.000, em comparação com os 5.000 do início do século XVI.

Em dezembro de 1917, forças britânicas, sob o comando do General Allenby, invadiram Jerusalém, terminando 400 anos de domínio otomano. A Legião Judaica, com três batalhões formados por milhares de voluntários judeus, era uma unidade essencial do exército britânico.

Domínio britânico (1918 a 1948)

Em julho de 1922, a Liga das Nações concedeu à Grã-Bretanha o Mandato sobre a Palestina (nome pelo qual o país era então conhecido). Reconhecendo a ligação histórica do povo judeu com a Palestina, foi solicitado à Grã-Bretanha que facilitasse o estabelecimento de um lar nacional judaico na Palestina e em Eretz Israel (Terra de Israel). Dois meses depois, em setembro de 1922, o Conselho da Liga das Nações e a Grã-Bretanha decidiram que as condições para a criação de um lar nacional judaico não valeriam para a região leste do rio Jordão, que constituía três quartos do território incluído no Mandato e que acabou por se tornar o Reino Hachemita da Jordânia.

Imigração

Motivados pelo sionismo e incentivados pela empatia britânica com as aspirações judaicas sionistas, conforme comunicado pelo secretário de Relações Exteriores Lord Balfour (1917), sucessivos grupos de imigrantes chegaram ao país, entre 1919 e 1939, cada um contribuindo para diferentes aspectos do desenvolvimento da comunidade judaica. Cerca de 35.000 judeus chegaram entre 1919 e 1923, principalmente da Rússia, e influenciaram muito o caráter e organização da comunidade durante anos. Esses pioneiros estabeleceram os alicerces de uma infraestrutura social e econômica abrangente, desenvolveram a agricultura, instalaram formas comunitárias cooperativas e únicas de assentamentos rurais — *kibutz* e *moshav* — e forneceram a mão de obra para a construção de casas e estradas.

A onda seguinte, com aproximadamente 60.000 judeus, que vieram principalmente da Polônia entre 1924 e 1932, foi fundamental para o desenvolvimento e enriquecimento da vida urbana. Esses imigrantes se estabeleceram principalmente em Tel Aviv, Haifa e Jerusalém, onde abriram pequenos negócios, empresas de construção e indústrias leves. A última grande onda de imigração antes da II Guerra Mundial, que incluiu aproximadamente 165 mil judeus, ocorreu na década de 1930, após a ascensão de Hitler ao poder na Alemanha. Os recém-chegados, muitos dos quais eram profissionais e acadêmicos, constituíram o primeiro grande grupo de imigrantes da Europa Ocidental e Central. Sua educação, habilidades e experiência aumentaram o padrão dos negócios, refinaram as condições urbanas e rurais, e ampliaram a vida cultural da comunidade.

Administração

As autoridades britânicas concederam às comunidades judaica e árabe o direito de administrarem seus próprios assuntos internos. Utilizando esse direito, a comunidade judaica, conhecida como *Yishuv*, elegeu (em 1920) um órgão autogovernante com base em representação partidária, que se reunia anualmente para analisar suas atividades e eleger o Conselho Nacional (*Va'ad Leumi*) para implantar suas políticas e programas. Financiados por recursos locais e fundos angariados pelo judaísmo mundial, uma rede nacional de serviços educacionais, religiosos, sociais e de saúde foi desenvolvida e mantida. Em 1922, conforme

estipulado no Mandato, uma "agência judaica" foi constituída para representar o povo judeu diante das autoridades britânicas, governos estrangeiros e organizações internacionais.

Desenvolvimento econômico

Durante as três décadas do Mandato, a agricultura foi desenvolvida; fábricas foram estabelecidas; novas estradas foram construídas em todo o país; as águas do rio Jordão foram represadas para a produção de energia elétrica; e o potencial mineral do Mar Morto foi aproveitado. A *Histadrut* (Federação Geral do Trabalho) foi fundada (1920) para apoiar o bem-estar dos trabalhadores e criar empregos através do estabelecimento de empresas cooperativas no setor industrial, assim como serviços de marketing para as colônias agrícolas.

Três movimentos clandestinos judeus ocorreram durante o período do Mandato Britânico. O maior deles foi a *Haganah*, fundada em 1920 pela comunidade judaica como uma milícia de defesa para a segurança da população judaica. A partir de meados dos anos 1930, o movimento também foi responsável por retaliações após os ataques árabes e respostas às restrições britânicas à imigração judaica com demonstrações e sabotagem em massa. O *Etzel*, organizado em 1931, rejeitou o autocontrole da *Haganah* e iniciou ações independentes contra alvos árabes e britânicos. O menor e mais militante dos grupos, o *Lehi*, foi criado em 1940. As três organizações foram dissolvidas com o estabelecimento das Forças de Defesa de Israel em junho de 1948.

Cultura

Dia após dia, surgia uma vida cultural que se tornaria exclusiva para a comunidade judaica na Terra de Israel. Arte, música, e dança se desenvolveram gradualmente com a criação de escolas e estúdios profissionais. Galerias e salas forneceram espaços para exposições e espetáculos, frequentados por um público exigente. A abertura de uma nova peça, o lançamento de um novo livro, ou uma exposição de retrospectiva de um pintor local eram imediatamente cobertos pela imprensa e tornaram-se objetos de animados debates em cafés e reuniões sociais.

A língua hebraica foi reconhecida como língua oficial do país, juntamente com o inglês e o árabe, e passou a ser usada em documentos, moedas e selos, assim como em programas de rádio. O mercado editorial aumentou, e o país surgiu como centro mundial de atividade literária em hebraico. Teatros de vários gêneros abriram suas portas para o público, juntamente com tentativas iniciais de escrever peças originais em hebraico.

O renascimento nacional judaico e o empenho da comunidade para reconstruir o país encontraram fortes oposições por parte dos nacionalistas árabes. Seu ressentimento explodiu em períodos de intensa violência (1920, 1921, 1929, 1936 a 1939), quando ataques não provocados foram lançados contra a população judaica, incluindo o Massacre de Hebron de 1929, o assédio no transporte judaico, e a queima de campos e florestas. Tentativas de diálogo com os árabes, realizadas no início do movimento sionista, foram infrutíferas, polarizando o sionismo e o nacionalismo árabe em uma situação potencialmente explosiva. Reconhecendo os objetivos opostos dos dois movimentos nacionais, a Grã-Bretanha recomendou (1937) a divisão do país em dois Estados, um judeu e outro árabe, ligados por uma união econômica. A

liderança judaica aceitou a ideia da divisão e permitiu que a agência judaica negociasse com o governo britânico para reformular os diversos aspectos da proposta. Os árabes foram intransigentemente contra qualquer plano de divisão.

A continuação de grandes ataques árabes antissemitas levou a Grã-Bretanha (em maio de 1939) à emissão de um Livro Branco, impondo restrições drásticas sobre a imigração judaica, apesar de, consequentemente, negar a judeus europeus um refúgio da perseguição nazista.

O início da II Guerra Mundial pouco depois levou David Ben-Gurion, posteriormente o primeiro primeiro-ministro de Israel, a declarar: *Vamos lutar na guerra como se não houvesse Livro Branco, e contra o Livro Branco como se não houvesse guerra.*

Holocausto

Distintivo amarelo que os judeus foram forçados a usar pelos nazistas

Durante a 2ª Guerra Mundial (1939 a 1945), o regime nazista executou um deliberado e sistemático plano para liquidar a comunidade judaica da Europa. Nesse período, aproximadamente seis milhões de judeus, incluindo um milhão e meio de crianças, foram assassinados. À medida que os exércitos nazistas varriam a Europa, os judeus eram selvagemmente perseguidos, submetidos a tortura e humilhação, e levados para guetos, onde tentativas de resistência armada causaram medidas ainda mais duras. A partir dos guetos, eles eram transportados para campos de concentração, onde alguns, com mais sorte, eram submetidos a trabalhos forçados, mas a maioria era executada em massa através de tiros ou câmaras de gás. Muitos não conseguiram escapar. Alguns fugiram para outros países, alguns se juntaram aos guerrilheiros, e outros foram escondidos por não judeus, que arriscaram suas próprias vidas ao fazerem isso. Consequentemente, apenas um terço dos judeus sobreviveu, incluindo aqueles que haviam deixado a Europa antes da guerra, de uma população de quase nove milhões, que outrora constituía a maior e mais vibrante comunidade judaica do mundo.

Após a guerra, a oposição árabe levou os britânicos a intensificar suas restrições sobre o número de judeus com permissão para entrar e se estabelecer no país. A comunidade judaica reagiu, instituindo uma ampla rede de imigração ilegal para resgatar sobreviventes do Holocausto. Entre 1945 e 1948, aproximadamente 85.000 judeus foram trazidos à Terra secretamente, por rotas muitas vezes perigosas, apesar do bloqueio naval britânico e patrulhas de fronteira preparadas para interceptar refugiados antes de chegarem ao país. Aqueles capturados foram internados em campos de detenção na ilha de Chipre, ou forçados a retornar para a Europa.

Voluntários judeus na 2ª Guerra Mundial: Mais de 26.000 homens e mulheres da comunidade judaica da Terra se ofereceram para juntarem-se às forças britânicas na luta contra a Alemanha nazista e seus aliados do Eixo, servindo no exército, força aérea e marinha. Em setembro de 1944, após um esforço prolongado da agência judaica no país e do movimento sionista no exterior para conseguir o reconhecimento da participação dos judeus da Palestina no esforço de guerra, a Brigada Judaica foi formada como uma unidade militar independente do exército britânico, com sua própria bandeira e emblema. Composta por aproximadamente

5.000 homens, a brigada agiu no Egito, no norte da Itália e no noroeste da Europa. Após a vitória dos Aliados na Europa (1945), muitos de seus membros juntaram-se às atividades de “imigração ilegal” para trazer sobreviventes do Holocausto à Terra de Israel.

A caminho da independência

A incapacidade da Grã-Bretanha de conciliar as exigências opostas das comunidades judaica e árabe levou o governo britânico a pedir que a "Questão da Palestina" fosse inscrita na agenda da Assembleia Geral das Nações Unidas (em abril de 1947). Como resultado, uma comissão especial foi constituída para elaborar propostas sobre o futuro do país. Em 29 de novembro de 1947, a Assembleia votou pela adoção da proposta do comitê de divisão da Terra em dois Estados, um judeu e outro árabe. A comunidade judaica aceitou o plano, mas os árabes o rejeitaram.

Após a votação da ONU, os militantes árabes locais, auxiliados por voluntários aleatórios de países árabes, lançaram violentos ataques contra a comunidade judaica, tentando frustrar a resolução da divisão e impedir o estabelecimento de um Estado judeu. Após uma série de contratempos, as organizações de defesa judaicas expulsaram a maioria das forças de ataque, tomando conta de toda a área alocada para o Estado judeu.

Em 14 de maio de 1948, quando o mandato britânico chegou ao fim, a população judaica na Terra chegava a 650.000 pessoas, formando uma comunidade organizada com instituições políticas, sociais e econômicas bem desenvolvidas — de fato, uma nação e Estado em todos os sentidos, exceto no nome.

ESTADO DE ISRAEL

Plano de Divisão de 1947 (Resolução 181 da ONU)
Líbano
Mar Mediterrâneo
Tel Aviv
Haifa
Síria
Jaffa
Jerusalém
Bersebá
Egito
Transjordânia
Estado judeu
Estado árabe
Zona Internacional

Linhas do Armistício de 1949 a 1967
Líbano
Síria
Mar Mediterrâneo
Haifa
Samaria
Tel Aviv-Yafo
Jerusalém
Judeia
Bersebá
Egito
Israel
Israel
Jordânia
Eilat
Sob o domínio da Jordânia
Sob a administração egípcia

Em 14 de maio de 1948, Israel proclamou sua independência. Menos de 24 horas depois, os exércitos normais do Egito, Jordânia, Síria, Líbano e Iraque invadiram o país, forçando Israel a defender a soberania que acabara de reconquistar em sua pátria ancestral.

Na chamada Guerra de Independência de Israel, as recém-formadas e pouco preparadas forças de defesa de Israel (IDF) expulsaram os invasores em ferozes batalhas intermitentes, em um período que durou aproximadamente 15 meses e custou a vida de seis mil israelenses (quase 1% da população judaica do país na época).

Durante os primeiros meses de 1949, negociações diretas foram realizadas sob os auspícios da ONU entre Israel e cada um dos países invasores (exceto o Iraque, que se recusou a negociar com Israel), resultando em acordos de armistício que refletiam a situação ao final das disputas.

Assim, a Planície Costeira, a Galileia e todo o Neguev ficaram sob a soberania israelense, a Judeia e a Samaria (Cisjordânia) ficaram sob o domínio da Jordânia, a Faixa de Gaza ficou sob a administração egípcia, e a cidade de Jerusalém ficou dividida, com a Jordânia controlando a parte leste, incluindo a Cidade Velha, e Israel, o setor ocidental.

A construção do Estado

Com o fim da guerra, Israel concentrou-se na construção do Estado que o povo tinha lutado tanto para recuperar. Os primeiros 120 assentos do *Knesset* (do parlamento) entraram em funcionamento após as eleições nacionais (em 25 de janeiro de 1949) em que quase 85% de todos os eleitores votaram. Duas das pessoas que haviam conduzido Israel à independência tornaram-se líderes do país: David Ben-Gurion, líder da agência judaica, foi escolhido como primeiro primeiro-ministro, e Chaim Weizmann, presidente da Organização Sionista Mundial, foi eleito pelo *Knesset* como primeiro presidente. Em 11 de maio de 1949, Israel tornou-se o 59º membro das Nações Unidas.

De acordo com o conceito de "reunir os exilados", que está no cerne da razão de ser de Israel, os portões do país foram abertos, afirmando o direito de cada judeu de vir para o país e, ao entrar, adquirir cidadania. Nos primeiros quatro meses de independência, aproximadamente 50.000 recém-chegados, principalmente sobreviventes do Holocausto, chegaram às praias de Israel. Até o final de 1951, um total de 687.000 homens, mulheres e crianças chegaram, mais de 300.000 deles refugiados de países árabes, duplicando assim a população judaica.

A crise econômica causada pela Guerra da Independência e a necessidade de sustentar uma população em rápido crescimento exigiram austeridade no país e ajuda financeira do exterior.

A assistência prestada pelo governo dos Estados Unidos, empréstimos de bancos americanos, as contribuições dos judeus da Diáspora e reparações alemãs após a guerra foram usados para construir casas, mecanizar a agricultura, estabelecer uma frota mercante e uma companhia aérea nacional, explorar minerais disponíveis, desenvolver indústrias e expandir rodovias, telecomunicações e redes elétricas.

No final da primeira década, a produção da indústria dobrou, assim como o número de pessoas empregadas, com as exportações industriais aumentando quatro vezes. A vasta expansão das áreas cultivadas trouxe autossuficiência no fornecimento de todos os produtos alimentares básicos, exceto carne e grãos, enquanto aproximadamente 50.000 hectares de terra árida foram arborizados e árvores foram plantadas ao longo de quase 500 milhas (800 km) de rodovias.

O sistema educacional, desenvolvido pela comunidade judaica no período pré-estatal e que agora incluía o setor árabe, expandiu-se consideravelmente. Frequentar as escolas tornou-se gratuito e obrigatório para todas as crianças com idades entre 5 e 14 anos (em 1978 tornou-se obrigatório até os 16 anos e gratuito até os 18). Atividades culturais e artísticas floresceram, misturando elementos do Oriente Médio, do Norte Africano e ocidentais, pois os judeus chegando de todas as partes do mundo trouxeram consigo as tradições específicas de suas comunidades e aspectos da cultura dominante dos países onde tinham vivido por gerações. Quando Israel comemorou seu décimo aniversário, a população ultrapassava dois milhões.

Campanha do Sinai de 1956
Israel
Sob o domínio da Jordânia
Líbano
Síria
Área capturada por Israel e devolvida
Haifa
Tel Aviv-Yafo
Samaria
Mar Mediterrâneo
Sinai
Egito
Jerusalém
Judeia
Bersebá
Jordânia
Eilat
Arábia Saudita
Mar Vermelho

Campanha do Sinai de 1956

Os anos de construção do Estado foram ofuscados por graves problemas de segurança. Os acordos de armistício de 1949 não só haviam fracassado ao tentar pavimentar o caminho para a paz permanente, mas também eram constantemente violados. Contradizendo a Resolução do dia 1º de setembro de 1951 do Conselho de Segurança da ONU, a passagem de transportes israelenses e para Israel foi impedida pelo Canal de Suez; o bloqueio do Estreito de Tiran foi reforçado; incursões em Israel de grupos terroristas provenientes dos países árabes vizinhos para assassinatos e sabotagens ocorreram com frequência cada vez maior, e a península do Sinai foi gradualmente convertida em uma imensa base militar egípcia.

Com a assinatura de uma aliança militar tríplice entre o Egito, a Síria e a Jordânia (outubro de 1956), a ameaça iminente à existência de Israel foi intensificado. Durante uma campanha de oito dias, as FDI capturaram a Faixa de Gaza e a Península do Sinai inteira, parando 10 milhas (16 km) a leste do Canal de Suez. A decisão das Nações Unidas de implementar uma Força de Emergência das Nações Unidas (UNEF) ao longo da fronteira Egito-Israel e garantias egípcias de livre navegação no Golfo de Eilat levaram Israel a concordar com uma retirada gradual (novembro de 1956 a março de 1957) das áreas tomadas semanas antes. Consequentemente, o Estreito de Tiran foi aberto, permitindo o desenvolvimento do comércio com a Ásia e com países do leste Africano, assim como importações de petróleo do Golfo Pérsico.

Anos de consolidação

Durante a segunda década de Israel (1958 a 1968), as exportações duplicaram e o PIB subiu aproximadamente 10% anualmente. Enquanto alguns itens anteriormente importados, como papel, pneus, rádios e refrigeradores, eram agora fabricados localmente, o crescimento mais rápido ocorreu em setores mais recentes: metais, maquinaria, produtos químicos e eletrônicos. Como o mercado interno para alimentos locais estava se aproximando

rapidamente do ponto de saturação, o setor agrícola começou a cultivar uma maior variedade de culturas para a indústria de processamento de alimentos, assim como produtos frescos para exportação. Um segundo porto de águas profundas foi construído na costa do Mediterrâneo em Ashdod, além daquele já existente em Haifa, para lidar com o aumento do volume de comércio.

Em Jerusalém, uma sede permanente para o Knesset foi estabelecida, e instalações para a Universidade Hebraica e para o centro médico de Hadassah Medical Center foram construídas em locais alternativos para substituir os edifícios originais no Monte Scopus, que teve que ser abandonado após a Guerra da Independência. Ao mesmo tempo, o Museu de Israel foi criado com o objetivo de coletar, preservar, estudar e expor os tesouros culturais e artísticos do povo judeu.

As relações exteriores de Israel expandiram-se de forma constante, pois uma relação foi desenvolvida com os Estados Unidos, com países da Comunidade Britânica, com a maioria dos países da Europa Ocidental, com quase todos os países da América Latina e da África, e com alguns da Ásia. Abrangentes programas de cooperação internacional foram iniciados, e centenas de médicos, engenheiros, professores, agrônomos, especialistas em irrigação, e organizadores de jovens israelenses compartilharam seu conhecimento e experiência com pessoas de outros países em desenvolvimento. Em 1965, houve uma troca de embaixadores com a República Federal da Alemanha, um movimento adiado até então devido à mágoa do povo judeu em relação aos crimes cometidos durante o regime nazista (1933 a 1945). Oposições veementes e debates públicos precederam a normalização das relações entre os dois países.

Julgamento do **criminoso de guerra nazista Adolf Eichmann** em Jerusalém • G.P.O. / J. Milli

Julgamento de Eichmann: Em maio de 1960, Adolf Eichmann, chefe de operações do programa de assassinato nazista durante a II Guerra Mundial, foi trazido ao país para ser julgado de acordo com a lei de Israel relacionada aos nazistas e colaboradores nazistas (de 1950). No julgamento, iniciado em abril de 1961, Eichmann foi considerado culpado de crimes contra a humanidade e do povo judeu e condenado à morte. Seu apelo à Suprema Corte foi rejeitado e ele foi enforcado em 30 de maio de 1962. Essa foi a única vez que a pena de morte foi realizada sob a lei israelense.

Guerra dos Seis Dias de 1967

Mar Mediterrâneo
Haifa
Líbano
Egito
Tel Aviv-Yafo
Jerusalém
Bersebá
Jordânia
Sinai
Eilat
Arábia Saudita

Mar Vermelho
Linhas de cessar-fogo após a Guerra dos Seis Dias de 1967

A esperança por mais uma década de relativa tranquilidade foi frustrada com o aumento de ataques terroristas árabes através das fronteiras com o Egito e a Jordânia, persistentes bombardeio de artilharia da Síria, vindos de assentamentos agrícolas no norte da Galileia, e enormes ataques militares dos países árabes vizinhos. Quando o Egito enviou novamente um grande número de tropas para o deserto do Sinai (em maio de 1967), ordenou que as forças de paz da ONU (estabelecidas desde 1957) saíssem da região, restabeleceu o bloqueio do Estreito de Tiran, e entrou em uma aliança militar com a Jordânia, Israel viu-se diante de exércitos árabes hostis em todas as frentes. À medida que seus vizinhos se preparavam para destruir o Estado judeu, Israel invocou seu direito inerente de legítima defesa, lançando um ataque preventivo (em 5 de junho de 1967) contra o Egito pelo sul do país, seguido por um contra-ataque contra a Jordânia pelo leste e um encaminhamento das forças sírias entrincheiradas nas Colinas de Golã pelo norte.

Após seis dias de batalha, as antigas linhas de cessar-fogo foram substituídas por outras, com a Judeia, Samaria, Gaza, a Península do Sinai e as Colinas de Golã sob o controle de Israel. Consequentemente, as aldeias do norte foram libertadas após 19 anos de bombardeios sírios recorrentes; a passagem transporte de e para Israel através do Estreito de Tiran estava assegurada; e Jerusalém, que estivera dividida entre Israel e Jordânia desde 1949, foi reunificada sob a autoridade de Israel.

De guerra em guerra

Após a guerra, o desafio diplomático de Israel era traduzir suas vitórias militares em paz permanente com base na Resolução nº 242, que pedia *reconhecimento da soberania, integridade territorial e independência política de cada Estado da região e seu direito de viver em paz dentro de fronteiras seguras e reconhecidas, livres de ameaças ou atos de força*. No entanto, a posição árabe, tal como formulada na Cúpula de Cartum (em agosto de 1967) não aceitava *paz, negociações nem o reconhecimento de Israel*. Em setembro de 1968, o Egito iniciou uma "guerra de desgaste", com ações esporádicas e estáticas ao longo das margens do Canal de Suez, que, por sua vez, transformaram-se em lutas reais e localizadas em grande escala, causando mortes dos dois lados. As hostilidades terminaram em 1970, quando Egito e Israel aceitaram renovar o cessar-fogo ao longo do Canal de Suez.

Guerra de Iom Kipur de 1973

Durante três anos, houve uma calma relativa ao longo das fronteiras; então, no Iom Kipur (Dia do Perdão), o dia mais sagrado do ano judaico, o Egito e a Síria lançaram um ataque de surpresa coordenado contra Israel (em 6 de outubro de 1973). O exército egípcio atravessou o Canal de Suez e tropas sírias invadiram as Colinas de Golã. Durante as três semanas seguintes, as Forças de Defesa de Israel mudaram o rumo da batalha e afastaram os ataques, atravessando o Canal de Suez no Egito e avançando 20 milhas (32 km) para dentro da capital síria, Damasco. Dois anos de difíceis negociações entre Israel e o Egito e entre Israel e a Síria

resultaram em acordos de retirada, que determinaram que Israel se retirasse de partes dos territórios capturados durante a guerra.

Operação Paz para a Galileia de 1982

Israel nunca quis conflito com seu vizinho do norte, o Líbano. No entanto, quando a Organização de Libertação da Palestina (OLP) se instalou no sul do Líbano após ter sido expulsa da Jordânia (1970) e perpetrou várias ações terroristas contra as cidades e aldeias do norte de Israel (Galileia), causando muitas vítimas e danos, as Forças de Defesa de Israel cruzaram a fronteira com o Líbano (1982). A "Operação Paz para a Galileia" conseguiu remover da região a maior parte da infraestrutura organizacional e militar da OLP. Durante os 18 anos seguintes, Israel manteve uma pequena zona de segurança no sul do Líbano, adjacente à sua fronteira do norte, para proteger a população da Galileia contra ataques.

2ª Guerra do Líbano

Em maio de 2000, Israel retirou todas as suas forças da zona de segurança no sul do Líbano. No entanto, o Líbano não cumpriu as resoluções 425 e 1559 do Conselho de Segurança da ONU, que exigem o desmantelamento do Hezbollah e o deslocamento do exército libanês no sul do Líbano.

Consequentemente, houve violência em julho de 2006, após o Hezbollah raptar dois soldados israelenses e bombardear cidades do norte de Israel. No conflito que se seguiu, depois conhecido como II Guerra do Líbano, mais de 4.000 mísseis foram disparados contra civis em Israel. Os combates terminaram em agosto de 2006, e a Resolução 1701 do CSONU foi aprovada, pedindo a libertação incondicional dos soldados israelenses capturados, a implantação de soldados libaneses e da FINUL em todo o sul do Líbano, e o estabelecimento de um embargo sobre armas fornecidas aos grupos armados libaneses.

Operação em Gaza em 2008

Após a retirada israelense da Faixa de Gaza e de quatro assentamentos no norte da Cisjordânia, em 2005, e a eleição do Hamas, em 2007, o terrorismo contra Israel aumentou. Milhares de mísseis foram disparados da Faixa de Gaza contra o sul de Israel, resultando em danos materiais e danos físicos e psicológicos à população que vive no sul, e forçando Israel a tomar uma ação militar na forma da Operação Chumbo Fundido (27 de dezembro de 2008 até 18 de janeiro de 2009).

Todo ano, Israel comemora o aniversário do assassinato do primeiro-ministro Yitzhak Rabin. Seu assassinato, em 4 de novembro de 1995, por um extremista judeu mergulhou o país em luto profundo pelo soldado-estadista, que havia saído do campo de batalha para liderar a nação em direção à paz.

Da guerra à paz

As eleições Knesset em 1977 trouxeram o bloco Likud (uma coligação de partidos de direita e de centro) ao poder, pondo fim a quase 30 anos de domínio do Partido Trabalhista. O novo

primeiro-ministro, Menachem Begin, reiterou o compromisso de todos os ministros anteriores de lutar pela paz permanente na região e chamou os líderes árabes à mesa de negociações.

A visita do presidente egípcio Anwar Sadat a Jerusalém (em novembro de 1977) marcou o fim da rejeição árabe aos apelos de Israel pela paz. Foi seguida por negociações entre o Egito e Israel, sob os auspícios dos americanos. Os Acordos de Camp David resultantes (em setembro de 1978) continham uma estrutura para uma paz global no Oriente Médio, incluindo uma proposta detalhada de autogoverno para os palestinos.

Em 26 de março de 1979, Israel e Egito assinaram um tratado de paz em Washington, EUA, terminando os 30 anos de guerra entre eles. De acordo com os termos do tratado, Israel retirou-se da Península do Sinai, trocando antigas linhas de cessar-fogo e acordos de armistício pelo reconhecimento mútuo das fronteiras internacionais.

Os três anos de negociações entre a Jordânia e Israel, após a Conferência de Paz de Madrid, em 1991, culminaram com uma declaração do Rei Hussein, do Reino Hachemita da Jordânia, e do primeiro-ministro Yitzhak Rabin (em julho de 1994), finalizando os 46 anos de guerra entre os dois países. O tratado de paz entre Jordânia e Israel foi assinado no posto fronteira do Aravá (perto de Eilat em Israel e Akaba na Jordânia) em 26 de outubro de 1994, na presença do presidente americano Bill Clinton.

Fronteira internacional
Linha de cessar-fogo
Haifa
Tel Aviv-Yafo
Líbano
Mar Mediterrâneo
Jerusalém
Egito
Sinai
Bersebá
Eilat
Mar Vermelho
Jordânia
Arábia Saudita
Paz com o Egito e a Jordânia

TERRORISMO: O terrorismo árabe e palestino contra Israel existe há décadas, antes e depois do estabelecimento do Estado de Israel. Milhares de ataques terroristas que resultaram em morte e ferimentos de civis israelenses ocorreram durante as duas décadas anteriores à Guerra dos Seis Dias de 1967 (o que levou à presença de Israel nos territórios). Após sua criação, em 1964, a OLP ficou à frente da campanha terrorista.

Durante os anos 1970 e 1980, as várias organizações terroristas comandadas pela OLP lançaram vários ataques dentro e fora de Israel. Um dos ataques mais notórios foi o assassinato de 11 atletas israelenses nas Olimpíadas de Munique, em 1972.

Apesar do compromisso palestino, em 1993, a terminar o terrorismo, proporcionando assim a base para o processo de paz palestino-israelense, os ataques terroristas continuaram, e intensificaram-se ainda mais após setembro de 2000, resultando na morte de mais de mil civis israelenses e ferindo milhares outros.

Desafios internos

Durante os anos 1980 e 1990, Israel aceitou mais de um milhão de novos imigrantes, principalmente da antiga União Soviética, da Europa Oriental, e da Etiópia. A chegada de tantos novos consumidores e de um grande número de trabalhadores qualificados e não qualificados impulsionou a economia, criando um período de expansão acelerada.

O governo que chegou ao poder após as eleições Knesset, em 1984, era composto pelos dois principais blocos políticos — o Trabalhista (esquerda/centro) e Likud (direita/centro). Foi substituído em 1988 por uma coalizão liderada pelo Likud, seguida em 1992 por uma coalizão do Partido Trabalhista e outros partidos esquerdistas menores. Após o assassinato do primeiro-ministro Yitzhak Rabin, em 1995, novas eleições foram realizadas em 1996. Eleições diretas levaram o primeiro-ministro Binyamin Netanyahu ao poder, formando então uma coalizão liderada pelo Likud. Menos de três anos depois, seu governo foi derrotado. Em 1999, Ehud Barak, líder do Partido One Israel (esquerda/centro), foi eleito primeiro-ministro e formou um governo de coalizão. Ele renunciou em dezembro de 2000. Ariel Sharon, líder do Likud, foi primeiro-ministro do início de 2001 até o início de 2006, quando sofreu um derrame. Ehud Olmert, líder do Partido Kadima, formado por Sharon em novembro de 2005, foi seu sucessor como primeiro-ministro.

Após a saída de Ehud Olmert, Benjamin Netanyahu foi eleito primeiro-ministro em eleições antecipadas, realizadas em fevereiro de 2009, e formou um governo de coalizão de base ampla.

Cada governo procurou conquistar a paz, o desenvolvimento econômico, e a absorção de imigrantes de acordo com suas próprias convicções políticas.

O PROCESSO DE PAZ

Desde a assinatura do tratado de paz entre Egito e Israel (em 1979), várias iniciativas foram apresentadas por Israel e outros para promover o processo de paz no Oriente Médio. Essas tentativas acabaram por levar à convocação da Conferência de Paz de Madri (em outubro de 1991), realizada sob os auspícios dos americanos e soviéticos, que reuniu representantes de Israel, Síria, Líbano, Jordânia e Palestina. Os processos formais foram seguidos por negociações bilaterais entre as partes e por conversas multilaterais sobre preocupações regionais.

Conversas bilaterais

Israel e os palestinos: Após meses de intensos contatos discretos em Oslo entre negociadores de Israel e da Organização para a Libertação da Palestina (OLP), uma Declaração de Princípios (DP) foi formulada, delineando determinações de autogoverno dos palestinos na Cisjordânia e na Faixa de Gaza. Sua assinatura, em 13 de setembro de 1993, foi precedida por uma troca de cartas entre o presidente da OLP, Yasser Arafat, e o primeiro-ministro Yitzhak Rabin, em que a OLP renunciou ao uso do terrorismo, comprometeu-se a invalidar os artigos em sua aliança que negam o direito de existência de Israel, e comprometeu-se a uma resolução pacífica do conflito, que já durava décadas. Em resposta, Israel reconheceu a OLP como representante do povo palestino.

O DP continha princípios gerais mutuamente acordados em relação a um período de cinco anos de autogoverno palestino e uma estrutura para as várias fases de negociações entre Israel-Palestina. As determinações para o autogoverno palestino na Faixa de Gaza e na área de Jericó foram implementadas em maio de 1994; a transferência de competências e responsabilidades na Cisjordânia em termos de educação e cultura, saúde, assistência social, fiscalização direta e turismo foi implementada três meses depois. O DP e outros acordos assinados entre Israel e os palestinos culminaram com a assinatura do Acordo Provisório Israel-Palestina em setembro de 1995.

Esse acordo incluía uma ampliação do autogoverno palestino por meio de uma autoridade governante autoeleita, o Conselho Palestino (eleito em janeiro de 1996), e a continuação do restabelecimento das FDI na Cisjordânia. O acordo também iniciou o mecanismo que rege as relações entre israelenses e palestinos, que levaria a um acordo definitivo. Nos termos do Acordo Provisório, a Cisjordânia foi dividida em três tipos de regiões:

Região A — inclui as principais cidades da Cisjordânia: responsabilidade total do conselho palestino pela segurança interna e ordem pública, assim como por assuntos civis. (A cidade de Hebron estava sujeita a um regime especial, estabelecido no Acordo Provisório; o protocolo relativo ao restabelecimento em Hebron foi assinado em janeiro de 1997.)

Região B — composta por pequenas cidades e aldeias na Cisjordânia: Responsabilidade do conselho palestino por questões civis (como na região A) e pela manutenção da ordem pública, enquanto Israel manteve a responsabilidade primordial pela segurança, para proteger seus cidadãos e combater o terrorismo.

Região C — composta por todos os assentamentos judaicos, regiões de importância estratégica para Israel, e áreas praticamente despovoadas na Cisjordânia: responsabilidade

total de Israel pela segurança e ordem pública, assim como responsabilidades civis relacionadas ao território (planejamento e zoneamento, arqueologia, etc.). O conselho palestino assume a responsabilidade em relação a todas as outras esferas civis da população palestina.

O calendário para a implementação das fases de maior restabelecimento, conforme especificado no acordo provisório, foi revisto em várias ocasiões pelos dois lados, principalmente no Memorando de Wye River, de outubro de 1998. Após essas revisões acordadas, Israel completou a primeira e segunda fase do Processo de Restabelecimento Adicional (PRA) em março de 2000. Como resultado dos restabelecimentos, mais de 18% da Cisjordânia constituíram a Região A e mais de 21% constituíram a Região B, com 98% da população palestina da Cisjordânia sob o controle da autoridade palestina.

Negociações finais entre as partes, para determinar a natureza do acordo permanente entre Israel e os palestinos, começou conforme previsto, em maio de 1996. Atentados suicidas, perpetrados por terroristas do Hamas em Jerusalém e Tel Aviv durante 1996, tornaram o processo de paz negativo para Israel. Houve então uma pausa de três anos, e as negociações finais só foram retomadas após o Memorando Sharm e-Sheikh (em setembro de 1999). Questões a serem tratadas com incluíam: refugiados, assentamentos, questões de segurança, fronteiras, Jerusalém, e muito mais. A convite do presidente dos EUA, Bill Clinton, o primeiro-ministro israelense Ehud Barak e o presidente da autoridade palestina, Yasser Arafat, participaram de uma cúpula em Camp David em julho de 2000 para retomar as negociações. A cúpula terminou sem acordo, pois Arafat, o presidente da AP, recusou-se a aceitar a generosa proposta. No entanto, um comunicado trilateral foi emitido, definindo os princípios acordados para orientar futuras negociações.

Em setembro de 2000, os palestinos iniciaram uma intifada, uma campanha de terrorismo e violência indiscriminados, causando mortes e sofrimento para os dois lados. Inúmeras tentativas de acabar com o confronto violento e renovar o processo de paz fracassaram devido ao contínuo terrorismo palestino.

Israel aceitou a visão apresentada no discurso do presidente dos EUA, George W. Bush, em 24 de junho de 2002, para acabar com o terrorismo palestino, a ser seguido pela resolução final de todas as questões e pela paz.

Em 25 de maio de 2003, Israel aceitou o roteiro, juntamente com comentários que Israel considera essenciais para sua implementação e um compromisso dos EUA para lidar com estes comentários. No entanto, os palestinos ainda não cumpriram suas obrigações relativas à primeira fase do roteiro, principalmente a cessação incondicional do terrorismo e o fim da incitação. Uma das medidas tomadas por Israel contra o terrorismo é a construção de um muro antiterrorista.

Em agosto de 2005, Israel desligou-se da Faixa de Gaza e de quatro assentamentos no norte da Samaria (Cisjordânia), procurando acabar com o impasse no processo de paz após cinco anos de terrorismo palestino. No entanto, o terrorismo palestino continuou após a eleição do governo do Hamas, incluindo ataques com mísseis Kassam da Faixa de Gaza no norte do Neguev e o sequestro de um soldado israelense, exigindo uma ação militar israelense.

O novo governo israelense, eleito no início de 2009, fez várias tentativas de reiniciar o processo de paz. Infelizmente, essas tentativas foram todas frustradas pelos palestinos, com sua nova exigência de que os israelenses satisfizessem várias condições para que as negociações pudessem ser sequer recomeçadas. Foi somente em maio de 2010 que os palestinos concordaram em realizar conversas de proximidade.

Israel e Síria: dentro da fórmula de Madri, as negociações entre as delegações israelense e síria começaram em Washington e foram realizadas ocasionalmente com embaixadores, envolvendo altos funcionários norte-americanos.

Duas rodadas de negociações Israel-Síria (em dezembro de 1995 e janeiro de 1996) focaram a segurança e outras questões fundamentais. Altamente detalhados e abrangentes, as negociações identificaram importantes áreas de concordância e convergência conceituais para discussão e consideração futuras. As negociações entre Israel e Síria foram renovadas em janeiro de 2000, em Shepherdstown, EUA, após uma pausa de mais de três anos. No entanto, não trouxeram avanços; o encontro entre o Presidente Clinton e Hafez Assad em Genebra (em março de 2000) também não levou a novas negociações.

A Síria, juntamente com o Irã, apoiou as organizações terroristas mais violentas e perigosas, como Hezbollah e vários grupos terroristas palestinos.

Israel e Líbano: Em 23 de maio de 2000, Israel completou a retirada de todas as forças militares da zona de segurança no sul do Líbano, em conformidade com a decisão do governo israelense para implementar a Resolução 425 do CSONU. Infelizmente, o Líbano ainda não cumpriu totalmente sua parte da Resolução 425, nem da Resolução 1.559 (que exige o desmantelamento do Hezbollah e o deslocamento do exército libanês no sul do Líbano). Houve violência novamente, após o sequestro de dois soldados israelenses e o bombardeio de cidades do norte de Israel pelo Hezbollah em 12 de julho de 2006. Israel foi forçado a agir para remover a presença terrorista do Hezbollah no sul do Líbano, o que incluiu dezenas de milhares de mísseis de artilharia pesada fornecidos pelo Irã e Síria e disparados em milhões de civis israelenses. No conflito que se seguiu, mais tarde conhecido como II Guerra do Líbano, mais de 4.000 mísseis foram disparados contra alvos civis dentro de Israel, causando 44 vítimas civis e danos à infraestrutura civil e propriedades. Cento e dezenove soldados israelenses também foram mortos no conflito durante as operações militares. A luta terminou com a adoção, em 11 de agosto de 2006, da Resolução 1.701 do Conselho de Segurança, que exige a libertação incondicional dos soldados sequestrados, determina que o Líbano e a UNIFIL restabeleçam-se, juntos, em todo o sul do Líbano, e estabelece um embargo de armas para grupos libaneses não governamentais.

Negociações multilaterais

As negociações multilaterais constituíram o processo de paz, visando a encontrar soluções para os principais problemas regionais e proporcionar segurança para promover o desenvolvimento da normalização das relações entre as nações do Oriente Médio. Após a Multilateral Middle East Conference de Moscou (janeiro de 1992), com a participação de 36 países e organizações internacionais, as delegações dividiram-se em cinco grupos de trabalho para lidar com áreas específicas de interesses regionais comuns (meio ambiente, controle de

armas e segurança regional, refugiados, recursos de água, e desenvolvimento econômico) que se reúnem periodicamente em vários locais na região.

O comitê diretivo, composto por representantes das principais delegações e presidido por EUA e Rússia, coordena as negociações multilaterais. Desde o início da violência palestina em setembro de 2000, a maioria das atividades das negociações multilaterais estão paradas.

DESTAQUES HISTÓRICOS

Desenhos: Noam Nadav

AEC – Antes da Era Comum

Séculos XVII até VI AEC – Tempos bíblicos

c. Séc. XVII	Abraão, Isaac e Jacó, os patriarcas do povo judeu, se estabelecem na Terra de Israel. A fome força os israelitas a emigrar para o Egito
c. Séc. XIII	Moisés lidera os israelitas na saída do Egito, seguido por 40 anos de peregrinação no deserto; a <i>Torá</i> , incluindo os dez mandamentos, é recebida no Monte Sinai
c. Séc. XIII a XII	Os israelitas se estabelecem na Terra de Israel
c. 1020	A monarquia judaica é estabelecida; Saul é o primeiro rei
c. 1000	Jerusalém torna-se a capital do reino de Davi
c. 960	Primeiro templo, centro nacional e espiritual do povo judeu, é construído em Jerusalém pelo rei Salomão
c. 930	Reino dividido: Judá e Israel
722 a 720	Israel é destruído pelos assírios; 10 tribos exiladas (Dez Tribos Perdidas)
586	Judá é conquistado pela Babilônia Jerusalém e o Primeiro Templo são destruídos; a maioria dos judeus é exilada

Período do Segundo Templo

538 a 142	Períodos persa e helenístico
538 a 515	Muitos judeus retornam da Babilônia; Templo é reconstruído
332	A Terra é conquistada por Alexandre, o Grande; domínio helenístico
166 a 160	Revolta dos Macabeus (Asmoneus) contra as restrições à prática do judaísmo e profanação do Templo
142 a 129	Autonomia judaica sob a liderança dos Asmoneus
129 a 63	Independência judaica sob a monarquia dos Asmoneus
63	Jerusalém capturada pelo general romano Pompeu
63 AEC a 313 EC – Domínio romano	
63 a 4 AEC	Herodes, rei vassalo romano, governa a Terra de Israel Templo de Jerusalém é reformado

EC – Era Comum

c. 20 a 33	Ministério de Jesus de Nazaré
66	Revolta judaica contra os romanos
70	Destruição de Jerusalém e do Segundo Templo
73	Última fortaleza de judeus em Massada
132 a 135	Revolta de Bar Kochba contra Roma
c. 210	Codificação da Lei Oral judaica (Misná) concluída
313 a 636	Domínio bizantino
c. 390	Explicações da Misná (Talmude de Jerusalém) concluídas
614	Invasão persa
636 a 1099	Domínio árabe
691	No local do Primeiro e do Segundo Templo de Jerusalém, o Domo da Rocha é construído pelo califa Abd el-Malik
1099 a 1291	Dominação dos cruzados (Reino Latino de Jerusalém)
1291 a 1516	Domínio mameluco
1517 a 1917	Domínio otomano
1564	Código da lei judaica (<i>Shulchan Aruch</i>) é publicado
1860	Primeiro bairro construído fora dos muros da Cidade Velha de Jerusalém
1882 a 1903	Primeira <i>Aliá</i> (imigração em grande escala), principalmente da Rússia
1897	Primeiro Congresso Sionista, reunido por Theodor Herzl na Basileia, Suíça; fundação da Organização Sionista
1904 a 1914	Segunda <i>Aliá</i> , principalmente da Rússia e Polônia
1909	Primeiro <i>kibutz</i> , Degania, e a primeira cidade moderna completamente judia, Tel Aviv, são fundados
1917	Fim de 400 anos de domínio otomano com a conquista britânica Ministro de Relações Exteriores britânico, Balfour, declara o apoio ao estabelecimento de um "lar nacional judeu na Palestina"
1918 a 1948	Domínio britânico
1919 a 1923	Terceira <i>Aliá</i> , principalmente da Rússia
1920	Histadrut (Federação Geral do Trabalho) e <i>Haganah</i> (Organização de Defesa Judaica) fundadas <i>Vaad Leumi</i> (Conselho Nacional) instituído pela comunidade judaica (<i>Yishuv</i>) para administrar seus assuntos internos
1921	Primeiro moshav (aldeia cooperativa), Nahalal, fundada
1922	Mandato sobre a Palestina (Terra de Israel) é concedido à Grã-Bretanha pela Liga das Nações. Transjordânia determinada em três quartos da região, deixando um quarto para o lar nacional judaico Agência judaica, representante da comunidade judaica diante das autoridades do Mandato, é criada
1924	Technion, o primeiro instituto de tecnologia, fundado em Haifa
1924 a 1932	Quarta <i>Aliá</i> , principalmente da Polônia
1925	Universidade Hebraica de Jerusalém inaugurada no Monte Scopus
1929	Judeus de Hebron massacrados por terroristas árabes
1931	Etzel, organização clandestina judaica, é fundada
1933 a 1939	Quinta <i>Aliá</i> , principalmente da Alemanha
1936 a 1939	Revoltas antissemitas instigadas por terroristas árabes
1939	Imigração judaica é severamente limitada pelo Livro Branco britânico
1939 a 1945	2ª Guerra Mundial: Holocausto na Europa

1940 a 1941	Movimento clandestino <i>Lehi</i> é formado; <i>Palmach</i> , força de ataque da Haganá, é criada
1944	Brigada Judaica é formada como parte das forças britânicas
1947	A ONU propõe criação de Estados árabes e judeus na Terra
1948	Estado de Israel
1948	Fim do Mandato Britânico (14 de maio) Estado de Israel proclamado (14 de maio) Israel invadido por cinco países árabes (15 de maio) Forças de Defesa de Israel (FDI) criadas Guerra da Independência (maio de 1948 a julho de 1949)
1949	Acordos de armistício com Egito, Jordânia, Síria, Líbano Jerusalém dividida entre Israel e Jordânia Primeiro Knesset (parlamento) eleito Israel aceito na Organização das Nações Unidas como 59º membro
1948 a 1952	Imigração em massa da Europa e países árabes
1956	Campanha do Sinai
1961 a 1962	Adolf Eichmann julgado e executado em Israel por sua participação no Holocausto
1964	Transportadora Nacional de Águas concluída, trazendo água do Lago Kineret, no norte, até o sul, cujo clima é seco
1967	Guerra dos Seis Dias; Jerusalém reunificada
1968 a 1970	"Guerra de desgaste" entre Egito e Israel
1973	Guerra de Iom Kipur
1975	Israel torna-se membro associado do Mercado Comum Europeu
1977	<i>Likud</i> forma o governo após as eleições Knesset; fim de 30 anos de governo trabalhista Visita do presidente egípcio Anwar Sadat a Jerusalém
1978	Acordos de Camp David incluem a estrutura para uma paz abrangente no Oriente Médio e proposta de autogoverno palestino
1979	Tratado de paz entre Israel e Egito é assinado O primeiro-ministro Menachem Begin e o presidente Anwar Sadat recebem o Prêmio Nobel da Paz
1981	Força Aérea de Israel destrói o reator atômico do Iraque pouco antes do início de seu funcionamento
1982	Retirada de Israel da Península do Sinai é concluída em três etapas Operação Paz para a Galileia remove terroristas da Organização de Libertação da Palestina (OLP) do Líbano
1984	Unidade de governo nacional (Likud e Trabalhista) é formada após as eleições Operação Moisés: imigração de judeus da Etiópia
1985	Acordo de Livre Comércio assinado com os Estados Unidos
1987	Distúrbios violentos e generalizados (intifada) começam em regiões administradas por Israel
1988	O governo <i>Likud</i> vence as eleições
1989	Iniciativa de paz de quatro abordagens é proposta por Israel Início da imigração em massa de judeus da antiga União Soviética
1991	Israel é atacado por mísseis Scud iraquianos durante a Guerra do Golfo Conferência de paz no Oriente Médio convocada em Madri Operação Salomão: transporte aéreo de judeus da Etiópia
1992	Estabelecimento de relações diplomáticas com a China e Índia

	Novo governo liderado por Yitzhak Rabin do Partido Trabalhista
1993	Declaração de princípios sobre autogoverno provisório para os palestinos assinado por Israel e OLP, como representante do povo palestino (Acordos de Oslo)
1994	Implementação do autogoverno palestino na Faixa de Gaza e na região de Jericó Relações diplomáticas plenas com a Santa Sé Escritórios diplomáticos de Marrocos e da Tunísia são estabelecidos Tratado de paz entre Israel e Jordânia é assinado Rabin, Peres e Arafat recebem o Prêmio Nobel da Paz
1995	Ampliação do autogoverno palestino implementado na Cisjordânia e na Faixa de Gaza; eleição do conselho palestino O primeiro-ministro Yitzhak Rabin é assassinado em um comício de paz Shimon Peres torna-se primeiro-ministro
1996	Aumento do terrorismo fundamentalista árabe contra Israel Operação Vinhas da Ira, em retaliação aos ataques terroristas da Hizbullah ao norte de Israel Escritórios de representação comercial estabelecidos em Omã e Qatar Binyamin Netanyahu é eleito primeiro-ministro; forma governo de coalizão liderado por Likud Escritório de representação comercial de Omã é inaugurado em Tel Aviv
1997	Protocolo de Hebron assinado por Israel e pela AP
1998	Israel comemora seu 50º aniversário Israel e a OLP assinam o Memorando de Wye River para incentivar a implementação do Acordo Provisório
1999	Ehud Barak (do partido de esquerda One Israel) é eleito primeiro-ministro; forma governo de coalizão Israel e a OLP assinam o Memorando Sharm-e-Sheikh
2000	Visita do Papa João Paulo II Israel se retira da zona de segurança no sul do Líbano Israel entra no grupo Europa Ocidental e Outros, da ONU Mais violência (Segunda Intifada) Primeiro-ministro Barak renuncia
2001	Ariel Sharon (<i>Likud</i>) eleito primeiro-ministro; forma amplo governo de união Relatório de averiguação do comitê do Sharm-e-Sheikh (Relatório Mitchell) emitido Plano de trabalho palestino-israelense de implementação de segurança (plano Tenet de cessar-fogo), é proposto Rechavam Ze'evy, ministro do turismo, é assassinado por terroristas palestinos
2002	Israel lança a Operação Escudo Defensivo em resposta a enormes ataques terroristas palestinos Israel começa a construir o muro antiterrorista para impedir que terroristas da Cisjordânia matem cidadãos israelenses O primeiro-ministro Sharon desmancha o Knesset, solicitando novas eleições a serem realizadas em 28 de janeiro de 2003
2003	O governo de coalizão direito direitista é formado pelo primeiro-

	<p>ministro Ariel Sharon</p> <p>Israel aceita o roteiro</p>
2005	Israel realiza o Plano de Desligamento, acabando com a presença de Israel na Faixa de Gaza
2006	<p>Após o primeiro-ministro Sharon sofrer um derrame, Ehud Olmert se torna primeiro-ministro</p> <p>As eleições que se seguiram, em 28 de março, o primeiro-ministro Ehud Olmert forma novo governo liderado pelo Partido Kadima</p> <p>Israel realiza operações militares contra os terroristas palestinos em Gaza após sequestro de soldado israelense</p> <p>A 2ª Guerra no Líbano, durante a qual Israel realiza operações militares contra o terrorismo do Hezbollah no sul do Líbano, após ataques de mísseis e o sequestro de dois soldados israelenses</p>
2007	<p>Shimon Peres é eleito Presidente do Knesset</p> <p>Israel declara Gaza "território hostil" após a violenta tomada da Faixa de Gaza por Hamas</p>
2008	Israel celebra seu 60º aniversário; Israel lança sua Operação em Gaza (Operação Chumbo Fundido) em resposta ao bombardeio de mais de 10.000 mísseis e morteiros disparados da Faixa de Gaza
2009	<p>Benjamin Netanyahu é eleito primeiro-ministro em eleições nacionais, realizadas em fevereiro de 2009, e forma um governo de coalizão de base ampla</p> <p>A cidade de Tel Aviv comemora seu 100º aniversário</p>
2010	Israel se junta à Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômicos (OCDE)

O ESTADO

Estado

Estrutura política

Presidência

Legislação: Knesset

Executivo: Governo

Judiciário

Governo local

Forças de Defesa de Israel (FDI)

O ESTADO

A Proclamação do Estabelecimento do Estado de Israel, assinada em 14 de maio de 1948 por membros do Conselho Nacional, representando a comunidade judaica no país e o movimento sionista no exterior, constitui o credo da nação. Nele estão incluídos os imperativos históricos do renascimento de Israel, a estrutura de um estado judeu democrático, baseado na liberdade, justiça e paz, tal como previsto pelos profetas bíblicos, e uma solicitação por relações pacíficas com os Estados árabes vizinhos, para benefício de toda a região.

...na multidão de conselheiros há segurança. (Provérbios 11:14)

O ESTADO

Eretz Israel (Terra de Israel) foi o berço do povo judeu. Aqui, sua identidade espiritual, religiosa e política foi moldada. Foi aqui que eles tornaram-se um Estado, criaram valores culturais de significância nacional e universal e deram ao mundo o eterno Livro dos Livros.

...os judeus lutaram geração após geração para se restabelecerem em sua antiga terra natal. ...eles fizeram desertos florescerem, reavivaram a língua hebraica, construíram cidades e povoados e criaram uma comunidade próspera, controlando sua própria economia e cultura, adorando a paz mas sabendo como se defender...

O Estado de Israel ficará aberto para imigração judaica... fomentará o desenvolvimento do país para o benefício de todos os seus habitantes; será baseado na liberdade, justiça e paz conforme imaginado pelos profetas de Israel; assegurará completa igualdade de direitos sociais e políticos a todos os seus habitantes independentemente de sua religião, raça ou sexo; garantirá a liberdade de religião, consciência, linguagem, educação e cultura; protegerá os locais santos de todas as religiões; e será fiel aos princípios da Carta das Nações Unidas.

Estendemos nossa mão a todos os Estados vizinhos e seus povos, oferecendo paz e boa vizinhança, e apelamos a eles que estabeleçam laços de cooperação e ajuda mútua com o soberano povo judeu, estabelecido em sua própria terra.

(da Proclamação do Estabelecimento do Estado de Israel)

A bandeira do Estado de Israel é baseada no desenho do xale de oração judaico (*talit*), com um escudo azul de Davi (Magen Davi)

O emblema oficial do Estado de Israel é um candelabro (a menorá), cujo formato diz-se ser derivado do Moriá de sete braços, uma planta conhecida desde a antiguidade. Os ramos de oliveira em cada um dos lados representa o anseio de Israel pela paz.

Hatikva – O hino nacional

Enquanto no fundo do coração

A alma de um judeu anseia,

E, em direção ao oriente,

Um olho contempla Sião,

Nossa esperança ainda não está perdida,

A esperança de dois mil anos,

De ser um povo livre em nossa terra,

A terra de Sião e Jerusalém.

ESTRUTURA POLÍTICA

Presidentes de Israel

- Chaim Weizmann** (1949 a 1952), líder sionista, renomado cientista
- Yitzhak Ben- Zvi** (1952 a 1963), diretor da Agência Judaica, historiador
- Zalman Shazar** (1963 a 1973), político, historiador, estudioso, autor, poeta
- Efraim Katzir** (1973 a 1978), renomado bioquímico
- Yitzhak Navon** (1978 a 1983), político, educador, autor
- Chaim Herzog** (1983 a 1993), advogado, general do exército, diplomata, autor
- Ezer Weizman** (1993 a 2000), comandante da Força Aérea, político, empresário
- Moshe Katsav** (2000 a 2007), líder social, político
- Shimon Peres** (2007 até hoje), estadista, o ex-primeiro-ministro, laureado do Prêmio Nobel da Paz

Israel é uma democracia parlamentar que consiste em poderes legislativo, executivo e judicial. Suas instituições são: a presidência, o Knesset (parlamento), o governo (gabinete de ministros) e o Judiciário. O sistema é baseado no princípio da separação de poderes, em que o poder executivo (o governo) está sujeito ao Poder Legislativo (o Knesset) e a independência do poder judicial é garantida por lei.

	Chefe de Estado	
	Presidente	
Legislativo	Executivo	Judiciário
Representante	Primeiro-ministro	Sistema de juizados
Knesset	Governo	Procurador-geral
Comitês	Ministérios	
Prefeitos e chefes de conselho	Controladoria e Ouvidoria do Estado	
Conselhos locais		
	Eleitorado	

PRESIDÊNCIA

O *nasi* (presidente) tem o antigo título do chefe do Sinédrio, o supremo órgão legislativo e judicial do povo judeu na Terra de Israel nos tempos antigos. O presidente é o chefe de Estado, e a presidência simboliza a unidade da nação, acima e além dos partidos políticos. O presidente é eleito por maioria simples do Knesset entre candidatos nomeados com base em seu prestígio pessoal e em sua contribuição para o Estado ao longo da vida. A legislação revista (em 1998) prevê a eleição do presidente para um único mandato de sete anos.

As funções presidenciais, em sua maioria cerimoniais e formais, são definidas por lei. Elas incluem a abertura da primeira sessão de um novo Knesset; orientar um membro do Knesset para formar um novo governo; aceitar as credenciais de embaixadores estrangeiros; assinar tratados e leis aprovados pelo Knesset; nomear, por recomendação dos organismos adequados, os chefes das missões diplomáticas de Israel fora do país, juízes, e o governador do Banco de Israel; além de perdoar prisioneiros, a conselho do ministro da justiça. Além disso, o presidente desempenha funções públicas e tarefas informais, tais como ouvir apelos dos cidadãos, conferir prestígio para organizações comunitárias e fortalecer campanhas para melhorar a qualidade de vida da sociedade em geral.

LEGISLATIVO: KNESSET

O Knesset (parlamento unicameral israelense) é o órgão legislativo do país. O nome e o número fixo de 120 membros do Knesset vêm da Knesset Hagedolah (Grande Assembleia), representante do Conselho Judaico convocada em Jerusalém por Esdras e Neemias no século V AEC

Um novo Knesset passa a funcionar após as eleições gerais, que determinam sua composição. Na primeira sessão, os membros do Knesset declaram sua lealdade, e os representantes e vice-representantes do Knesset são eleitos. O Knesset normalmente dura quatro anos, mas pode dissolver-se ou ser dissolvido pelo primeiro-ministro a qualquer momento durante seu mandato. Até que um novo Knesset seja formalmente constituído após as eleições, o antigo Knesset retém plena autoridade.

O Knesset funciona em sessões plenárias e através de 15 comissões permanentes. Nas sessões plenárias, debates gerais são realizados sobre a legislação apresentada pelo governo ou por membros individuais do Knesset, assim como sobre a política e atividades do governo. Os debates são realizados em hebraico, mas os membros podem falar árabe, pois as duas são línguas oficiais. Há tradução simultânea disponível.

Para se tornar uma lei, um projeto de lei estatal deve passar por três leituras no Knesset (enquanto projetos de lei particulares passam por quatro leituras). Na primeira leitura, o projeto é apresentado ao plenário; em seguida, há um breve debate sobre seu conteúdo, e então ele é remetido à comissão apropriada do Knesset para discussão detalhada e reformulação, se necessário. Quando a comissão concluir seu trabalho, o projeto é devolvido ao plenário para segunda leitura; nesse momento, os membros da comissão que tiverem reservas podem apresentá-las ao plenário. Após um debate geral, cada artigo do projeto de lei é submetido para votação e, a menos que necessário devolvê-lo novamente à comissão, a terceira leitura ocorre imediatamente, e há uma votação sobre o projeto como um todo. Se o projeto for aprovado, é assinado pelo orador que preside e é posteriormente publicado no Diário Oficial, com as assinaturas do presidente, primeiro-ministro, orador do Knesset e do ministro responsável pela implementação da lei. Finalmente, o selo do Estado é afixado a ele pelo ministro da justiça, e o projeto de lei torna-se lei.

EXECUTIVO: GOVERNO

Primeiros-ministros de Israel

David Ben-Gurion (1948-54)

Moshe Sharett (1954 a 1955)

David Ben-Gurion (1955-63)

Levi Eshkol (1963 a 1969)

Golda Meir (1969 a 1974)

Yitzhak Rabin (1974-77)

Menachem Begin (1977 a 1983)

Yitzhak Shamir (1983-84)

Shimon Peres (1984-86)

Yitzhak Shamir (1986-92)

Yitzhak Rabin (1992-95)

Shimon Peres (1995-96)

Benjamin Netanyahu (1996 a 1999)

Ehud Barak (1999 a 2001)

Ariel Sharon (2001 a 2006)

Ehud Olmert (2006 a 2009)

Benjamin Netanyahu (2009 até hoje)

A autoridade executiva do Estado é o governo (gabinete de ministros), encarregado de administrar assuntos internos e externos, incluindo questões de segurança. Seus poderes de criação de política são muito amplos, e é autorizado a tomar medidas sobre qualquer assunto que não seja responsabilidade legal de outra autoridade.

O gabinete determina o seus próprios processos de trabalho e tomada de decisão. Normalmente, se reúne uma vez por semana, mas podem ocorrer reuniões adicionais conforme necessário. Ele também pode atuar por meio de comitês ministeriais.

Formação de um governo: Todos os governos até hoje foram baseados em coalizões de vários partidos, já que jamais algum partido recebeu assentos suficientes no Knesset para formar um governo sozinho.

Após consultas, o presidente apresenta a um membro do Knesset a responsabilidade de formar um governo. Para isso, esse membro do Knesset tem de apresentar, dentro de 28 dias após receber a responsabilidade pela formação de um governo, uma lista de ministros para aprovação do Knesset, juntamente com um resumo das diretrizes propostas pelo governo. Todos os ministros devem ser cidadãos israelenses e morar em Israel, e todos devem ser membros do Knesset.

Uma vez aprovados, os ministros são responsáveis perante o primeiro-ministro pelo cumprimento de seus deveres e responsáveis perante o Knesset por suas ações. A maioria dos ministros recebe uma carteira e a chefia de um ministério; os ministros que trabalhem sem carteira podem ser chamados a assumir a responsabilidade por projetos especiais. O primeiro-ministro também pode ser ministro de um portfólio específico.

Os ministros, com a aprovação do primeiro-ministro e do governo, podem nomear um vice-ministro para seu ministério; todos eles devem ser membros do Knesset.

Assim como o Knesset, o governo geralmente dura quatro anos, mas pode durar menos em caso de renúncia, incapacidade ou morte do primeiro-ministro, ou se houver um voto de não confiança por parte do Knesset.

Se o primeiro-ministro for incapaz de continuar no cargo devido à morte, incapacidade, renúncia ou *impeachment*, o governo nomeia um de seus membros (que deve ser um membro do Knesset) como primeiro-ministro em exercício. No caso de um voto de não confiança, o governo e o primeiro-ministro permanecerão em seus cargos até que um novo governo seja formado.

Procurador geral

As atividades jurídicas do governo são chefiadas pelo procurador-geral, quem detém o poder exclusivo de representar o Estado em todas as principais questões criminais, civis e administrativas. O governo é obrigado a abster-se de qualquer ação que seja ilegal, na opinião do procurador-geral, contanto que os tribunais não determinem o contrário.

Embora nomeado pelo governo, o procurador-geral trabalha independentemente do sistema político.

Eleições

As eleições são gerais, nacionais, diretas, igualitárias, secretas e proporcionais. O país como um todo constitui um único círculo eleitoral, e todos os cidadãos têm direito a voto a partir dos 18 anos. No dia da eleição, os eleitores votam em um partido político, que vai representá-los no Knesset.

O dia da eleição é feriado nacional, e há transporte gratuito disponível para os eleitores estiverem fora de seu distrito de votação naquele dia; há sessões eleitorais para os militares, pacientes de hospital, e presidiários, assim como para marinheiros mercantes e israelenses em missão oficial no exterior.

A Comissão Eleitoral Central, chefiada por um juiz da Suprema Corte e incluindo representantes dos partidos com assentos no Knesset, é responsável pelas eleições. Comissões eleitorais regionais supervisionam o bom funcionamento dos comitês eleitorais locais, que incluem representantes de pelo menos três partidos do Knesset que está sendo substituído.

Em cada eleição até hoje, entre 77% e 90% de todos os eleitores registrados votaram, expressando o grande interesse da maioria dos israelenses em sua política nacional e local.

As eleições do Knesset são baseadas em um voto em um partido, e não em indivíduos, e os diversos partidos políticos que se candidatam para o Knesset refletem uma ampla gama de visões e crenças.

PODER JUDICIÁRIO

A independência do poder judiciário é garantida por lei. Os juízes são nomeados pelo presidente, por recomendação de um comitê de indicações composto por juízes da Suprema Corte, membros do tribunal e figuras públicas. As nomeações são permanentes, com aposentadoria compulsória aos 70 anos.

Leis da Terra

Após sua independência (em 1948), Israel aprovou a Portaria de Lei e Administração, estipulando que as leis vigentes no país antes da criação do Estado permaneceriam em vigor contanto que não contradissem os princípios consagrados na Proclamação do Estabelecimento do Estado de Israel e não entrassem em conflito com as leis a serem promulgadas pelo Knesset. Assim, o sistema legal inclui elementos da lei otomana (em vigor até 1917), leis do Mandato Britânico, que incorporam um grande corpo de leis inglesas, elementos da lei religiosa judaica e alguns aspectos de outros sistemas.

No entanto, a característica dominante do sistema jurídico é o grande corpus de leis estatutárias e jurisprudência independentes, que vêm evoluindo desde 1948. Após o estabelecimento do Estado, o Knesset passou a ter poder para editar uma série de leis básicas, relativas a todos os aspectos da vida, que acabam por formar uma Constituição. Muitas leis básicas foram aprovadas, delineando as características fundamentais de um governo, como: o presidente, o Knesset, o governo, o poder judiciário, as Forças de Defesa de Israel, a controladoria do Estado, Liberdade de Ocupação e Dignidade e Liberdade Humanas (que trata de violação da vida, órgão ou dignidade de uma pessoa).

O sistema de juizados	
Juizados especiais (um só juiz)	Juizados de trabalho, tráfego, menores, militar e municipal, com jurisdição claramente definida; tribunais administrativos.
Tribunais religiosos (um ou três juízes)	Jurisdição em questões de estatuto pessoal (casamento, divórcio, manutenção, tutela, adoção), sob o controle de instituições judiciais das respectivas comunidades religiosas: Tribunais judeus rabínicos, tribunais <i>sharia</i> muçulmanos, tribunais religiosos drusos, tribunais eclesiásticos das dez comunidades cristãs reconhecidas em Israel.
Tribunal de magistrados (um só juiz)	Infrações penais civis e pequenas; jurisdição em processos civis e criminais.
Tribunal distrital (um ou três juízes)	Jurisdição de apelação sobre os tribunais magistrados; jurisdição original em casos civis e criminais mais importantes.
Supremo Tribunal de Justiça (1, 3, 5 ou mais juízes, sempre em número ímpar)	Jurisdição de apelação final em todo o país; direito de tratar de questões quando necessário, e intervir em prol da justiça; autoridade para liberar pessoas detidas ou presas ilegalmente; serve como Tribunal Superior de Justiça, ouve petições contra qualquer órgão do governo ou agente e é o tribunal de primeira e última instância.

A superioridade normativa das leis básicas sobre a legislação normal foi confirmada em 1995, quando a Suprema Corte assumiu o poder de revisão judicial da legislação Knesset, violando uma Lei Básica.

Ao longo dos anos, um corpo de jurisprudência tem sido desenvolvido através de decisões da Suprema Corte, protegendo as liberdades civis, incluindo a liberdade de expressão, liberdade de reunião, liberdade de religião, e a igualdade como valores fundamentais do sistema jurídico de Israel. Como Tribunal Superior de Justiça, a Suprema Corte também recebe petições de indivíduos para a reparação em relação a qualquer órgão ou agente do governo.

O Gabinete da Controladoria do Estado, estabelecido por lei (1949) para assegurar a prestação pública de contas, realiza auditoria e relatórios externos sobre a legalidade, regularidade, economia, eficácia, eficiência e integridade moral da administração pública. Desde 1971, a controladoria do Estado também serve como provedor de justiça, recebendo queixas do público contra o Estado ou entidades públicas sujeitas à auditoria da controladoria. A controladoria do Estado é eleita pelo Knesset em votação secreta para um mandato de sete anos e presta contas somente ao Knesset. O escopo da auditoria do Estado inclui as atividades de todos os ministérios, as instituições estatais, os setores do sistema de defesa, autoridades locais, empresas do governo, etc. Além disso, a controladoria do Estado está habilitada por lei a fiscalizar os assuntos financeiros dos partidos políticos representados no Knesset, além de suas contas de campanha eleitoral, impondo sanções monetárias quando irregularidades são encontradas.

Polícia de Israel

Assim como as polícias de outros países, a tarefa da polícia de Israel é manter a qualidade de vida, combater o crime, ajudar as autoridades a aplicar a lei e fazer cumprir as regras de trânsito, além de orientar quanto a medidas preventivas para a segurança e proteção da população.

A principal força tarefa móvel da polícia, a Polícia de Fronteiras, lida principalmente com problemas de segurança interna e inclui uma unidade antiterrorista especial. A frequência e ameaça de incidentes terroristas levaram cidadãos interessados a participar ativamente na proteção de suas comunidades. Assim, uma guarda civil voluntária foi estabelecida (em 1974) para manter unidades de segurança em bairros, incluindo centros de comando, patrulhas armadas e programas de treinamento.

GOVERNO LOCAL

Os serviços prestados pelo governo local incluem educação, cultura, saúde, assistência social, manutenção de estradas, parques públicos, água e saneamento. Cada autoridade local trabalha com regulamentações que complementam a legislação nacional, aprovadas pelo Ministério do Interior. Algumas autoridades têm tribunais especiais em que os transgressores locais são julgados. A verba das autoridades locais vem de impostos locais e de alocações do orçamento do Estado. Toda autoridade tem um controlador que prepara um relatório anual.

A lei reconhece três tipos de autoridades locais: municípios, com estrutura para centros urbanos com população superior a 20.000; conselhos locais, que gerem cidades com população entre 2.000 e 20.000; e conselhos regionais, responsáveis por várias aldeias agrupadas em um determinado raio.

Cada autoridade local é administrada por um prefeito ou presidente e um conselho. O número de membros do conselho é determinado pelo Ministério do Interior, de acordo com a população da autoridade. Atualmente, existem 73 municípios, 124 conselhos locais e 54 conselhos regionais. Todos os municípios e os conselhos locais estão unidos voluntariamente em um corpo central, a União das Autoridades Locais, que os representa perante o governo, supervisiona a legislação pertinente no Knesset e orienta em questões como acordos de trabalho e assuntos jurídicos. Filiada à Associação Internacional de Municípios, a união mantém laços com organizações semelhantes em todo o mundo, e organiza programas de cidades gêmeas e intercâmbio de delegações internacionais.

Eleições locais

As eleições governos locais são realizadas por voto secreto a cada cinco anos. Todos os residentes permanentes, sejam eles cidadãos israelenses ou não, podem votar nas eleições locais a partir dos 17 anos e serem eleitos a partir dos 21 anos. Nas eleições para os conselhos municipais e locais, as votações são realizadas de acordo com uma lista partidária de candidatos, e o número de assentos do conselho obtido por cada lista é proporcional à porcentagem de votos recebidos. Prefeitos e presidentes de conselhos locais são eleitos diretamente.

Nas eleições regionais do conselho, um candidato de cada aldeia é eleito por maioria simples, e os eleitos tornam-se membros do conselho. Os chefes de conselhos regionais são escolhidos dentre os membros do conselho regional.

As eleições locais recebem verbas governamentais, com base no número de mandatos que cada facção ou lista ganha na autoridade local.

FORÇAS DE DEFESA DE ISRAEL (FDI)

As FDI, fundadas em 1948, estão entre as forças armadas mais experientes em batalhas no mundo, tendo participado de seis grandes guerras. Os objetivos de segurança das FDI são: defender a soberania e a integridade territorial do Estado de Israel, deter todos os inimigos, e coibir todas as formas de terrorismo que ameacem a vida diária. Suas principais tarefas incluem a consolidação de acordos de paz, garantir a segurança geral na Cisjordânia em coordenação com a Autoridade Palestina; liderar a guerra contra o terrorismo, tanto dentro de Israel quanto além de suas fronteiras, e manter a capacidade de impedir o início da violência.

Para assegurar seu sucesso, a doutrina das FDI em termos de estratégia é defensiva, enquanto suas táticas são ofensivas. Como o país não possui profundidade territorial, as FDI devem tomar a iniciativa quando necessário e, se houver ataques, rapidamente levar a batalha para o território do inimigo. Embora esteja sempre em menor número do que seus inimigos, as FDI possuem vantagem qualitativa, desenvolvendo sistemas de armas avançadas, dos quais muitos são desenvolvidos e fabricados em Israel para suas necessidades específicas. O principal recurso das FDI, no entanto, é o alto calibre de seus soldados.

Na preparação para a defesa, as FDI lança um pequeno exército (composto de recrutas e de pessoal de carreira) com capacidade de alerta precoce, e uma força aérea e marinha regulares. A maioria de suas forças é composta por reservistas, chamados regularmente para treinamento e serviço e que, em tempos de guerra ou de crise, são mobilizados rapidamente para suas unidades a partir de todas as partes do país.

As três subdivisões de serviço das FDI (forças terrestres, força aérea e marinha) funcionam sob um comando unificado, liderado pelo Chefe do Estado-Maior Geral, com a patente de tenente-general, responsável perante o ministro da defesa. O Chefe do Estado-Maior Geral é nomeado pelo governo, por recomendação do primeiro-ministro e do ministro da defesa, para um mandato de três anos, normalmente prorrogado por mais um ano.

Soldados do sexo masculino e feminino de todas as classes servem lado a lado como técnicos, especialistas em comunicação e inteligência, instrutores de combate, cartógrafos, pessoal administrativo e de munições, operadores de computador, médicos, advogados, etc. Cada vez mais mulheres também estão servindo em unidades de combate.

As FDI observam as necessidades culturais e sociais de seus soldados, proporcionando atividades recreativas e educativas, além de serviços de apoio pessoal. Recrutas com formação incompleta recebem oportunidades para melhorar seu nível de educação, e oficiais de carreira são incentivados a estudar por conta das FDI durante seus serviços. A integração de novos imigrantes é facilitada através do ensino do idioma hebraico e outros programas.

Ativas em atividades de construção da nação desde seu início, as FDI também proporcionam educação supletiva a populações civis e contribuem para a absorção de recém-chegados entre a população. Em tempos de crise ou emergência nacional, as FDI respondem imediatamente,

tomando as medidas apropriadas e designando pessoal especializado para exercer funções essenciais ou tarefas especiais.

TERMOS DE SERVIÇO NAS FDI

Serviço obrigatório: Todos os homens e mulheres elegíveis são convocados aos 18 anos. Os homens servem durante três anos, as mulheres por dois anos. Adiamentos podem ser concedidos a estudantes qualificados em instituições de ensino superior. Novos imigrantes podem ser dispensados ou servir por períodos mais curtos, dependendo de sua idade e estado civil ao entrar no país.

Dever de reserva: Após a conclusão do serviço obrigatório, cada soldado é atribuído a uma unidade de reserva e pode servir até os 51 anos.

Serviço militar de carreira: Veteranos do serviço obrigatório que atendam às necessidades atuais das FDI podem tornar-se oficiais de carreira. O serviço de carreira constitui a espinha dorsal de comando e administração das FDI. Aqueles formados pelas escolas de oficiais, pilotos ou das escolas técnicas militares são obrigados a completar períodos de serviço de carreira.

TERRA

Geografia

Natureza

Proteção ambiental

Infraestrutura

Vida urbana

Vida rural

TERRA

Israel é um país pequeno, estreito e semiárido na costa sudeste do Mar Mediterrâneo. Entrou na história há aproximadamente 35 séculos, quando o povo judeu deixou o seu modo de vida nômade, estabeleceu-se na Terra e tornou-se uma nação. Ao longo dos anos, a Terra era conhecida por muitos nomes: *Eretz Yisrael* (Terra de Israel); Sião, uma das colinas de Jerusalém, que passou a conotar tanto a cidade quanto a Terra de Israel como um todo; Palestina, derivado de Filisteia, e utilizado pela primeira vez pelos romanos; a Terra Prometida; e a Terra Santa, entre outros. No entanto, para a maioria dos israelenses de hoje, o país é simplesmente Haaretz – a Terra. Mais de 7,6 milhões de pessoas vivem hoje em Israel; aproximadamente 5,7 milhões são judeus e 1,5 milhões são árabes. Há vários tipos de estilos de vida no país, tanto religioso quanto secular; tanto moderno quanto tradicional; tanto urbano quanto rural; tanto em comunidades quanto para cada indivíduo.

... uma terra que emana leite e mel... (Êxodo 3:8)

GEOGRAFIA

Área pequena; curtas distâncias

A área total do Estado de Israel é 8.522,04 milhas quadradas (22.072 quilômetros quadrados), dentre os quais 8.356,40 milhas quadradas (21.643 km quadrados) são terra. Israel tem aproximadamente 470 km (290 milhas) de comprimento e aproximadamente 85 milhas (135 km) de largura em seu ponto mais largo. O país faz fronteira com o Líbano ao norte, com a Síria a nordeste, com a Jordânia a leste, com o Egito a sudoeste e com o Mar Mediterrâneo a oeste.

A distância entre montanhas e planícies, terras férteis, e o deserto é muito curta. A largura do país, a partir do Mar Mediterrâneo, a oeste, até o Mar Morto, a leste, pode ser cruzada de carro em aproximadamente 90 minutos; a viagem de Metula, ao extremo norte, até Eilat, ao extremo sul do país leva cerca de seis horas.

Características geográficas

Israel pode ser dividido em quatro regiões geográficas: três faixas paralelas de norte a sul e uma vasta zona, quase toda árida, na metade sul.

A **planície costeira** é paralela ao Mar Mediterrâneo e é composta por uma faixa arenosa, rodeada por terrenos férteis que chegam a 25 milhas (40 km) no interior do país.

No **norte**, praias arenosas são às vezes pontuadas por calcário e rochedos de arenito. A planície costeira é onde mais da metade da população de Israel vive, e inclui grandes centros urbanos, portos de águas profundas, a maioria das indústrias do país, e grande parte de sua agricultura e turismo.

Várias **cadeias de montanhas** atravessam o país. No nordeste, as paisagens de basalto das **Colinas de Golã**, formadas por erupções há muito tempo, formam penhascos íngremes com vista para o Vale do Hula. As montanhas da **Galileia**, em grande parte compostas por calcário macio e dolomita, chegam a alturas de 1.600 a 4.000 pés (500 a 1.200 m) acima do nível do mar. Pequenos córregos perenes e um índice pluviométrico relativamente elevado mantêm a região verde durante todo o ano. Muitos moradores da **Galileia** e do **Golã** estão envolvidos com agricultura, turismo e indústria leve.

O **Vale do Jezreel**, entre as montanhas da Galileia e da Samaria, é a mais rica área agrícola de Israel, cultivada por muitas comunidades cooperativas (*kibutzim* e *moshavim*). As colinas arredondadas da **Samaria e Judeia** (Cisjordânia) apresentam um mosaico de cumes rochosos e vales férteis, pontilhados por antigos pomares e oliveiras verdes e acinzentadas. Os socalcos, lavrados por agricultores na antiguidade, misturam-se à paisagem natural. A população se concentra principalmente em pequenos centros urbanos e grandes aldeias.

O **Neguev**, compreendendo aproximadamente metade da superfície de Israel, é pouco habitado, e sua população é sustentada por uma economia agrícola e industrial. Mais ao sul, o Neguev torna-se uma zona árida, caracterizada por colinas e planícies de arenito baixo, com muitos desfiladeiros e vales, muitas vezes inundados pelas chuvas de inverno. Ainda mais ao

sul, a região dá lugar a uma área de picos escarpados nus, crateras, e platôs rochosos, onde o clima é mais seco e as montanhas são mais altas. Três crateras erosivas, a maior delas com cerca de 5 milhas (8 km) de diâmetro e 21 milhas (35 km) de comprimento, cortam profundamente a crosta terrestre, exibindo várias cores e tipos de rochas. Na ponta do Neguev, perto de Eilat, no Mar Vermelho, elevações de granito cinza e vermelho são cortadas por penhascos secos e rochedos íngremes, com coloridas camadas de arenito que resplandecem à luz do sol.

O **lago Kineret** (Mar da Galileia), entre os montes da Galileia e as Colinas de Golã, a 695 pés (212 metros) abaixo do nível do mar, tem 8 km (5 milhas) de largura e 21 km (13 milhas) de comprimento. É o maior lago de Israel, e é o principal reservatório de água do país. Ao longo das margens do Lago Kineret ficam alguns locais de importância histórica e religiosa, assim como comunidades agrícolas, de pesca e de turismo.

O **Vale do Jordão** e o Arava, na região leste do país, fazem parte da Fenda Sírio-Africana, que dividiu a crosta terrestre há milhões de anos. O norte é extremamente fértil, enquanto o sul é semiárido. Agricultura, pesca, indústria leve e turismo são as principais fontes de renda da região.

O **rio Jordão**, que corre de norte a sul através da Fenda, desce mais de 2.300 pés (700 metros) ao longo de suas 186 milhas (300 km). Alimentado por córregos vindos do Monte Hermon, ele atravessa o fértil vale do Hula até o Lago Kineret, continuando a serpentear através do vale do Jordão até desaguar no Mar Morto. Embora seu volume aumente durante o inverno chuvoso, o rio normalmente é bastante estreito e raso.

O **Arava**, região de cerrado de Israel, começa ao sul do Mar Morto e chega até o Golfo de Eilat, a saída de Israel ao Mar Vermelho. A adaptação de técnicas agrícolas sofisticadas às condições climáticas, onde a precipitação média anual é de menos de uma polegada (25 mm) e no verão as temperaturas sobem até 104° F (40° C), tornou possível a criação de frutas e legumes fora de época, principalmente para exportação. O golfo subtropical de Eilat, conhecido por suas profundas águas azuis, recifes de coral e vida marinha exótica, fica na ponta sul do Arava.

O **Mar Morto**, o ponto mais baixo da terra, a aproximadamente 1.300 pés (400 metros) abaixo do nível do mar, fica no extremo sul do Vale do Jordão. Suas águas, que apresentam o mais elevado nível de salinidade e densidade no mundo, são ricas em potássio, magnésio e bromo, assim como em sais industriais e de mesa. O ritmo natural de recessão do Mar Morto tem sido acelerado nos últimos anos devido a uma taxa de evaporação muito alta (5 pés ou 1,6 m anualmente) e a grandes projetos de desvios de Israel e da Jordânia, para suprir suas necessidades de água, causando uma redução de 75% no fluxo de entrada de água. Como resultado, o nível da superfície do Mar Morto caiu aproximadamente 35 pés (10,6 m) desde 1960. Um projeto para ligar o Mar Morto ao Mar Mediterrâneo através de um sistema de canais e tubulação pode ajudar a restaurar o Mar Morto às suas dimensões e nível naturais, está sendo estudado.

Clima

O clima de Israel vai de temperado a tropical, com muito sol. Há duas estações distintas predominantes: um período de inverno chuvoso, de novembro a maio, e um verão seco, que dura os seis meses seguintes. A precipitação é relativamente volumosa no norte e no centro do país, bem menos no norte do Neguev e com valores quase insignificantes na região sul. As condições regionais variam consideravelmente, com verões úmidos e invernos suaves na costa, verões secos e invernos moderadamente frios nas regiões montanhosas (incluindo Jerusalém), verões quentes e secos e invernos agradáveis no vale do Jordão, e condições semidesérticas durante todo o ano em Neguev. Os extremos climáticos variam de neve do inverno, ocasionalmente, em altitudes mais elevadas, até ventos quentes e secos periodicamente, aumentando muito as temperaturas, principalmente na primavera e no outono.

Água

Localizado na extremidade de um deserto, Israel sempre sofreu com a escassez de água. Descobertas arqueológicas no Neguev e em outras partes do país revelam que milhares de habitantes do local já estavam preocupados com a conservação da água há milhares de anos atrás, conforme revelado por uma variedade de sistemas, projetados tanto para coletar e armazenar a água da chuva e quanto para transferi-la de um local a outro.

O total anual de recursos hídricos renováveis chega a aproximadamente 60 bilhões de pés cúbicos (1,7 bilhões de metros cúbicos), dos quais aproximadamente 56% são utilizados para a irrigação e o restante para fins urbanos e industriais. As fontes de água do país incluem o rio Jordão, o lago Kineret e alguns rios menores. Fontes naturais e lençóis de água subterrâneos, canalizados em quantidades controladas para evitar a exaustão e a salinização, também são utilizados.

Como as fontes de água doce já foram utilizadas ao máximo, estão sendo desenvolvidas formas de exploração de recursos hídricos adicionais através da reciclagem de águas residuais, da sementeira de nuvens, da dessalinização de água salobra, e da dessalinização da água do mar.

Para superar os desequilíbrios regionais na disponibilidade de água, a maioria das fontes potáveis de Israel está reunida em uma rede integrada. Sua artéria principal, a Transportadora Nacional de Águas, concluída em 1964, traz a água das regiões norte e central, através de uma rede de tubos gigantes, aquedutos, canais abertos, reservatórios, túneis, barragens e estações de bombeamento, para o sul semiárido.

NATUREZA

Flora e fauna

A vida vegetal e animal de Israel é rica e diversificada, em parte devido à localização geográfica do país, que fica na junção de três continentes. Aproximadamente 2.600 tipos de plantas foram identificados, desde espécies alpinas nas encostas das montanhas do norte até espécies do Saara, na Arava, no sul. Israel é o limite setentrional para a presença de plantas como o papiro e o limite meridional para as outras, como a peônia vermelho coral.

Florestas naturais, que consistem principalmente de carvalhos-dourados, cobrem parte da Galileia, do Monte Carmelo e outras áreas montanhosas. Na primavera, a esteva e giesta espinhosa predominam, deixando a região com as cores rosa, branco e amarelo.

Há madressilva sobre arbustos e as árvores fornecem sombra ao longo dos córregos de água doce da Galileia.

Nos planaltos do Neguev, cresce o pistache atlântico ao longo dos vales secos, e há tamareiras em qualquer lugar onde haja água subterrânea suficiente.

Muitas flores cultivadas, como íris, lírios, tulipas e jacintos, têm parentes silvestres em Israel. Logo após as primeiras chuvas em Outubro e Novembro, o país é coberto por um tapete verde que dura até o retorno do verão seco. Ciclamens rosas e brancos e anêmonas vermelhas, brancas e roxas florescem de dezembro a março, com tremoços azuis e margaridas amarelas desabrochando um pouco mais tarde. Muitas plantas nativas, como o açafraão e a cebola, são geófitos – armazenam alimento em bulbos ou tubérculos – e florescem no final do verão. Aproximadamente 135 variedades de borboletas de cores brilhantes e padrões complexos pairam sobre os campos.

Mais de 500 espécies diferentes de aves podem ser vistas em Israel. Alguns, como o bulbul-comum, são residentes do país; outros, como galeirões e estorninhos, passam o inverno aproveitando a comida fornecida pelos tanques de peixes e terras agrícolas de Israel. Milhões de aves migram duas vezes por ano ao longo do comprimento do país, oferecendo oportunidades magníficas para observá-las. Abelheiros, pelicanos e outras aves migratórias grandes e pequenas enchem os céus em março e outubro. Várias espécies de aves de rapina, entre elas águias, falcões e gaviões, e pássaros pequenos, como toutinegras e estrelinhas-de-poupa, vivem em Israel.

Delicadas gazelas montanhosas vagam pelas colinas; raposas, gatos selvagens e outros mamíferos vivem em áreas arborizadas; íbex-da-núbia com chifres majestosos saltam sobre os penhascos do deserto; e camaleões, cobras e lagartos *agama* estão entre as 100 espécies de répteis nativos do país.

Keren Kayemet – O Fundo Nacional Judaico foi fundado em 1901 para comprar terras para comunidades judaicas agrícolas, bem como para realizar projetos de recuperação, desenvolvimento e arborização na Terra de Israel. Quando Israel se tornou independente

(1948), o FNI, com fundos coletados por judeus de todo o mundo, comprou aproximadamente 240.000 hectares, cuja maioria teve de ser recuperada após séculos de negligência, e havia plantado aproximadamente 4,5 milhões de árvores na encostas rochosas do país.

Hoje, mais de 200 milhões de árvores, em florestas e bosques que cobrem aproximadamente 300.000 acres, fornecem aos israelenses várias oportunidades para recreação ao ar livre e apreciação da natureza. Sem abandonar suas atividades de florestamento e manutenção da floresta, o FNI também desenvolve parques e locais de recreação, prepara infraestruturas para novas comunidades, realiza vários projetos de coleta de água e é um parceiro ativo nos esforços de conservação ambiental em todo o país.

Conservação da natureza

Em um esforço para conservar o ambiente natural, foram criadas leis rigorosas para a proteção da natureza e dos animais selvagens, tornando ilegal a remoção até mesmo de flores comuns de beira de estrada. Responsável pelo avanço da preservação da natureza, a Autoridade de Parques e Natureza de Israel luta para proteger a paisagem e o ambiente natural. Mais de 150 reservas naturais e 65 parques nacionais em todo o país, sob a supervisão da Autoridade, abrangem aproximadamente 1000 quilômetros quadrados. Aproximadamente 20 reservas foram desenvolvidas para uso público, com centros de visitantes, estradas e trilhas para caminhadas, atraindo mais de dois milhões de pessoas a cada ano. Uma das regiões mais importantes de Israel – o Monte Carmelo – foi declarada reserva da biosfera pelo Programa Homem e Biosfera da UNESCO.

Centenas de plantas e animais são protegidos, incluindo carvalhos, palmas, gazelas, íbex, leopardos, e abutres, e operações especiais de resgate foram criadas para garantir a sobrevivência de várias espécies ameaçadas de extinção. Foram criadas estações de alimentação para lobos, hienas e raposas, bem como locais de reprodução seguros para as aves. Ovos de tartarugas marinhas são recolhidos regularmente na costa do Mediterrâneo e chocados em incubadoras; os filhotes de tartaruga são então devolvidos ao mar. Com mais de 500 milhões de aves migratórias passando pelo país a cada ano, Israel tornou-se um centro internacionalmente conhecido de observação de aves e um foco de pesquisa e cooperação internacional.

A monitoração cuidadosa das rotas de migração de aves ajuda a evitar colisões entre aves e aviões. Um site na Internet (<http://www.birds.org.il>), desenvolvido em Israel com o lema “As aves não têm fronteiras”, une crianças de todo o mundo em um projeto de ensino e pesquisa.

Existe uma iniciativa, inspirada por um profundo sentimento de herança, para preservar e reintroduzir a vida vegetal e animal que existia nos tempos bíblicos e, desde então, desapareceu da região ou está ameaçada de extinção. Neot Kedumim, uma reserva no centro do país dedicada à coleta e conservação de variedades de plantas mencionadas na Bíblia, montou grandes jardins com a flora nativa de várias áreas geográficas da Terra de Israel na antiguidade. Os projetos da vida selvagem Hai Bar no Arava e no Monte Carmelo foram criados para reintroduzir espécies animais que vagavam pelas montanhas e desertos da Terra a seus antigos habitats naturais. Os animais criados incluem avestruzes, gamos persas, órix, hemionos e burros selvagens da Somália.

A conscientização do público para a preservação da natureza é promovida nas escolas e entre a população em geral através de excursões, publicações e campanhas de informação. A Sociedade para a Proteção da Natureza em Israel, a maior organização ambientalista do país, liderou dezenas de campanhas contra a destruição de ecossistemas e paisagens pelo desenvolvimento imprudente. Seu programa educacional inclui 10 escolas de campo, 4 centros de observação de aves, 5 centros de natureza urbana, e 10 filiais locais.

PROTEÇÃO AMBIENTAL

O rápido crescimento populacional e a expansão constante da agricultura e da indústria têm contribuído para a deterioração ambiental, especialmente na zona costeira, que concentra mais da metade da população de Israel e a maior parte da indústria. Para combater a poluição do litoral dos mares Mediterrâneo e Vermelho, Israel adotou um programa multifacetado de inspeção, legislação, proteção, limpezas costeiras e cooperação internacional, principalmente com o Plano de Ação para o Mediterrâneo.

Com as condições de escassez de água e desenvolvimento intensivo, a degradação da qualidade da água é um problema grave. As principais causas de poluição das águas subterrâneas são os fertilizantes químicos, pesticidas, a intrusão de água salgada e as águas residuais domésticas e industriais. O tratamento de águas residuais tem prioridade alta, para reduzir seus efeitos sobre o meio ambiente e a saúde pública e para desenvolver uma fonte adicional de água para a irrigação agrícola. Um plano recentemente aprovado para a gestão da água prevê a dessalinização da água do mar e água salobra, a melhora no tratamento de águas residuais para fins de reuso, e a produção e conservação eficientes da água. Um programa de reabilitação para córregos poluídos foi iniciado, com o objetivo de transformá-los em recursos de água doce com valor ecológico e de lazer. A qualidade da água potável é rigorosamente controlada.

Fatores que afetam a qualidade do ar incluem a produção de energia, o transporte e a indústria – e todos os três aumentaram dramaticamente nos últimos anos. O uso de combustível com baixo teor de enxofre na produção de energia ajuda a reduzir consideravelmente as concentrações de dióxido de enxofre, mas as emissões de poluentes ligados ao maior tráfego de veículos aumentaram significativamente. Gasolina sem chumbo, catalisadores, e menor teor de enxofre no diesel foram introduzidos para mitigar o problema. Um sistema nacional de monitoramento fornece informações atualizadas sobre a qualidade do ar em todo o país. Israel também se esforça para cumprir as normas internacionais de preservação do ozônio e mudanças climáticas.

O rápido crescimento da população, da qualidade de vida e do consumo levaram a aumentos significativos nos resíduos sólidos, na ordem de 4 a 5% ao ano. A maioria dos depósitos de lixo ilegais do país foi fechada nos últimos anos e substituída por aterros sanitários ambientalmente seguros. Existem esforços para a gestão integrada de resíduos sólidos, incluindo a redução, reciclagem, recuperação e incineração. Normas recentes sobre reciclagem deverão facilitar a transição para tecnologias com pouco ou nenhum resíduo.

A gestão “do berço ao túmulo” para substâncias perigosas é baseada em licenças, regulamentação e supervisão de todos os aspectos de sua produção, uso, eliminação e tratamento. A aplicação da legislação, a implantação de um plano nacional de contingência para respostas integradas de emergência a acidentes, e a solução e atualização do depósito nacional de resíduos perigosos deverão minimizar os perigos potenciais para a saúde e o meio ambiente.

O cumprimento da legislação ambiental é uma prioridade, além da educação ambiental do jardim de infância à universidade. O público participa da aplicação da lei ambiental, como fiscais do lixo e do bem-estar animal autorizados a relatar violações das respectivas leis. Ferramentas econômicas são cada vez mais usadas para promover a melhoria ambiental, tanto na forma de subsídios financeiros para indústrias que investem na prevenção da poluição e na forma de impostos e taxas sobre os poluidores. De acordo com os princípios do desenvolvimento sustentável, os esforços são voltados à conservação de recursos e prevenção da poluição em todos os setores da economia.

INFRAESTRUTURA

Comunicações: Israel está ligado às maiores redes de dados comerciais, financeiros e acadêmicos do mundo e está totalmente integrado aos sistemas internacionais de comunicação através de linhas submarinas de fibra ótica e ligações via satélite. O país tem um grande número de linhas telefônicas, computadores e usuários da Internet *per capita*.

Israel é um dos primeiros países do mundo a ter 100% de digitalização em sua rede de telefonia, permitindo a prestação de diversos serviços revolucionários para os assinantes. Além disso, Israel tem uma das maiores taxas de penetração de telefones celulares do mundo.

Os serviços postais operam em todo o país, conectando Israel à maioria dos países no exterior. O Serviço Filatélico já emitiu mais de 1.500 selos. Muitos artistas israelenses famosos ajudaram a criar esses “cartões de visita”, sendo que alguns já alcançaram o status de clássicos e são avidamente procurados por colecionadores.

Estradas: Em um país de distâncias curtas, carros, ônibus e caminhões são os principais meios de transporte. Nos últimos anos, a rede de estradas tem sido amplamente expandida e melhorada para acomodar o rápido crescimento do número de veículos, e também para tornar acessíveis até mesmo às comunidades mais remotas. A Rodovia Trans-Israel (Route 6) é uma rodovia de várias pistas e a primeira estrada com pedágios do país, com a maioria de seus 300 km previstos já concluída, entre Be'er Sheva, ao sul, e Nahariya, ao norte. Essa estrada faz com que seja possível evitar áreas densamente povoadas, reduzindo assim os congestionamentos e fornecendo acesso rápido à maioria das áreas do país.

Estradas de ferro: A Israel Railways opera serviços de passageiros entre Tel Aviv, Jerusalém, Haifa, Nahariya, Be'er Sheva e Dimona. Serviços de carga também operam mais ao sul, servindo o porto de Ashdod, a cidade de Ashkelon, e as pedreiras ao sul de Dimona. Nos últimos anos, houve um aumento no uso do transporte ferroviário, tanto de passageiros quanto de cargas. Para ajudar a aliviar os problemas causados pelo aumento na densidade do tráfego rodoviário, foram criados serviços de transporte ferroviário rápido – utilizando trilhos atualizados – nas áreas de Tel Aviv e Haifa, operados em coordenação com linhas alimentadoras de ônibus. Muitos vagões ultrapassados estão sendo substituídos por carros modernos com ar-condicionado, e equipamentos avançados de manutenção das linhas serão colocados em operação. Em Jerusalém, um sistema de trens urbanos está em construção.

Portos marítimos: Os antigos portos de Jaffa (Yafo), Cesareia e Acre (Akko) foram substituídos por três portos modernos de águas profundas em Haifa, Ashdod, e Eilat, servindo o transporte marítimo internacional. O porto de Haifa é um dos maiores portos de *containers* no Mar Mediterrâneo, bem como um movimentado terminal de passageiros; o porto de Ashdod é usado principalmente para o transporte de produtos industrializados; e o porto de Eilat, no Mar Vermelho liga Israel ao hemisfério sul e ao Extremo Oriente. Além disso, um porto para navios-tanque, em Ashkelon, recebe carregamentos de combustível e uma instalação de descarga direta para fornecer carvão a uma usina próxima opera em Hadera.

Reconhecendo que a localização geográfica de Israel lhe dá potencial para se tornar um país de conexão para passageiros e mercadorias que atravessam a região, a Autoridade de Portos e Ferrovias estabeleceu um plano de longo prazo para atender às necessidades de transporte futuras. Entre outras prioridades, o plano defende o desenvolvimento de um sistema ferroviário moderno, instalando equipamentos de ponta em cada fase de suas operações terrestres e marítimas e a criação de uma rede de sistemas de computador para controlar e supervisionar todos os seus serviços.

Aeroportos: O Aeroporto Internacional Ben-Gurion (a 25 minutos de carro de Tel Aviv e a 50 minutos de Jerusalém) é o maior e principal terminal aéreo de Israel. Devido ao aumento esperado no número de chegadas e partidas de passageiros, o aeroporto foi ampliado, com terminais novos e modernos. Voos particulares, principalmente da Europa, e voos domésticos são atendidos pelo Aeroporto de Eilat ao sul e por pequenos aeroportos perto de Tel Aviv, na região central, e Rosh Pina, ao norte.

Arquitetura através dos tempos: O estilo de arquitetura urbana de Israel é muito variável, incluindo estruturas de séculos passados, edifícios sólidos inspirados por arquitetos renomados pré-II Guerra Mundial e blocos de apartamentos construídos às pressas para abrigar novos imigrantes nos primeiros anos do Estado, bairros residenciais cuidadosamente planejados, arranha-céus comerciais de vidro e concreto e hotéis de luxo modernos.

VIDA URBANA

Aproximadamente 92% dos israelenses vivem em áreas urbanas. Muitas cidades modernas, misturando o velho e o novo, foram construídas em locais conhecidos desde a antiguidade, entre eles Jerusalém, Safed, Be'er Sheva, Tiberíades, e Akko.

Haifa	264.800
Hadera	78.200
Netanya	179.000
Herzliya	84.400
Ra'anana	73.200
Kfar Sava	82.900
Bnei Brak	153.300
Petach Tikva	193.900
Ramat Gan	134.300
Tel Aviv-Yafo	392.500
Bat Yam	128.900
Rishon Lezion	226.100
Holon	170.600
Rehovot	108.300
Lod	67.500
Ashdod	209.200
Ashkelon	110.400
Metulla	1.500
Kiryat Shmona	22.200
Safed	28.600
Tiberias	39.800
Carmiel	44.700
Nazareth	66.400
Jerusalem	763.600
Kiryat Gat	47.900
Be'er Sheva	187.200
Eilat	46.600

Outras, como Rehovot, Hadera, Petach Tikva e Rishon Lezion eram aldeias agrícolas na era pré-estado e cresceram, formando grandes centros populacionais. Cidades em desenvolvimento, como Carmiel e Kiryat Gat foram construídas nos primeiros anos do Estado para acomodar o rápido crescimento populacional gerado pela imigração em massa, bem como para ajudar a distribuir a população em todo o país e promover uma economia rural e urbana estreitamente interligada, levando indústrias e serviços para áreas antes desabitadas.

Jerusalém, situada nas Colinas da Judeia, é a capital de Israel, a sede do governo e o centro histórico, espiritual e nacional do povo judeu desde que o Rei Davi fez dela a capital do seu reino há 3000 anos. Santificada pela religião e tradição, por lugares santos e casas de oração, é reverenciada por judeus, cristãos e muçulmanos em todo o mundo.

Até 1860, Jerusalém era uma cidade murada, formada por quatro quartos – judeu, muçulmano, armênio e cristão. Naquela época, os judeus, que até então representavam a maior parte de sua população, começaram a construir novos bairros fora das muralhas, formando o núcleo da Jerusalém moderna. Durante as três décadas de administração do Mandato Britânico (1918 a 1948), a cidade transformou-se gradualmente de uma província abandonada do Império Otomano (1517 a 1917) em uma metrópole próspera, com muitos bairros residenciais novos, cada um refletindo a identidade do grupo específico que ali vivia. Após o ataque árabe contra o recém-criado Estado de Israel, a cidade foi dividida (1949) entre os governos de Israel e da Jordânia. Nos 19 anos seguintes, paredes de concreto e arame farpado isolaram as duas partes da cidade. Como resultado da Guerra do Seis Dias, em 1967, a cidade foi reunificada.

Atualmente a maior cidade de Israel, Jerusalém tem uma população de mais de 760 mil habitantes. Ao mesmo tempo antiga e moderna, é uma cidade de diversidades, e seus habitantes representam uma mistura de culturas e nacionalidades, de estilos de vida religiosos ao secular. É uma cidade que preserva seu passado e constrói para o futuro, com sítios históricos cuidadosamente restaurados, preservação das áreas verdes, zonas comerciais modernas, parques industriais e bairros em expansão, que atestam sua continuidade e vitalidade.

Tel Aviv-Yafo, uma cidade moderna na costa do Mediterrâneo, é o centro comercial e financeiro de Israel, bem como o foco de sua vida cultural. A maioria das organizações industriais tem sede na cidade, além da bolsa de valores, grandes jornais, centros comerciais e editoras. Tel Aviv, a primeira cidade totalmente judaica dos tempos modernos, foi fundada em 1909 como um subúrbio de Jaffa (Yafo), um dos assentamentos urbanos mais antigos do mundo. Em 1934, Tel Aviv recebeu o status de município e, em 1950, foi renomeada Tel Aviv-Yafo, com o novo município absorvendo a antiga Jaffa. A área em torno do antigo porto de Jaffa foi transformada em uma colônia de artistas e centro turístico, com galerias, restaurantes e casas noturnas. A "Cidade Branca" de Tel Aviv, um vasto conjunto de edifícios datados de 1930 a 1950, no estilo modernista, foi reconhecida pela UNESCO como Patrimônio da Humanidade.

Haifa, no Mar Mediterrâneo, ergue-se da costa ao longo das encostas do Monte Carmelo. É construída em três níveis topográficos: a cidade baixa, parcialmente em terra recuperada do mar, é o centro comercial, com instalações portuárias; o nível médio é uma antiga área residencial; e o nível superior consiste em bairros modernos em rápida expansão, com ruas arborizadas, parques e bosques com vista para as zonas industriais e praias na costa da baía. Um porto importante, Haifa é um foco do comércio internacional. Serve também como centro administrativo do norte de Israel.

Safed (Tzfat), construída no alto das montanhas da Galileia, é um resort e local turístico popular no verão, com um bairro de artistas e várias sinagogas centenárias. No século 16, Safed era o mais importante centro de estudo e criatividade judaica no mundo – ponto de encontro de rabinos, eruditos e místicos que estabeleceram leis e preceitos religiosos, muitos dos quais são seguidos por judeus até hoje.

Tiberíades, na margem do Lago Kineret (Mar da Galileia), é famosa por suas fontes termais medicinais. Hoje a cidade é um movimentado centro turístico, onde vestígios arqueológicos do passado misturam-se a casas e hotéis modernos. Fundada no século I e batizada em homenagem ao imperador romano Tibério, tornou-se um centro de erudição judaica e a sede de uma famosa academia rabínica.

Be'er Sheva, no norte do Neguev, está localizada no cruzamento de rotas que levam ao Mar Morto e Eilat. É uma cidade nova, construída sobre um local antigo, que remonta à era dos Patriarcas, aproximadamente 3.500 anos atrás. Chamada de “Capital do Neguev”, Be'er Sheva é um centro administrativo e econômico, com escritórios do governo regional e instituições de saúde, educação e cultura que servem todo o sul de Israel.

Eilat, a cidade mais austral do país, é o acesso de Israel para o Mar Vermelho e o Oceano Índico. Seu porto moderno, que se acredita estar localizado no mesmo local de um porto da época do rei Salomão, gerencia o comércio de Israel com a África e o Extremo Oriente. Invernos quentes, cenários subaquáticos espetaculares, praias requintadas, esportes aquáticos, hotéis de luxo e acesso fácil da Europa, através de voos fretados diretos, fizeram de Eilat uma próspera estância turística durante todo o ano. Desde o estabelecimento da paz entre Israel e Jordânia (1994), projetos de desenvolvimento conjunto com a cidade vizinha de Aqaba foram iniciados, principalmente para impulsionar o turismo na área.

VIDA RURAL

Aproximadamente 8% da população de Israel vive em áreas rurais, em aldeias, e em duas estruturas de cooperação exclusivas do país, o *kibutz* e o *moshav*, desenvolvidas no início do século XX.

Aldeias de vários tamanhos são habitadas principalmente por árabes e drusos (que representam 1,7% da população de Israel). A terra e as casas são de propriedade privada, e os agricultores cultivam e comercializam seus produtos individualmente. Uma minoria no setor árabe, os beduínos árabes (estimados em 250.000 pessoas), tradicionalmente nômades, estão passando por um processo de urbanização, refletindo a transição de uma sociedade tradicional para um estilo de vida moderno e estacionário.

O *kibutz* é uma unidade social e econômica autossuficiente, em que as decisões são tomadas por seus membros, e cujos bens e meios de produção são de propriedade coletiva. Hoje 1,7% da população vive em 267 *kibutzim*. Os membros trabalham em diferentes áreas da economia do *kibutz*: Tradicionalmente a base da agricultura de Israel, os *kibutzim* estão cada vez mais envolvidos na indústria, turismo e serviços. Muitos *kibutzim* têm modificado sua abordagem coletiva tradicional e estão em vários estágios de privatização.

O *moshav* é um assentamento rural em que cada família mantém sua própria fazenda e casa. No passado, a cooperação incluía compras e comercialização; hoje, os agricultores dos *moshavim* preferem ser mais independentes economicamente. 441 *moshavim* e *moshavim shitufi'im* representam aproximadamente 3,5% da população e fornecem grande parte da produção agrícola de Israel.

O *yishuv kehilati* (assentamento comunitário) é uma nova forma de assentamento rural. Cada uma das 107 comunidades existentes é composta por centenas de famílias. Embora a vida econômica de cada família seja completamente independente e a maioria dos membros trabalhe fora da comunidade, o nível de participação voluntária dos membros na vida da comunidade é muito alto.

O instituição central de governo é a Assembleia Geral, composta pelos chefes de cada família, que define e passa o orçamento da comunidade em sua reunião anual. Ao lado de comitês de gestão e supervisão, vários grupos de trabalho lidam com áreas como educação, cultura, juventude, finanças e assim por diante. Uma secretaria coordena os assuntos diários da comunidade de acordo com as decisões dos órgãos eleitos. Novos membros são aceitos apenas com a aprovação da comunidade.

O POVO

Sociedade judaica

Comunidades minoritárias

Liberdade religiosa

Imagem cedida pelo Museu de Israel, Jerusalém

O POVO

Israel abriga uma população amplamente diversificada, de várias origens étnicas, religiosas, culturais e sociais. Uma sociedade nova com raízes antigas, ainda está se estabilizando e evoluindo. De seus 7,6 milhões de pessoas, 75,5% são judeus, 20,2% são árabes (em sua maioria muçulmanos) e os 4,3% restantes compreendem drusos, circassianos, e outros habitantes não classificados por religião. A sociedade é relativamente jovem e é caracterizada por seu compromisso social e religioso, ideologia política, desenvoltura econômica e criatividade cultural, fatores que contribuem para seu desenvolvimento contínuo.

... Oh! quão bom e quão suave é que os irmãos vivam em união! (Salmos 133:1)

SOCIEDADE JUDAICA

Um longo caminho de volta

Após a expulsão da maioria dos judeus da terra de Israel, há aproximadamente 2.000 anos, eles se dispersaram em outros países, principalmente na Europa, no Norte da África e no Oriente Médio. Ao longo dos séculos, eles estabeleceram grandes comunidades judaicas em terras próximas e distantes, onde experimentaram longos períodos de crescimento e prosperidade, mas também foram, por vezes, alvo de discriminação, ataques brutais e expulsões totais ou parciais. Cada onda de perseguição e violência fortalecia sua crença no conceito de "reunião dos exilados" e inspirava indivíduos e grupos a retornar à sua pátria ancestral. O movimento Sionista, fundado no final do século XIX, transformou o conceito em um modo de vida, e o Estado de Israel o transformou em lei, concedendo cidadania a qualquer judeu que deseja se estabelecer no país.

Formação de uma nova sociedade

A base política, econômica e cultural da sociedade judaica contemporânea de Israel foi formada em grande parte durante o período de domínio britânico (1917 a 1948). Motivada ideologicamente pelo Sionismo, a comunidade judaica na Terra de Israel desenvolveu instituições sociais e políticas que exerciam autoridade sem soberania, com todos os escalões mobilizados para a consolidação e o crescimento. O voluntariado foi sua estrutura política, o igualitarismo sua cola social.

A conquista da independência política e a imigração em massa que se seguiu dobraram a população judaica de Israel, de 650.000 a aproximadamente 1,3 milhões nos primeiros quatro anos de existência do estado (1948 a 1952), mudando a estrutura da sociedade israelense. O agrupamento social resultante era composto por dois elementos principais: a maioria, composta pela comunidade Sefaradi já estabelecida, colonos Asquenazi veteranos e sobreviventes do Holocausto; e uma grande minoria de imigrantes judeus recentes, dos países islâmicos do Norte de África e do Oriente Médio. Enquanto a maioria da população pré-estado estava comprometida com fortes convicções ideológicas, um espírito pioneiro, e um modo de vida democrático, muitos dos judeus que viveram durante séculos em terras árabes aderiam a uma organização social patriarcal, e tiveram dificuldades em integrar-se à sociedade de Israel e sua economia em desenvolvimento.

No final dos anos 1950, os dois grupos coexistiam praticamente sem interação social e cultural. Os judeus do Norte da África e do Oriente Médio expressavam sua frustração e alienação em protestos contra o governo, que, na década de 1960 e 1970, viraram exigências por uma maior participação política, alocação de recursos compensatórios e ações efetivas para ajudar a reduzir as diferenças entre eles e os israelenses mais antigos. Além das tensões geradas pela diversidade de sua população ao longo dos anos, a sociedade israelense também teve de lutar pela independência econômica e defender-se contra ações beligerantes dos árabes do outro lado da fronteira. Ainda assim, os denominadores comuns da religião, da memória histórica, e

da coesão nacional dentro da sociedade judaica mostraram-se fortes o suficiente para superar os desafios.

Continuação da imigração

Ao longo dos anos, Israel continuou a receber novos imigrantes em maior ou menor número, provenientes dos países livres do mundo ocidental, bem como de áreas de perigo. A onda de imigração em massa mais recente foi composta por membros da grande comunidade judaica da antiga União Soviética, que lutaram durante anos pelo direito de emigrar para Israel. Embora aproximadamente 100.000 tenham chegado na década de 1970, desde 1989 mais de um milhão se instalaram no país. Entre eles, estavam muitos profissionais altamente qualificados e cientistas, artistas e músicos famosos, cujos conhecimentos e talentos contribuem significativamente para a vida econômica, científica, acadêmica e cultural de Israel.

As décadas de 1980 e 1990 testemunharam a chegada de duas migrações maciças da antiga comunidade judaica da Etiópia. Segundo a crença popular, a comunidade existia na região desde a época do rei Salomão. Embora a transição dos 50.000 imigrantes de um ambiente africano agrário para uma sociedade ocidental industrializada possa levar algum tempo, o interesse de seus jovens em adaptar-se irá acelerar a absorção dessa comunidade judaica isolada.

Diversidade religiosa

Desde os tempos bíblicos, os judeus são um povo com uma fé monoteísta, o judaísmo, que representa um componente tanto religioso quanto nacional. Por volta do século XVIII, a maioria dos judeus do mundo vivia na Europa Oriental, onde foram confinados a guetos e tinham pouca interação com as sociedades ao seu redor. Dentro de suas comunidades, eles lidavam com seus próprios assuntos, aderindo ao corpo da lei judaica (Halachá), desenvolvida e codificada por eruditos religiosos ao longo dos séculos.

O espírito de emancipação e nacionalismo que varreu a Europa do século XIX gerou o desenvolvimento de uma abordagem mais liberal de educação, cultura, filosofia e teologia. Também deram origem a vários movimentos judaicos, alguns desenvolvidos ao longo de linhas religiosas liberais, enquanto outros defendiam ideologias nacionais e políticas. Como resultado, muitos judeus, e, finalmente, a maioria, rompeu com a ortodoxia e seu modo de vida, com alguns se esforçando para integrar-se completamente à sociedade em geral.

A sociedade judaica em Israel hoje é composta por judeus praticantes e não praticantes, abrangendo desde os ultraortodoxos até aqueles que se consideram seculares. No entanto, as diferenças entre eles não são claras. Se a ortodoxia é determinada pelo grau de adesão às leis judaicas e práticas religiosas, então 20% dos judeus israelenses se esforçam para cumprir todos os preceitos religiosos, 60% seguem alguma combinação das leis de acordo com escolhas pessoais e tradições étnicas, e 20% são não praticantes. Mas como Israel foi concebido como um Estado judaico, o Shabat (sábado) e todas as festas judaicas e dias santos foram instituídos como feriados nacionais e são celebrados por toda a população judaica e observados por todos, em maior ou menor grau.

Outros indicadores do grau de adesão religiosa poderiam ser a porcentagem de pais que optam por dar a seus filhos uma educação religiosa ou a porcentagem dos eleitores que votam em partidos religiosos nas eleições nacionais. No entanto, a validade dessas estatísticas é incerta, pois pais não praticantes podem matricular seus filhos em escolas religiosas e muitos cidadãos ortodoxos votam em partidos políticos não religiosos.

Basicamente, a maioria pode ser caracterizada por judeus seculares que manifestam estilos de vida modernos, com graus variados de respeito e prática dos preceitos religiosos. Dentro dessa maioria, muitos seguem uma forma modificada da vida tradicional, com alguns optando por afiliar-se a uma das correntes religiosas liberais.

Dentro da minoria observante, tanto sefaradi e asquenazi, são muitos os que aderem a um modo de vida religioso, regulado pela lei religiosa judaica, e participam da vida nacional do país. Eles consideram o estado judaico moderno como o primeiro passo para a vinda do Messias e a redenção do povo judeu na Terra de Israel.

Em contraste, alguns dos judeus ultraortodoxos acreditam que a soberania judaica na Terra pode ser restabelecida somente após a vinda do Messias. Mantendo estrita observância à lei religiosa judaica, eles residem em bairros separados, têm suas próprias escolas, vestem roupas tradicionais, mantêm papéis distintos para homens e mulheres e um estilo de vida estritamente definido.

Dinâmica entre judeus

Como não há separação clara entre religião e Estado, uma questão comunitária central é a medida que Israel deve manifestar sua identidade religiosa judaica. Embora o segmento ortodoxo deseje aumentar a legislação religiosa além do escopo pessoal, sobre o qual tem competência exclusiva, o setor não praticante considera isso uma coerção religiosa e uma violação da natureza democrática do Estado. Uma das questões atuais diz respeito aos elementos necessários para definir uma pessoa como judeu. O setor ortodoxo defende a determinação de um judeu como uma pessoa nascida de mãe judia ou convertida em estrita conformidade com a lei judaica, enquanto os judeus seculares geralmente apoiam uma definição com base no critério civil da identificação de um indivíduo com o judaísmo. Esses conflitos de interesse deram origem a uma busca por meios legais para definir a demarcação entre religião e Estado. Até que uma solução global seja encontrada, a autoridade reside em um acordo verbal, firmado na véspera da independência de Israel e conhecido como status quo, que estipula que nenhuma alteração fundamental seria feita no status da religião.

Sociedade do *kibutz*

Um modelo social e econômico único, baseado em princípios igualitários e comunais, o *kibutz* surgiu na sociedade pioneira do país, no início do século XX e transformou-se em uma forma permanente de vida rural. Ao longo dos anos, estabeleceu uma economia próspera, no início essencialmente agrícola e mais tarde aumentada com indústrias e serviços, e distinguiu-se com as contribuições de seus membros para a criação e construção do Estado.

No período de pré-Estado de Israel e durante os primeiros anos de existência do Estado, o *kibutz* assumiu funções centrais no assentamento, imigração e defesa, mas quando elas foram

transferidas para o governo, a interação entre o *kibutz* e o restante de Israel foi reduzida. Sua centralidade como uma vanguarda para o desenvolvimento social e institucional diminuiu e, desde 1970, o mesmo ocorreu com sua força política, que nos primeiros dias era refletida em uma representação excessiva. No entanto, a participação dos *kibutzim* na produção nacional continuou a ser significativamente maior do que sua proporção na população.

Nas últimas décadas o *kibutz* tornou-se mais introspectivo, enfatizando as realizações individuais e o crescimento econômico. Em muitos *kibutzim*, a ética de trabalho do “faça você mesmo” tornou-se menos rígida e o tabu sobre o trabalho contratado enfraqueceu. Atualmente, um número maior de trabalhadores assalariados está sendo empregado nos *kibutzim*. Ao mesmo tempo, um número crescente de membros dos *kibutzim* trabalha fora do *kibutz*, com seu salário sendo agregado à renda do *kibutz*.

O *kibutz* de hoje é a realização de três gerações. Os fundadores, motivados por convicções fortes e uma ideologia definitiva, formaram uma sociedade com estilo de vida diferenciado. Seus filhos, nascidos na estrutura social existente, trabalharam duro para consolidar a base econômica, social e administrativa de sua comunidade. A atual geração, que cresceu em uma sociedade bem estabelecida, enfrenta os desafios da vida contemporânea. Hoje, há muita discussão a respeito da natureza futura do relacionamento e responsabilidade mútua entre o indivíduo e a comunidade do *kibutz*, bem como sobre as ramificações dos recentes desenvolvimentos em tecnologia e comunicações para a sociedade.

Alguns temem que, ao adaptar-se às novas circunstâncias, o *kibutz* está se afastando perigosamente de seus princípios e valores originais. Outros acreditam que essa capacidade de adaptação é a chave para a sobrevivência.

COMUNIDADES MINORITÁRIAS

Cerca de 1,8 milhões de pessoas, representando aproximadamente 24% da população de Israel, são não judeus. Embora definidos coletivamente como cidadãos árabes de Israel, incluem vários grupos diferentes, principalmente de língua árabe, cada um com características distintas.

Os **árabes muçulmanos**, mais de 1,2 milhões de pessoas, em sua maioria sunitas, reside principalmente em pequenas cidades e aldeias, mais da metade delas no norte do país.

Os **beduínos árabes**, também muçulmanos (estimados em aproximadamente 250.000), pertencem a aproximadamente 30 tribos, a maioria espalhada em uma ampla área no sul e alguns ao norte. Antes pastores nômades, os beduínos estão em transição de uma estrutura social tribal para uma sociedade permanente e estão gradualmente se incorporando à força de trabalho de Israel.

Cerca de 123.000 **árabes cristãos** vivem principalmente em áreas urbanas, incluindo Nazaré, Shfar'am, e Haifa. Apesar de muitas denominações serem representadas nominalmente, a maioria está afiliada às igrejas Católica Grega, Ortodoxa Grega e Católica Romana.

Os **drusos**, aproximadamente 122.000 pessoas de idioma árabe que vivem em 22 aldeias no norte de Israel, constituem uma comunidade cultural, social e religiosa separada. Embora a religião drusa não seja acessível para estrangeiros, um aspecto conhecido de sua filosofia é o conceito de *taqiyya*, que exige a lealdade completa de seus adeptos ao governo do país em que residem.

Os **circassianos**, aproximadamente 4.000 pessoas concentradas em duas aldeias do norte, são muçulmanos sunitas, embora não compartilhem a origem árabe nem a formação cultural da comunidade islâmica em geral. Mantendo uma identidade étnica distinta, participam nos assuntos econômicos e nacionais de Israel sem serem assimilados pelas sociedades judaica ou muçulmana.

Pluralismo e segregação: Sendo uma sociedade multiétnica, multicultural, multirreligiosa e multi-idiomática, Israel tem um alto nível de padrões de segregação informal. Embora os grupos não sejam separados por uma política oficial, uma série de setores diferentes dentro da sociedade são segregados de certa forma e mantêm sua forte identidade cultural, religiosa, ideológica e/ou étnica.

No entanto, apesar de um grau bastante elevado de segmentação social, alguma disparidade econômica e uma vida política muitas vezes superaquecida, a sociedade é relativamente equilibrada e estável. O baixo nível de conflito social entre os diferentes grupos, apesar de um potencial de inquietação social, pode ser atribuído aos sistemas judicial e político do país, que representam a total igualdade jurídica e cívica.

Assim, Israel não é uma sociedade miscigenada, mas sim um mosaico composto de diferentes grupos populacionais que convivem em um Estado democrático.

Vida nas comunidades árabes

As migrações árabes para dentro e fora do país flutuam em resposta às condições econômicas. No final do século XIX, quando a imigração judaica estimulou o crescimento econômico, muitos árabes foram atraídos para a área em busca de oportunidades de emprego, salários mais altos e melhores condições de vida.

A maioria da população árabe de Israel vive em suas próprias cidades e aldeias na Galileia, incluindo a cidade de Nazaré, na área central entre Hadera e Petach Tikva, no Neguev, e em centros urbanos mistos, como Jerusalém, Akko (Acre), Haifa, Lod, Ramle e Yafo (Jaffa).

A comunidade árabe de Israel constitui principalmente um setor da classe trabalhadora em uma sociedade de classe média, um grupo politicamente periférico num estado altamente centralizado e uma minoria de língua árabe em meio à maioria hebraica. Praticamente não assimilados, a identidade distinta da comunidade é facilitada através do uso da língua árabe, a segunda língua oficial de Israel; um sistema escolar árabe/druso separado; mídia, literatura e teatro árabes; e a manutenção de tribunais independentes para muçulmanos, drusos e cristãos que julgam assuntos do âmbito pessoal.

Embora os costumes do passado ainda façam parte da vida diária, o enfraquecimento gradual da autoridade tribal e patriarcal, os efeitos da escolaridade obrigatória e a participação no processo democrático de Israel estão afetando rapidamente as perspectivas e estilos de vida tradicionais. Simultaneamente, o status das mulheres árabes israelenses tem sido significativamente liberalizado pela legislação, que estipula direitos iguais para mulheres e a proibição da poligamia e do casamento de crianças.

O envolvimento político do setor árabe se manifesta nas eleições nacionais e municipais. Cidadãos árabes dirigem os assuntos políticos e administrativos de seus municípios e representam os interesses árabes através de seus representantes eleitos no Knesset (parlamento de Israel), que podem operar na arena política para promover o status dos grupos minoritários e sua parcela de benefícios nacionais.

Desde o estabelecimento de Israel (1948), os cidadãos árabes têm dispensa do serviço obrigatório nas Forças de Defesa de Israel (IDF), em consideração a seus vínculos familiares, religiosos e culturais com o mundo árabe (que submeteu Israel a ataques frequentes), bem como por preocupação com uma possível dupla lealdade. Ao mesmo tempo, o serviço militar voluntário é encorajado, e alguns árabes escolhem essa opção a cada ano. Desde 1957, a pedido dos líderes de suas comunidades, o serviço na IDF é obrigatório para homens drusos e circassianos, e o número de beduínos que entram voluntariamente na carreira militar aumenta de forma constante.

Dinâmica árabe-judaica

Os cidadãos árabes, que constituem mais de um sexto da população de Israel, existem à margem dos mundos conflitantes de judeus e palestinos. No entanto, embora seja um segmento do povo árabe em sua cultura e identidade e questione a identificação de Israel como Estado judeu, eles veem seu futuro ligado a Israel. No processo, adotaram o hebraico como segunda língua e a cultura israelense como uma camada extra em suas vidas. Ao mesmo

tempo, eles se esforçam para atingir um maior grau de participação na vida nacional, uma maior integração na economia e mais benefícios para suas próprias cidades e aldeias.

O desenvolvimento de relações intergrupais entre árabes e judeus de Israel é dificultado por diferenças profundamente enraizadas na religião, nos valores e nas crenças políticas. No entanto, embora coexistam como duas comunidades segregadas, eles têm começado a aceitar uns aos outros ao longo dos anos, reconhecendo a singularidade e as aspirações de cada comunidade.

LIBERDADE RELIGIOSA

A Declaração do Estabelecimento do Estado de Israel (1948) garante a liberdade religiosa para todos. Cada comunidade religiosa é livre, por lei e na prática, para exercer sua fé, observar seus feriados e dia semanal de descanso e para administrar seus assuntos internos. Cada uma tem seu próprio conselho religioso e tribunais, reconhecidos por lei e com jurisdição sobre todas as questões religiosas e assuntos de âmbito pessoal, como casamento e divórcio. Cada uma tem seus lugares especiais de culto, com os ritos tradicionais e formas arquitetônicas desenvolvidas ao longo dos séculos.

Sinagoga: O culto judaico ortodoxo tradicional requer um *minian* (quórum de 10 homens adultos). As orações acontecem três vezes ao dia. Homens e mulheres são geralmente sentados separadamente, e as cabeças são cobertas. Os serviços podem ser conduzidos por um rabino, cantor, ou congregante. O rabino não é um sacerdote ou um intermediário de Deus, mas um professor. O ponto focal na sinagoga é a Arca Sagrada, que é voltada para o Monte do Templo em Jerusalém e contém os rolos da Torá. Uma porção semanal determinada é lida ciclicamente ao longo do ano. Os serviços são particularmente festivos no Shabat (sábado, dia de descanso judaico) e em feriados.

Mesquita: As orações muçulmanas ocorrem cinco vezes ao dia. Homens e mulheres rezam separadamente. Os sapatos são removidos e uma ablução ritual pode ser realizada. Os muçulmanos rezam voltados para Meca, na Arábia Saudita, cuja direção é indicada por um *mihrab* (nicho) na parede da mesquita. Os serviços são executados por um imã, um líder de oração muçulmano. Na sexta-feira, o tradicional dia de descanso muçulmano, um sermão público pode ser pregado.

Igreja: A forma e frequência dos serviços cristãos variam de acordo com a denominação, mas todas observam o domingo como dia de descanso, com rituais especiais. Os serviços são realizados por um padre ou ministro. Homens e mulheres rezam juntos. Os serviços são muitas vezes acompanhados por música e canto coral. Tradicionalmente, as igrejas são em forma de cruz.

Lugares sagrados

Cada local e santuário é administrado por sua própria autoridade religiosa e a liberdade de acesso e de culto é garantida por lei.

Os principais lugares sagrados são:

Judaicos: O Kotel de Jerusalém (Muro das Lamentações), último remanescente da muralha do Monte do Templo desde o período do Segundo Templo; o Túmulo de Raquel, perto de Belém; o Túmulo dos Patriarcas na Caverna da Machpelá, em Hebron; os túmulos de Maimônides (Rambam) em Tiberíades e do rabino Shimon Bar Yohai em Meron.

Islâmicos: O complexo de edifícios Haram a-Sharif, no Monte do Templo, incluindo o Domo da Rocha e a Mesquita de Al-Aksa, em Jerusalém; o Túmulo dos Patriarcas, em Hebron; a Mesquita de El-Jazzar, em Akko.

Cristãos: A Via Dolorosa, a Sala da Última Ceia, a Igreja do Santo Sepulcro e outros locais da paixão e crucificação de Jesus, em Jerusalém; a Igreja da Natividade, em Belém; a Igreja da Anunciação, em Nazaré; o Monte das Bem-Aventuranças, Tabgha e Cafarnaum, perto do Mar da Galileia (Lago Kineret).

Drusos: Nebi Shueib (o túmulo de Jetro, sogro de Moisés), perto dos Chifres de Hattin, na Galileia.

Baha'i (religião independente fundada na Pérsia durante o século XIX): O Centro Mundial Baha'i, o Santuário do Báb, em Haifa; o Santuário de Baha'ullah, profeta fundador da fé Bahá'i, perto de Akko.

SAÚDE E ASSISTÊNCIA SOCIAL

Serviços de saúde

Pesquisa médica

Ajuda além das fronteiras

Assistência social

Previdência social

Serviço voluntário

SAÚDE E ASSISTÊNCIA SOCIAL

O alto padrão dos serviços de saúde de Israel, seus recursos e pesquisas médicos de alta qualidade, hospitais modernos e uma proporção impressionante de médicos e especialistas na população explicam a baixa taxa de mortalidade infantil (4,7 a cada 1.000 partos) e alta expectativa de vida (82,5 anos para as mulheres e 78,8 para os homens). O atendimento médico de todos, da infância à terceira idade, é garantido por lei e os gastos nacionais com saúde são favoráveis, em comparação com outros países desenvolvidos.

Todo Israel é responsável um pelo outro. (Talmude da Babilônia, Shavuot 39a)

SERVIÇOS DE SAÚDE

Uma tradição antiga: No século XIX, doenças como disenteria, malária, tifo e tracoma eram comuns na Terra de Israel, uma parte remota e esquecida do Império Otomano. Para oferecer atendimento médico à população judaica da Cidade Antiga de Jerusalém, algumas clínicas estabelecidas por comunidades judaicas europeias ofereciam atendimento gratuito para os necessitados, tornando-se famosas por sua dedicação em circunstâncias difíceis. Essas clínicas cresceram e transformaram-se em hospitais: Bikur Holim (fundado em 1843), Misgav Ladach (1888), e Shaare Zedek (1902), todos em funcionamento até hoje, oferecendo atendimento e tecnologia avançados. O centro médico universitário Hadassah, em Jerusalém, com escolas de medicina, enfermagem e farmácia, além de dois modernos hospitais, tem sua origem em duas enfermeiras enviadas a Jerusalém em 1913 pela Hadassah, Organização das Mulheres Sionistas da América.

Imagem cedida pelo Hospital Shaare Zedek

A base do sistema de saúde, que inclui uma rede de atendimento médico preventivo, diagnósticos e tratamento, foi criada durante o período pré-Estado, pela comunidade judaica e autoridades do Mandato Britânico, que administrou o país entre 1918 e 1948.

Assim, quando o Estado de Israel foi criado, uma estrutura médica bem desenvolvida já existia, a imunização era um procedimento comum e os modelos para a melhoria das condições ambientais estavam em operação. Ainda assim, nos primeiros anos do Estado, a assistência médica teve de abordar novamente problemas que já haviam sido superados, para lidar com as necessidades de centenas de milhares de refugiados da Europa pós-guerra e de países árabes. Esse desafio foi superado com um grande esforço nacional, envolvendo atendimentos especiais e um plano ambicioso de educação sobre saúde e medicina preventiva.

A população do país é atendida por uma rede médica extensa, composta por hospitais, clínicas e centros de medicina preventiva e reabilitação. O atendimento hospitalar inclui procedimentos e técnicas avançados, como fertilização in vitro, ressonância magnética, neurocirurgias e transplantes de órgãos e medula óssea.

Centros de atendimento mãe-filho, para mulheres grávidas e crianças recém-nascidas, oferecem exames pré-natais, diagnóstico rápido de deficiências físicas e mentais, imunizações, check-ups pediátricos e educação sobre saúde.

Administração e estrutura

O Ministério da Saúde é responsável por todos os serviços de saúde. Ele prepara a legislação e supervisiona sua implantação, controla os padrões médicos nacionais, mantém os padrões de qualidade de alimentos e remédios, emite licenças para profissionais da área, promove a pesquisa médica, avalia os serviços de saúde e supervisiona o planejamento e a construção de hospitais. O ministério também age como órgão de saúde pública para medicina ambiental e preventiva.

Profissionais da saúde

Há aproximadamente 32.000 médicos, 9.000 dentistas e 6.000 farmacêuticos em Israel, trabalhando em equipes de hospitais e clínicas, além de consultórios particulares. Cerca de 72% dos 54.000 enfermeiros do país são registrados, enquanto o restante trabalha como auxiliar de enfermagem.

O treinamento para as profissões médicas é oferecido por quatro escolas de medicina, duas escolas de odontologia, duas de farmácia e 15 escolas de enfermagem, das quais sete oferecem diplomas acadêmicos. Os cursos de fisioterapia, terapia ocupacional e nutrição, além de cursos técnicos em radiologia e exames laboratoriais, são ofertados por várias instituições.

Magen David Adom, o serviço de emergências médicas de Israel, oferece uma rede de prontos-socorros, um programa nacional de doação de sangue, bancos de sangue, cursos de primeiros-socorros e um serviço público de ambulâncias, incluindo UTIs móveis. A organização conta com o apoio de 10.000 voluntários, incluindo vários alunos do ensino médio, trabalhando em 109 postos em todo o país.

Seguro-saúde

A Lei Nacional dos Seguros oferece uma cesta básica de serviços médicos, incluindo internação hospitalar, para todos os residentes de Israel. Os serviços médicos são oferecidos através de quatro esquemas de seguro-saúde do país, obrigados a aceitar segurados sem restrição por idade ou estado de saúde.

As principais fontes de financiamento são o imposto mensal do seguro-saúde, de até 4,8% da renda, cobrado pelo Instituto Nacional de Seguros, e a participação das empresas nos custos do seguro de seus funcionários. Os esquemas de seguro são reembolsados de acordo com a média ponderada do número de participantes, calculados por idade, distância entre a residência e as instalações médicas e outros critérios determinados pelo Ministério da Saúde.

TURISMO MÉDICO: Israel tornou-se um destino popular para pacientes de todo o mundo com doenças crônicas como reumatismo, psoríase e asma. Muitos recebem tratamentos especiais nas águas termais de Tiberíades, nas águas minerais do Mar Morto ou no clima seco de Arad, cidade moderna no deserto de Negev.

Problemas de saúde

Os problemas de saúde comuns em Israel são semelhantes aos do mundo ocidental. Como doenças cardíacas e o câncer são responsáveis por dois terços das mortes, o estudo dessas doenças é uma prioridade nacional. Outras preocupações são o atendimento geriátrico, os problemas criados pelas mudanças ambientais e as condições criadas pela vida moderna, além de acidentes de trânsito e do trabalho. Programas de educação sobre saúde são amplamente divulgados para informar a população sobre o perigo do fumo e da obesidade, além da falta de exercícios, que trazem prejuízos à saúde. Também há campanhas frequentes para conscientizar trabalhadores e motoristas sobre riscos potenciais.

PESQUISA MÉDICA

Imagem cedida pelo Hospital Shaare Zedek

A boa infraestrutura de pesquisa médica e paramédica de Israel e sua capacidade de bioengenharia possibilitam uma série de investigações médicas.

As pesquisas são realizadas pelas escolas de medicina e por várias instituições e laboratórios do governo, além dos departamentos de P&D de empresas dos setores farmacêutico, de bioengenharia, de alimentos e de equipamentos médicos. As instalações de alto nível do país são reconhecidas em todo o mundo, mantendo-se contato regular com as principais escolas de medicina e centros de pesquisa científica do exterior. Israel costuma receber conferências internacionais sobre diversos assuntos médicos.

Tecnologia médica

A tecnologia sofisticada é parte essencial dos procedimentos atuais de diagnóstico e tratamento. Uma grande cooperação entre as instituições de pesquisa e as indústrias levou a grandes progressos no desenvolvimento de equipamentos médicos especializados. São exportados para todo o mundo, entre outros, tomógrafos e aparelhos computadorizados israelenses, essenciais para um diagnóstico e tratamento eficaz em situações críticas. Israel foi pioneiro no desenvolvimento e uso de instrumentos cirúrgicos a laser, além de diversos equipamentos médicos eletrônicos, incluindo sistemas de monitoramento computadorizado e outros aparelhos que salvam vidas e aliviam a dor.

AJUDA ALÉM DAS FRONTEIRAS

Com a crença de que a ajuda médica adequada é um direito universal que ultrapassa fronteiras ideológicas e políticas, os hospitais de Israel estão abertos a qualquer pessoa que precise deles. Ao longo dos anos, pacientes de todo o mundo vieram em busca de tratamento especializado, incluindo países com quem Israel não mantém relações diplomáticas. Em várias partes da Ásia e da África, médicos e enfermeiros de Israel ajudam no tratamento de doenças que já foram praticamente erradicadas nos países desenvolvidos e compartilham suas técnicas com profissionais locais em programas de intercâmbio. Alguns desses programas são mantidos pela Organização Mundial da Saúde. Equipes médicas israelenses também participam de iniciativas de socorro a áreas de desastre.

ASSISTÊNCIA SOCIAL

O amplo sistema de assistência social de Israel é baseado na legislação e oferece uma série de serviços nacionais e comunitários. Assistência a idosos, programas de apoio a pais solteiros, crianças e jovens, prevenção e tratamento de dependência de substâncias e assistência a novos imigrantes representam uma grande parte dos serviços sociais disponíveis. Os serviços penais incluem modelos de liberdade condicional, programas de supletivos para adultos e serviços de residência e observação para jovens com problemas. Centros de trabalho e aconselhamento profissional são alguns dos serviços de reabilitação oferecidos para deficientes visuais e físicos. Pessoas com deficiência mental são atendidas através de vários programas residenciais e comunitários.

Administração

De acordo com a Lei da Assistência Social (1958), os municípios e autoridades locais devem manter um departamento responsável pelos serviços sociais, com 75% de seu orçamento mantido pelo Ministério do Trabalho e Assistência Social. Serviços nacionais, como adoção, modelos de liberdade condicional e instituições residenciais para pessoas com deficiências são financiados e controlados pelo ministério. O ministério determina as políticas, inicia a legislação, verifica o cumprimento das normas operacionais dos serviços sociais e supervisiona os serviços oferecidos por órgãos públicos e privados.

Assistentes sociais

Cursos de assistência social, presentes na maioria das universidades, oferecem treinamento de graduação e pós-graduação, combinando o estudo teórico ao trabalho prático. Programas governamentais oferecem treinamento no cuidado de crianças e para auxiliares de serviço social, além de treinamento no trabalho para profissionais da área. Profissionais comunitários são empregados em vários contextos, incluindo secretarias de assistência social, centros comunitários, instalações de atendimento a imigrantes, centros médicos mãe-filho, escolas, fábricas e hospitais.

Terceira idade

Atendimento e serviços para idosos são o principal componente dos recursos de saúde e assistência social de Israel. Enquanto a população total aumentou cinco vezes desde a criação do país, o número de idosos (acima de 65 anos) aumentou dez vezes, passando a representar quase 10% dos 7 milhões de habitantes de Israel. Boa parte desse crescimento se deve à imigração em massa, principalmente nas décadas de 50 e 90. Mais de um milhão de imigrantes chegaram após 1989, principalmente da antiga União Soviética. Mais de 12% deles tinha 65 anos ou mais. Muitos não tiveram tempo ou oportunidades para aprender hebraico, entrar na força de trabalho ou estabelecer uma base econômica segura para sua aposentadoria. Assim, vários idosos israelenses, dos quais 13% são portadores de necessidades especiais, dependem de recursos familiares ou comunitários.

Com planejamento e supervisão do Ministério do Trabalho e Assistência Social, a disponibilização dos serviços é repassada para os departamentos de assistência social e as autoridades locais. Serviços comunitários para a terceira idade, visando preservar sua vida independente, incluem a avaliação de suas necessidades por assistentes sociais, auxílio a famílias que cuidam de um idoso, clubes da terceira idade, entrega de refeições, casas de repouso, *daycare*, equipamentos médicos e transportes. Os serviços são voltados principalmente para grupos de risco, como pessoas sem família ou de baixa renda.

PREVIDÊNCIA SOCIAL

A Lei Nacional dos Seguros (1954) garante diversos benefícios à população, que são fornecidos pelo Instituto Nacional de Seguros (INS), uma autarquia coordenada pelo Ministério do Trabalho e Assistência Social. Suas atividades são financiadas por pagamentos obrigatórios de empresas, funcionários e autônomos, além de reservas de orçamento do governo. A política de manutenção de renda do governo é conduzida pelo INS, com assistência complementar a famílias e pessoas cuja renda esteja abaixo do mínimo determinado. Bolsas universais para crianças aumentam a renda das famílias, especialmente aquelas com quatro ou mais filhos. Uma emenda à Lei Nacional dos Seguros oferece atendimento de longo prazo a idosos que precisam de ajuda diária, tanto no lar quanto em casas de repouso. O INS também administra o programa nacional de seguro-saúde de Israel.

SERVIÇO VOLUNTÁRIO

Cerca de 20% da população adulta de Israel é voluntária, participando de 278 corpos voluntários que complementam os serviços sociais e de saúde. Essas organizações vão desde auxílio hospitalar ou emergencial até a Guarda Civil e unidades voluntárias de resgate; grupos que combatem os principais problemas sociais, como subsistência, abuso a mulheres ou crianças, segurança nas estradas e conservação ambiental; e outros que lutam pelos direitos de mulheres, imigrantes e consumidores, e pelo bem dos militares.

Vários programas oferecem a voluntários estrangeiros a oportunidade de trabalhar em Israel, normalmente por períodos curtos. Muitos vêm no verão para participar de escavações arqueológicas, alguns trabalham nos *kibutzim* e outros ajudam na assistência social. Alguns jovens voluntários alemães consideram que cuidar dos idosos e doentes em Israel é uma compensação pelos crimes de guerra do regime nazista contra o povo judeu.

A força voluntária atual é diferente das gerações anteriores. Como várias mulheres israelenses trabalham, elas não têm tempo livre para se dedicar ao voluntariado, mas a alta expectativa de vida produz muitos aposentados, homens e mulheres, com tempo para ajudar em áreas como assistência médica de emergência (Magen David Adom) ou organizações ambientais. Universitários costumam ser voluntários no ensino de crianças e adolescentes carentes (podendo receber bolsas de estudo parciais). O esforço voluntário em Israel é coordenado pelo Conselho Nacional de Voluntários de Israel, uma organização pública sem fins lucrativos, financiada pelo gabinete do primeiro-ministro e filiada a agências de trabalho voluntário internacionais. Campanhas de grupos voluntários, incluindo campanhas televisivas nacionais para coletar fundos para as causas, são normais na vida israelense.

EDUCAÇÃO

Desafios

Pré-escola

Sistema educacional

Administração e estrutura

Ensino médio

Ensino superior

Universidades

Faculdades

Educação para adultos

EDUCAÇÃO

A educação em Israel é uma herança preciosa. Seguindo as tradições do passado, a educação continua a ser um valor fundamental e é considerada a chave para o futuro. O sistema educacional prepara as crianças para se tornarem membros responsáveis de uma sociedade democrática e pluralista, em que pessoas de diferentes origens étnicas, religiosas, culturais e políticas possam coexistir. É baseada nos valores judaicos, no amor à terra, e nos princípios da liberdade e da tolerância. Ela pretende fornecer um alto nível de conhecimento, com ênfase nas habilidades científicas e tecnológicas essenciais para o desenvolvimento do país.

O mundo existe unicamente graças ao sopro das crianças na escola. (Talmude da Babilônia, Shabat, 119b)

DESAFIOS

Quando o Estado de Israel foi fundado (1948), já existia um sistema de educação em pleno funcionamento, desenvolvido e mantido pela comunidade anterior ao estado judaico, com o hebraico, que tinha sido reavivado na língua cotidiana no fim do século XIX, como o língua de instrução.

Contudo, pouco depois do estabelecimento do estado, o sistema educacional teve que enfrentar o gigantesco desafio de integrar um grande número de crianças imigrantes provenientes de mais de 70 países - algumas que chegaram com suas famílias, outras sozinhas - o que vinha realizar a razão de ser de Israel, pátria histórica do povo judeu. À massa imigratória dos anos 50, proveniente sobretudo da Europa pós-guerra e de países árabes, seguiu-se um grande fluxo de judeus da África do Norte, nos anos 60. Na década de 70, houve a primeira grande imigração de judeus da União Soviética, à qual se seguiram pequenos grupos intermitentemente. Desde a dissolução da União Soviética em 1989, mais de meio milhão de judeus da Rússia vieram estabelecer-se em Israel, e atualmente dezenas de milhares chegam a cada ano. Em duas ondas maciças, em 1984 e 1991, quase toda a comunidade judaica da Etiópia foi trazida ao país. Ao longo dos anos, muitos judeus das Américas e de outras partes do mundo ocidental também vieram viver em Israel.

Além da necessidade de atender à demanda urgente de mais salas de aula e professores, foi preciso desenvolver métodos especiais para ajudar a absorver jovens de diferentes vivências culturais na população escolar. Os programas desenvolvidos especificamente para esses fins incluem a preparação de currículos auxiliares especiais e classes de curta duração, onde os alunos imigrantes estudam os assuntos que não aprenderam em seus países de origem, como a língua hebraica ou história judaica. Foram criados cursos especiais de especialização de professores para o trabalho com jovens imigrantes, assim como cursos de reciclagem para professores imigrantes, possibilitando sua integração profissional ao sistema educacional.

Ao mesmo tempo, o Ministério da Educação, Cultura e Esporte, em cooperação com as escolas de educação das universidades do país, está constantemente alinhando os padrões educacionais às mais modernas práticas pedagógicas, como a igualdade obrigatória entre os sexos, melhoria das condições dos professores, ampliação dos currículos humanistas e promoção de estudos científicos e tecnológicos. Um aspecto fundamental dessa política é a promoção de oportunidades educacionais iguais a todas as crianças e o aumento do número de alunos aprovados nos exames finais de conclusão de 2º grau.

Despesa nacional em educação, em relação ao PIB

PRÉ-ESCOLA

A educação em Israel começa cedo, para que todas as crianças possam ter um bom ponto de partida, sobretudo em termos de socialização e desenvolvimento da linguagem.

Grande parte das crianças de dois anos e quase todas de três e quatro anos de idade frequentam algum estabelecimento de educação pré-escolar. A maior parte é custeada pelas autoridades locais; muitos são creches mantidas por organizações femininas; outros são particulares. O Ministério da Educação tem verbas especiais destinadas à educação pré-escolar em áreas de desenvolvimento.

Os jardins de infância para crianças de cinco anos são gratuitos e a frequência é obrigatória. O currículo tem por objetivo ensinar habilidades básicas, inclusive linguagem e conceitos numéricos, desenvolvendo a capacidade cognitiva e a criatividade, e promovendo o convívio social. Os currículos de todos os estabelecimentos pré-escolares são orientados e supervisionados pelo Ministério da Educação, para assegurar uma base sólida para o aprendizado futuro.

SISTEMA EDUCACIONAL

A frequência escolar é obrigatória dos 6 aos 16 anos e gratuita até os 18 anos. A educação formal se inicia na escola primária (1ª à 6ª série) e prossegue no nível médio (7ª à 9ª série) e secundário (10ª à 12ª série). Cerca de 9% da população escolar entre 13 e 18 anos estuda em regime de internato.

A natureza pluralista da sociedade israelense está inserida na estrutura do sistema educacional. As escolas são divididas em quatro grupos: **escolas públicas**, frequentadas pela maioria das crianças do país; **escolas públicas religiosas**, que dão ênfase aos estudos judaicos, à tradição e à observância religiosa; **escolas árabes e drusas**, onde a língua de ensino é o árabe e que focam na história, religião, cultura árabe e drusa; e **escolas particulares**, sob os auspícios de vários grupos religiosos e internacionais.

Nos últimos anos, com a crescente preocupação dos pais no que concerne à orientação da educação de seus filhos, foram fundadas novas escolas, que refletem a filosofia e as crenças de grupos específicos de pais e educadores.

Currículo

A maior parte da carga horária diária é dedicada aos programas letivos obrigatórios. Embora as matérias lecionadas sejam uniformes em todo o sistema, as escolas têm liberdade de opção dentre uma ampla gama de unidades de estudo e de materiais de ensino, propostos pelo Ministério da Educação, para adaptá-los às características de seu corpo docente e discente. Para aprofundar a compreensão dos alunos sobre a sociedade em que vivem, a cada ano, um tópico especial de importância nacional é estudado em mais profundidade. Entre os temas já abordados citam-se os valores democráticos, a língua hebraica, a imigração, Jerusalém, a paz e a indústria.

EDUCAÇÃO DE CRIANÇAS ESPECIAIS

Crianças superdotadas, que se classificam entre os primeiros 3% de suas turmas e foram aprovadas em testes especiais, participam de programas de enriquecimento, que variam desde escolas especiais de tempo integral a cursos extracurriculares. Uma classe de superdotados se caracteriza pelo nível dos alunos e pelos assuntos estudados, com ênfase não somente na aquisição e compreensão dos conhecimentos, mas também na aplicação dos conceitos aprendidos em outras disciplinas. As crianças que participam desses programas aprendem a pesquisar e trabalham de forma independente com novos materiais.

Crianças com necessidades especiais ou problemas de aprendizagem são encaminhadas para locais com estrutura adequada, de acordo com a natureza de sua deficiência, para permitir integração social e vocacional às comunidades em que vivem. Assim, algumas são atendidas em instituições especiais, enquanto que outras frequentam classes especiais nas escolas comuns, ou estudam em turmas regulares, recebendo assistência suplementar.

A responsabilidade por seu bem-estar é compartilhada por profissionais da área de saúde, psicólogos, assistentes sociais e professores especializados em educação especial, assim como pela família e vários serviços de apoio comunitários. Uma comissão constituída por lei, nomeada pelo Ministro da Educação, determina o enquadramento das crianças com necessidades especiais aos programas e instituições de educação especial, gratuitos dos 3 aos 21 anos.

ADMINISTRAÇÃO E ESTRUTURA

O Ministério da Educação é responsável pelos currículos escolares, pelos padrões educacionais, pela supervisão do corpo docente e pela construção dos prédios escolares. As autoridades locais são encarregadas da manutenção das escolas, e da aquisição de equipamento e material. Os professores dos jardins de infância e escolas primárias são funcionários do ministério, e os das escolas intermediárias e secundárias são funcionários de órgãos locais que recebem para esse fim as verbas do ministério, de acordo com o tamanho de sua população escolar. O governo subvenciona 80% das despesas em educação e o restante é financiado pelas autoridades locais e outras fontes.

ENSINO MÉDIO

A **Televisão Educativa (ETV)**, uma unidade do Ministério da Educação, produz e transmite programas escolares para uso em salas de aula e programas educacionais para toda a população. Além disso, a ETV colabora com profissionais da educação em universidades e seminários de professores no desenvolvimento de novos métodos de ensino. Dedicada ao fornecimento de educação para toda a vida, a ETV orienta sua produção para pessoas de todas as idades, através de programas de enriquecimento para crianças, programas de entretenimento para jovens, cursos educacionais para adultos e notícias para todos.

Porcentagem de candidatos ao ensino superior em entre a população de 17 anos

A maioria das escolas de ensino médio oferecem currículos científicos e na área de ciências humanas, levando a um certificado de matrícula e ao ensino superior.

Certas escolas secundárias têm currículos especializados, que conduzem ao certificado de conclusão de 2º grau e/ou a um diploma de ensino vocacional. As escolas tecnológicas formam técnicos e engenheiros operacionais em três níveis; alguns se preparam para a continuação dos estudos em nível superior, outros estudam para obter um diploma de ensino vocacional e outros adquirem habilidades práticas. As escolas agrícolas, em caráter residencial, acrescentam estudos de agronomia às matérias básicas. As escolas preparatórias militares, de dois tipos, preparam futuros profissionais e técnicos para a carreira militar nos campos específicos necessários às Forças de Defesa de Israel. *Yeshivas* de 2º grau, de modo geral internatos, com estruturas separadas para moças e rapazes, complementam o currículo secular com estudos religiosos intensivos, promovendo a observância da tradição e o modo de vida religioso judaico. As escolas são abrangentes e oferecem vários programas de estudos vocacionais, desde contabilidade a mecânica, eletrônica, hotelaria, planejamento visual e outros.

Jovens que não frequentam as escolas acima mencionadas estão sujeitos à Lei de Aprendizado, que os obriga a estudar para obter uma profissão numa escola de ensino vocacional aprovada. Os programas para aprendizes são oferecidos pelo Ministério do Trabalho em escolas afiliadas a redes vocacionais. Estes programas, de três a quatro anos de duração, consistem de dois anos de estudos regulares seguidos por um ou dois anos durante os quais os alunos estudam três dias por semana e trabalham nos outros dias no ofício que escolheram. Os ofícios variam de cabeleireiro e cozinheiro a mecânica e digitação.

ENSINO SUPERIOR

A educação superior desempenha um papel fundamental no desenvolvimento econômico e social do país. Quase um quarto de século antes do estabelecimento do estado, foi fundado em Haifa o Technion - o Instituto de Tecnologia de Israel (1924), destinado à formação de engenheiros e arquitetos, necessários à reconstrução do país. A Universidade Hebraica de Jerusalém (1925) foi fundada como um centro de estudos superiores para os jovens da Terra de Israel e para receber estudantes e professores judeus do exterior. Quando Israel conquistou sua independência (1948), havia 1.600 estudantes matriculados nas duas universidades. Entre 2009 e 2010, aproximadamente 280.000 estudantes frequentaram as instituições de ensino superior do país. Cerca de 38% estudam nas universidades e 41% nas faculdades, enquanto 21% participam de cursos da Universidade Aberta.

Funcionando com completa liberdade acadêmica e administrativa, as instituições de ensino superior de Israel estão abertas a todos que atendam às suas exigências acadêmicas. Novos imigrantes e estudantes sem a qualificação necessária podem cursar programas preparatórios especiais, os quais, uma vez concluídos com sucesso, os habilitam à inscrição nas universidades.

Conselho de Educação Superior

As instituições de ensino superior funcionam sob a supervisão do Conselho de Educação Superior, presidido pelo ministro de educação e que reúne acadêmicos, representantes comunitários e um representante dos estudantes. Ele outorga reconhecimento, autoriza a concessão de graus acadêmicos e aconselha o governo no que diz respeito ao desenvolvimento e financiamento do ensino superior e da pesquisa científica.

O Comitê de Planejamento e Subvenções, composto de quatro acadêmicos de alto nível de campos diferentes e duas personalidades dos setores comercial ou industrial, é o órgão intermediário entre o governo e as instituições de ensino superior para assuntos financeiros, propostas orçamentárias a ambos os órgãos e aplicação do orçamento aprovado. Os fundos públicos representam 70% do orçamento do ensino superior e as mensalidades pagas pelos estudantes, 20% e o restante é proveniente de várias fontes particulares. O Comitê promove também a cooperação entre as várias instituições.

Estudantes Universitários

Quase todos os estudantes israelenses têm mais de 21 anos quando iniciam seus estudos, após cumprirem três anos de serviço militar obrigatório para os homens e dois anos para as mulheres. Até o início dos anos 60, os estudantes se encaminhavam ao ensino superior para aprimorar seu conhecimento. Nos últimos anos, eles estão mais focados na carreira e grande parte se encaminha para os cursos profissionais oferecidos. Hoje em dia, mais de metade dos israelenses entre 20 e 24 anos está matriculada em alguma das instituições de ensino pós-secundário ou superior do país.

UNIVERSIDADES

O **Technion - Instituto Tecnológico de Israel** (fundado em 1924, em Haifa) formou uma grande parte dos engenheiros, arquitetos e planejadores urbanos do país. Nas últimas décadas, foram acrescentadas faculdades de medicina e ciências biológicas. O Technion funciona como centro de pesquisa pura e aplicada nos campos da ciência e engenharia, contribuindo para o desenvolvimento industrial do país.

A **Universidade Hebraica de Jerusalém** (fundada em 1925), é composta por faculdades que cobrem praticamente todas as áreas do conhecimento, desde História da Arte até Zoologia, e abriga a Biblioteca Nacional de Israel. Desde a sua criação, os cientistas da Universidade Hebraica estão envolvidos em todas as fases do desenvolvimento nacional e seu departamento de estudos judaicos é um dos mais completos do mundo.

Imagem cedida pelo Instituto Weizmann de Ciências

O **Instituto Weizmann de Ciências** (criado em 1934, em Rehovot), denominado Instituto Sieff em sua fundação, foi ampliado em 1949 e recebeu o nome do Dr. Chaim Weizmann, primeiro presidente de Israel e um químico renomado. Atualmente é um reconhecido centro de pós-graduação e pesquisas em física, química, matemática e ciências biológicas. Seus pesquisadores dedicam-se a projetos para acelerar o desenvolvimento industrial e à criação de iniciativas científicas. O Instituto tem um departamento de ensino de ciências que prepara os currículos para as escolas de 2º grau.

A **Universidade Bar Ilan** (fundada em 1955, em Ramat Gan) adota uma abordagem integrativa especial, que combina programas de enriquecimento sobre a tradição judaica com a educação liberal, numa vasta gama de disciplinas, especialmente ciências sociais. Misturando tradição e a moderna tecnologia, nela se encontram institutos de pesquisa de física, química médica, matemática, economia, estudos estratégicos, psicologia evolutiva, musicologia, Bíblia, Talmude, legislação judaica e outros.

A **Universidade de Tel Aviv** (fundada em 1956) resulta da incorporação de três instituições existentes, para atender à necessidade de uma universidade na área de Tel Aviv, a região mais populosa do país. Hoje em dia ela é a maior universidade de Israel, oferecendo uma ampla gama de disciplinas e dando ênfase especial à pesquisa pura e aplicada. A universidade abriga institutos especializados nos campos dos estudos estratégicos, administração de sistemas de saúde, previsão tecnológica e estudos energéticos.

A **Universidade de Haifa** (fundada em 1963) é o centro de ensino superior da região norte do país e oferece oportunidades de estudos interdisciplinares; seus centros interdepartamentais, seus institutos e o projeto arquitetônico, do brasileiro Oscar Niemeyer, foram estruturados para facilitar essa abordagem. A universidade tem um departamento para o estudo do *kibutz* como entidade social e econômica, e um centro dedicado à melhoria da compreensão e cooperação entre judeus e árabes em Israel.

A **Universidade Ben-Gurion do Neguev** (fundada em 1967, em Beer Sheva) foi fundada para servir à população da região meridional de Israel e para estimular o desenvolvimento social e científico da região deserta do país. Tem oferecido grande contribuição à pesquisa de zonas áridas, e sua escola de medicina foi a pioneira nacional na prática da medicina comunitária. Um campus universitário situado no Kibutz Sde Boker abriga um centro de pesquisa para o estudo dos aspectos históricos e políticos da vida e época de Ben-Gurion, o primeiro chefe de governo de Israel.

A **Universidade Aberta** (criada em 1974), baseada no modelo inglês, oferece diferentes oportunidades não tradicionais de graduação superior em nível de bacharelado, utilizando-se de métodos flexíveis que se baseiam principalmente no estudo individual independente, através de livros de texto e guias, complementados por exercícios estruturados, tutoria e exames finais.

FACULDADES

As faculdades regionais oferecem cursos acadêmicos. Várias faculdades estão sob os auspícios de uma das universidades, possibilitando aos estudantes iniciar os estudos superiores perto de suas casas, completando-os no campus principal da universidade.

Alguns institutos especializados oferecem cursos de arte, música, moda, enfermagem, terapias de reabilitação, magistério e esportes. Várias faculdades particulares oferecem também cursos e diplomas em profissões de grande demanda, como administração de empresas, direito, informática, economia e outros. Em algumas destas, há cursos que concedem certificados ou diplomas vocacionais em vários assuntos, desde tecnologia e agricultura a mercadologia (marketing) e hotelaria.

EDUCAÇÃO PARA ADULTOS

Uma ampla gama de cursos, patrocinados pelo Ministério de Educação, assim como por instituições públicas e particulares, procura atender às necessidades individuais que vão desde o aprendizado do hebraico e a complementação do aprendizado de habilidades educacionais básicas à promoção do bem-estar familiar e a expansão dos conhecimentos gerais. O Ministério do Trabalho oferece treinamento e reciclagem vocacional para adultos em vários campos, disponíveis nas grandes cidades e em muitas outras cidades.

O ensino do hebraico em vários níveis, usando o método especial desenvolvido pelo *ulpan*, ajuda os imigrantes e outros grupos da população em sua integração à vida em Israel. A educação compensatória, destinada a reduzir as disparidades educacionais e culturais entre os adultos, é adaptado a estudantes adultos. Cursos de formação profissional, de dia e noturnos, estão disponíveis em centros administrados em conjunto pelo Ministério do Trabalho e empresas industriais, bem como em instituições de formação tecnológica e profissional. As "universidades populares", espalhadas por todo o país, oferecem centenas de cursos teóricos e práticos de educação para adultos, desde assuntos acadêmicos às artes. Entre os programas especiais de rádio destinados aos imigrantes inclui-se a "universidade radiofônica".

CIÊNCIA E TECNOLOGIA

O início

Profissionais

Pesquisa e desenvolvimento (P&D)

CIÊNCIA E TECNOLOGIA

Como muitos outros países pequenos, teve que definir com precisão sua política em relação às atividades científicas e tecnológicas, para poder reforçar sua capacidade competitiva. No campo da ciência, incentiva-se o estabelecimento de centros de excelência com cientistas renomados, mantendo um padrão de qualidade internacional em todos os campos científicos. No campo tecnológico, Israel busca um alto desempenho, concentrando o esforço nacional em um número limitado de áreas.

A porcentagem da população israelense que se dedica à pesquisa científica e tecnológica, e os recursos dispendidos em pesquisa e desenvolvimento (P&D), em relação ao Produto Interno Bruto (PIB), estão entre os mais altos do mundo.

A pesquisa científica e suas conquistas já não são apenas um objetivo intelectual abstrato... mas um fator central... na vida de todo povo civilizado... (David Ben-Gurion, 1962)

O INÍCIO

A história da pesquisa científica em Israel é parte integrante da saga de retorno do povo judeu à sua pátria. Teodoro Herzl (1860-1904), o criador do sionismo político e o primeiro a promover ativamente a ideia de um moderno estado judeu na Terra de Israel, tinha em vista não somente um lar físico para o povo judeu, mas também um grande centro espiritual, cultural e científico.

O desejo de transformar a Terra de Israel, então uma região estéril e infestada de doenças, num estado moderno, foi fundamental no desenvolvimento da pesquisa científica e tecnológica que se seguiu. A pesquisa agrícola remonta ao fim do século XIX, com a criação da Escola Mikve Israel (1870). A Estação Agrícola, estabelecida em Tel Aviv (1921), tornou-se posteriormente a Organização de Pesquisa Agrícola (ARO), atualmente a principal instituição de pesquisa e desenvolvimento agrícola de Israel. A pesquisa médica e de saúde pública teve início antes da 1ª Guerra Mundial, com a fundação do Centro Hebraico de Saúde; Um avanço importante foi a criação do Instituto de Microbiologia e dos departamentos de bioquímica, bacteriologia e higiene da Universidade Hebraica de Jerusalém em meados da década de 20. Eles constituíram a base do Centro Médico Hadassa, a mais importante instituição de pesquisa médica de Israel. Os pioneiros da pesquisa industrial foram os Laboratórios do Mar Morto, criados nos anos 30; os primeiros progressos em ciência e tecnologia básicas foram alcançados na Universidade Hebraica (fundada em 1925), no Instituto de Tecnologia Technion-Israel (fundado em Haifa em 1924) e no Centro de Pesquisa Daniel Sieff (fundado em 1934 em Rechovot), que posteriormente tornou-se o Instituto Weizmann de Ciência (1949).

Quando o Estado de Israel foi criado, em 1948, a infraestrutura científica e tecnológica do país já estava estabelecida. No início, a pesquisa se concentrava em projetos de importância nacional; desde então, as indústrias voltadas para o comércio vêm se desenvolvendo.

PROFISSIONAIS

O grande contingente de pessoal profissionalmente qualificado é o principal responsável pelas conquistas científicas e tecnológicas de Israel. À medida que grande número de cientistas, engenheiros e técnicos altamente especializados, chegaram ao país entre os milhares de judeus da antiga União Soviética, e se incorporaram à força de trabalho, a porcentagem de pessoal qualificado aumentou excepcionalmente, afetando significativamente o desenvolvimento científico e tecnológico do país nas décadas seguintes.

Vários cientistas israelenses ganharam o Prêmio Nobel nos últimos anos. A vencedora mais recente do país foi Ada Yonath, do Instituto Weizmann de Ciências, que recebeu o prêmio por seu trabalho com ribossomos, uma das “máquinas” mais complicadas do corpo humano.

O conhecimento israelense também abrange a eletrônica avançada, com empresas como a Elbit na liderança em campos como o de veículos não tripulados. Sistemas de segurança são outra área em rápido crescimento. Dezenas de empresas israelenses estão desenvolvendo sistemas e software capazes de detectar potenciais ameaças e intrusos.

Uma das áreas da tecnologia que mais cresce em Israel são as ciências biológicas, com mais de 1.000 empresas que exportam mais de US\$ 6 bilhões em produtos farmacêuticos e dispositivos médicos. Uma famosa invenção israelense é a PillCam, da Given Imaging, que permite que os médicos examinem o trato gastrointestinal de um paciente com uma câmera que pode ser engolida.

Teva, a gigante dos medicamentos genéricos, tem desempenhado um papel importante na redução do preço de muitos medicamentos, bem como ao trazer ao mercado novos medicamentos, como o Copaxone para a esclerose múltipla.

PESQUISA E DESENVOLVIMENTO (P&D)

As atividades de pesquisa e desenvolvimento são realizadas em Israel principalmente em sete universidades, nas dezenas de institutos de pesquisa, tanto públicos quanto governamentais, e em centenas de empresas civis e militares. Pesquisas importantes são efetuadas também em centros médicos e por várias empresas de serviço público, nos campos de telecomunicações, produção de energia, e administração de recursos hídricos.

O governo e os órgãos públicos são as principais fontes de recursos de P&D, financiando mais da metade de todas as atividades de P&D de Israel. A maior parte das verbas de P&D civil destina-se ao desenvolvimento econômico, principalmente nos setores industrial e agrícola. Comparando-se com outros países, representa uma fração elevada do total. Mais de 40% são destinados ao progresso da ciência, através de fundos de pesquisa nacionais, binacionais ou governamentais, assim como através dos Fundos Gerais Universitários, administrados pelo Conselho de Ensino Superior. O restante é destinado a vários projetos nos campos da saúde e bem-estar social.

Mais de 80% de toda a pesquisa israelense publicável – e quase todas as pesquisas básicas e treinamento em pesquisa básica – são realizados dentro das universidades. A Fundação Científica Israelense (ISF), órgão legalmente independente, é a principal fonte de financiamento das pesquisas competitivas básicas. Cerca de 1.000 pesquisadores individuais recebem subsídios da ISF, além do financiamento universitário. A ISF também financia programas especiais, como a participação de Israel na construção do detector ATLAS para o Grande Colisor de Hádrons do CERN, e a melhora na qualidade da pesquisa clínica através de uma série inovadora de subsídios “médico-pesquisador”.

Para financiar e coordenar iniciativas de pesquisa grandes demais para qualquer agência, existe o TELEM, um fórum voluntário formado pelos principais cientistas do Ministério da Indústria, Comércio e Trabalho e do Ministério da Ciência, o presidente da Academia Israelense, e representantes do Conselho do Ensino Superior, do Tesouro, entre outros. O TELEM planejou e, quando necessário, financiou a entrada de Israel no Programa-Quadro da União Europeia, sua inclusão na European Synchrotron Radiation Facility e a iniciativa Internet II.

O número de patentes registradas pelas universidades de Israel é uma excelente medida do relacionamento entre as universidades e a indústria.

P&D nas universidades

Imagem cedida pelo Instituto Weizmann de Ciências

Como em todas as universidades do mundo, o progresso do conhecimento científico básico é o principal objetivo dos pesquisadores nessas instituições em Israel. A publicação de livros e artigos assinados por israelenses, abrangendo todos os campos científicos, é a principal expressão da produção universitária. Israel publica uma porcentagem desproporcional (aproximadamente 1%) dos artigos científicos do mundo, e em muitos campos, como a

química e ciências da computação, eles têm um impacto particularmente elevado na comunidade científica mundial.

Em relação ao tamanho de sua força de trabalho, Israel tem um número muito maior de estudos publicados nos campos das ciências naturais, engenharia, agricultura e medicina do que qualquer outro país, e uma boa parte das publicações do país são de coautoria de cientistas israelenses e de outros países, muito mais do que ocorre no resto do mundo.

Com o objetivo de integrar a ciência israelense na comunidade científica mundial, pesquisas de pós-doutorado e estágios de aperfeiçoamento no exterior, assim como a participação em conferências científicas internacionais são sempre estimuladas. São realizados diversos programas de intercâmbio e projetos conjuntos em níveis institucionais, universitários e governamentais, envolvendo organizações parceiras no exterior. Israel é também um importante centro de congressos científicos internacionais, e mais de cem desses eventos se realizam anualmente no país.

Em paralelo às atividades de pesquisa científica, as universidades continuam a desempenhar um papel importante e inovador nos avanços tecnológicos de Israel. O Instituto Weizmann de Ciência foi uma das primeiras instituições do mundo a criar uma organização para a utilização comercial de suas pesquisas (1958); hoje, existem organizações semelhantes em todas as universidades israelenses. A criação de parques industriais com base na pesquisa científica, junto a campus universitários foi uma iniciativa de grande sucesso comercial. As universidades também criaram indústrias paralelas para a comercialização de produtos específicos com base em suas pesquisas, muitas vezes associadas a parceiros comerciais locais e estrangeiros.

As universidades também se dedicam a pesquisas interdisciplinares e mantêm institutos de análise e teste, em vários campos científicos e tecnológicos vitais à indústria do país, em áreas como construção, transporte e educação, como pontos fundamentais da pesquisa aplicada. Além disso, grande número de faculdades assessoram às indústrias, em assuntos técnicos, administrativos, financeiros e gerenciais.

P&D na medicina

A contribuição de Israel à revolução biotecnológica é significativa; a infraestrutura de pesquisa médica e paramédica é altamente desenvolvida, e o mesmo ocorre com suas instalações de pesquisa no campo da bioengenharia. A medicina clínica e a pesquisa científica biomédica constituem os temas de mais da metade das publicações científicas. O setor industrial do país vem ampliando sua atividade nesse campo, aproveitando a grande base de conhecimento existentes.

Os cientistas locais desenvolveram métodos para a produção de hormônio de crescimento humano e interferon, um grupo de proteínas eficaz contra infecções virais. O Copaxone, medicamento eficaz no tratamento da esclerose múltipla, foi desenvolvido em Israel – da pesquisa básica até sua produção industrial. Entre as conquistas da engenharia genética (na qual se inclui a clonagem), citam-se vários *kits* de diagnóstico baseados em anticorpos monoclonais, assim como outros produtos microbiológicos. Equipamentos médicos sofisticados para diagnóstico e tratamento foram desenvolvidos e comercializados em todo o

mundo, incluindo scanners para tomografia computadorizada (CT), sistemas de imagens por ressonância magnética, scanners de ultrassom, câmeras médicas nucleares e lasers cirúrgicos. Outras inovações incluem um líquido polimérico de liberação controlada para evitar o acúmulo da placa dentária, um dispositivo que reduz o aumento benigno e maligno da glândula prostática, o uso da proteína botulínica para a correção do estrabismo e uma câmera em miniatura que pode ser engolida para diagnosticar doenças gastrointestinais.

P&D na indústria

No setor industrial, as despesas civis em P&D e o número de cientistas e engenheiros envolvidos na pesquisa industrial cresceram enormemente ao longo das últimas duas décadas.

A P&D industrial de Israel se caracteriza por uma alta concentração em eletrônica, e a maior parte das atividades é realizada por um pequeno número de grandes empresas. As empresas que se dedicam mais à P&D são a maior fonte de crescimento de empregos e exportações industriais ao longo dos anos.

A promoção do crescimento contínuo de tais empresas, tanto grandes quanto pequenas, é o foco da estratégia de Israel no setor industrial. O governo promove a P&D industrial através da Lei de Fomento à Pesquisa e Desenvolvimento, implementada pelo Ministério do Comércio, Indústria e Trabalho que financiou mais 1200 projetos no ano 2000. Hoje, estima-se que os produtos derivados de P&D constituem mais da metade das exportações industriais (excluindo diamantes).

A **eletrônica**, que se limitava até o final dos anos 60 à produção de bens de consumo, desenvolveu-se em áreas de tecnologia mais sofisticadas, tanto militares quanto civis. Nas comunicações, os progressos em P&D se aplicam à digitalização, processamento, transmissão e aprimoramento de imagens, sons e dados. Os produtos variam de estações telefônicas avançadas a sistemas ativados pela voz, duplicadores de linhas telefônicas e uma vasta gama de aplicações para a Internet.

Ótica, eletro-ótica e lasers são áreas industriais que tem crescido rapidamente. Israel é líder mundial em fibras óticas, em sistemas de inspeção baseados em eletro-ótica para placas de circuito impresso, em sistemas térmicos para visão noturna e em sistemas robóticos eletro-óticos.

Equipamentos computadorizados, principalmente nos campos do software e periféricos, têm sido desenvolvidos e produzidos. Para impressão e publicação, computadores gráficos feitos em Israel e sistemas de imagem por computador são amplamente usados tanto localmente quanto no exterior. Atividades educacionais nas escolas são reforçadas através de uma variedade de sistemas didáticos computadorizados, muitos dos quais foram desenvolvidos para exportação. Embora alguns dos produtos de software desenvolvidos em Israel sejam projetados para a utilização em computadores do tipo mainframe, a maioria foi desenvolvida para sistemas de pequeno e médio porte, como estações de trabalho computadorizadas. Um mouse de computador com três *touchpads*, que permite que deficientes visuais “leiam” textos e gráficos na tela, foi desenvolvido em Israel.

A **robótica**, cuja pesquisa se iniciou no final dos anos 70, produz robôs para desempenhar grande variedade de funções, como lapidação de diamantes, soldagem, embalagem, construção e outras atividades. A pesquisa se ocupa atualmente da aplicação de inteligência artificial em robôs.

Produtos **aeronáuticos** voltados às necessidades da defesa nacional geraram desenvolvimento tecnológico que trouxeram benefícios à sociedade civil. O Aravá foi o primeiro avião civil produzido em Israel, seguido pelo jato executivo Westwind. Satélites projetados e construídos no país foram produzidos e lançados pelas Indústrias Aeronáuticas de Israel em cooperação com a Agência Espacial de Israel. Também são desenvolvidos, fabricados e exportados vários itens nesse campo, como painéis, computadores aeronáuticos, sistemas instrumentais e simuladores de voo, e Israel é líder mundial na tecnologia e produção de aviões teleguiados.

O setor agrícola baseia-se quase que inteiramente em P&D, graças à cooperação entre agricultores e pesquisadores. Os resultados das pesquisas são rapidamente transmitidos ao campo para testes, através de um sistema de extensão rural, e os problemas são trazidos diretamente aos cientistas, para buscar soluções. A P&D agrícola é executada sobretudo pela Organização de Pesquisa Agrícola, órgão do Ministério da Agricultura. A maioria dos institutos de pesquisa agrícola de Israel mantém estreitas relações com a Organização para a Agricultura e a Alimentação (FAO) das Nações Unidas, assegurando um intercâmbio contínuo de informações com outros países.

As vacas leiteiras de Israel são, em média, as campeãs mundiais de produção de leite, e a produção média por cabeça aumentou de 6.300 l em 1970 para 10.000 l hoje em dia, graças à criação científica e aos testes genéticos executados pelo Instituto Volcani. Através da produção de esperma e óvulos de gado de raça, Israel consegue melhorar o nível de seu rebanho e compartilhar seus avanços nesse campo com outros países.

Os agrônomos israelenses foram os pioneiros em biotecnologia agrícola, irrigação por gotejamento, solarização do solo e reciclagem de águas residuais industriais para uso agrícola. Esses avanços vêm sendo aplicados na fabricação de produtos comercializáveis, desde sementes e biopesticidas produzidos pela engenharia genética a plásticos fotodegradáveis e sistemas computadorizados para irrigação e fertilização.

A necessidade de utilizar ao máximo a pouca água existente, a terra árida e a força de trabalho limitada levou a uma verdadeira revolução dos métodos agrícolas. A busca por técnicas de economia de água estimulou o desenvolvimento de sistemas de irrigação controlados por computador, como o método do gotejamento, que dirige o fluxo da água diretamente à raiz da planta, ajudando agricultores no mundo todo. A pesquisa no campo do tratamento eletromagnético da água, para melhorar a saúde dos animais e a qualidade das colheitas também vem produzindo resultados promissores.

Computadores projetados e construídos em Israel são amplamente utilizados para a coordenação das atividades agrícolas diárias, como controlar a injeção de fertilizantes e simultaneamente monitorar os fatores ambientais relevantes; fornecer a ração da pecuária de acordo com as proporções testadas de custo/produtividade; e garantir o controle de temperatura e umidade na avicultura. Além disso, Israel desenvolve, fabrica e implementa

diversos equipamentos agrícolas modernos para arar, semear, plantar, colher, recolher, separar e embalar.

A agricultura também se beneficia do desenvolvimento geral da pesquisa científica e da P&D, como no caso das culturas automatizadas de tecido vegetal, inseticidas biológicos, sementes resistentes a doenças e fertilizantes biológicos.

P&D em energia

O grande desenvolvimento de fontes alternativas de energia, como energia solar, térmica e eólica, é o lado positivo da falta de fontes convencionais de energia que o país enfrenta. Israel é um país líder no campo da energia solar em todos os níveis, e é o maior utilizador mundial per capita de aquecedores solares de água residenciais. Recentemente, foi desenvolvido um novo receptor de alta eficiência que recolhe a luz solar concentrada e aumentará também o uso da energia solar para fins industriais.

Um grande avanço no campo da energia eólica foi a produção de uma turbina eólica com rotor flexível e inflamável. Também foi desenvolvida tecnologia de utilização de água lacustre com certo grau de salinidade e composição mineral para absorver e armazenar a energia solar. Atualmente, estão sendo testadas usinas de energia geotérmica, capazes de extrair calor do solo e convertê-lo em vapor para acionar turbinas. Um projeto desenvolvido por uma equipe de cientistas do Technion usa ar seco e água (até mesmo água do mar ou salobra) para produzir energia através de chaminés de 1.000 m de altura.

ECONOMIA

Desafios e conquistas

Reformas importantes

“O milagre econômico”

Cenário econômico nacional

Quadro econômico

Setores da economia

ECONOMIA

Depois de ter desfrutado por muitos anos de uma das mais rápidas taxas de crescimento do PIB entre as economias do mundo, Israel continuou a recuperação econômica iniciada em 2003, após uma desaceleração sensível por dois anos em quase todas as atividades econômicas. Essa tendência continuou em 2007, de acordo com todos os parâmetros econômicos. Nos anos de 2006 e 2007, o produto interno bruto (PIB) de Israel continuou seu rápido crescimento, atingindo 5,1% em 2006, apesar da II Guerra do Líbano, que causou uma perda temporária de 0,7% do PIB. A rápida recuperação e a continuidade do crescimento acelerado foram novamente lideradas pelo setor empresarial, que cresceu 6,4%, resultando em um PIB *per capita* de US\$ 20.138 em 2006.

O que lavra a sua terra se fartará de pão... (Provérbios 12:11)

Em 2006 e 2007, Israel continuou a atingir seus principais objetivos macroeconômicos: uma taxa da inflação muito baixa ou até mesmo negativa, um déficit orçamentário muito baixo e um aumento limitado dos gastos públicos. Ao mesmo tempo, Israel continuou a atrair investimentos estrangeiros, além de desfrutar de um rápido crescimento nas exportações e uma balança comercial positiva, pela primeira vez. Essas tendências continuaram no primeiro semestre de 2007 e a previsão para todo o ano era de crescimento econômico contínuo, sem inflação, um baixo déficit de orçamento, e a estabilidade econômica em todas as frentes.

No final de 2008, quando alguns dos gigantes financeiros do mundo começaram a tropeçar e os mercados ao redor do mundo pareciam estar à beira do colapso, ninguém tinha certeza de como reagiria a economia frágil de Israel, baseada na exportação. No entanto, conforme o tempo passou, Israel mostrou que sua força econômica não está só em sua capacidade de expansão durante os anos de boom, mas também em sua resistência durante os períodos de contração econômica.

Agora, enquanto a economia global emerge hesitante da recessão, Israel recebeu rapidamente um novo impulso econômico, evidenciado primeiramente no mercado de ações, que superou todas as bolsas ocidentais em 2009 e, posteriormente, representado no aumento das exportações, na redução do desemprego e na grande demanda de consumo.

Posição forte às vésperas da crise

Israel estava bem preparado quando, em 2008, os efeitos da crise financeira começaram a se espalhar pelas economias mundiais. Em uma perspectiva macroeconômica, Israel estava em uma de suas posições mais fortes desde sua formação. O déficit orçamentário havia sido em grande parte refreado e a dívida nacional era muito reduzida, graças a cortes de gastos agressivos e ao aumento das receitas fiscais. Israel era um cobiçado alvo de investimentos estrangeiros e apresentava uma balança comercial positiva pela primeira vez em sua história.

A crise poderia ter dado fim a esses dias felizes, mas o crescimento de Israel provou ser robusto o suficiente para suportar as consequências da crise financeira de 2008.

Israel resiste à recessão

Três grandes motivos são frequentemente citados para explicar a força de Israel para enfrentar esses graves desafios.

A primeira razão é o setor bancário de Israel ser conservador. Um forte sistema de regulamentação e uma tradição bancária moderada mantiveram os bancos israelenses longe de investimentos arriscados, que se mostraram tão desastrosos nos EUA e na Grã-Bretanha. Além disso, o nervosismo dos investidores globais tornou atraente a capitalização forte dos bancos israelenses.

Outra razão foi a elasticidade do mercado de trabalho em lidar com a nova realidade. Grandes entidades, incluindo a Histadrut (a maior federação trabalhista de Israel), perceberam a sabedoria de aceitar cortes de curto prazo nos salários durante os primeiros estágios da crise, o desemprego também aumentou significativamente, em paralelo com a evolução global.

Conforme a economia se recuperou, ao longo de 2009, os salários e o desemprego rapidamente voltaram a seus níveis anteriores, enquanto os mercados de trabalho nos EUA e na Europa continuaram lentos.

No entanto, a força do consumo interno ao longo da crise é o que realmente destaca Israel em seu ajuste macroeconômico. Como a recessão, os israelenses cortaram seus gastos com bens duráveis, mas em grande parte mantiveram seus gastos com bens não duráveis nos mesmos níveis da pré-recessão, cortando em economias pessoais para "amenizar" a queda na renda. Este foi um fator fundamental para manter um PIB estável, e permitir à economia israelense enfrentar a recessão com sucesso. Como o mundo saiu da recessão em 2009, os gastos internos com bens duráveis e não duráveis aumentou rapidamente e ajudou a recuperação do país.

OCDE

A data de 10 de maio de 2010 será sempre um marco na história econômica de Israel. Após anos lutando contra pressões e desafios de todos os tipos, Israel finalmente se juntou às principais economias do mundo, tornando-se membro da Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico, a OCDE.

Adesão do país à OCDE terá efeitos permanentes, pois Israel se comprometeu com as regras da organização que regem setores que vão desde o meio-ambiente ao mercado de previdência privada. De fato, o processo de adesão obrigou Israel a fazer mudanças fundamentais condizentes com uma economia moderna, incluindo a redução da dívida de Israel, manter políticas fiscais e de desenvolvimento, cortar impostos e sofisticar o mercado de capitais.

A participação na OCDE permitirá a Israel mais acesso a determinados tipos de fundos de investimento controlados, que são obrigados a reservar parte de suas participações para os países desenvolvidos.

Mas o verdadeiro significado da adesão de Israel à OCDE é o reconhecimento por parte da economia mundial do tremendo progresso do país em seus 62 anos de existência.

Potencial a longo prazo

O "milagre econômico" de Israel é muito mais do que uma história de recessão e recuperação – é a história de uma economia que foi construída a partir do zero, sobreviveu a várias crises e privação econômica grave e, finalmente, emergiu como uma bem-sucedida economia de livre mercado, cujos cidadãos gozam de um alto padrão de vida.

Com uma população em 2010 de mais de 7,5 milhões habitantes, Israel tem sido aclamado internacionalmente ao longo dos anos, principalmente por suas realizações extraordinárias na agricultura e agrotecnologia, irrigação, energia solar, e em muitos setores de alta tecnologia e outros que estão começando. Com uma R&D intensa, mesmo em setores tradicionais, Israel hoje não é apenas a terra do leite e do mel, mas também a terra da alta tecnologia, incluindo software, comunicações, biotecnologia, produtos farmacêuticos, e nanotecnologia.

Os acordos de livre comércio com os Estados Unidos, União Europeia e vários países da América Latina têm facilitado as exportações em expansão de Israel de bens e serviços e alcançaram ao longo das últimas três décadas mais de US\$ 80 bilhões em 2008, e a participação em empresas internacionais também contribuiu para o crescimento acelerado do país.

DESAFIOS E REALIZAÇÕES

Conquistas recentes

- O ano de 2000 foi o primeiro na história econômica do país com taxa de inflação zero e diminuição significativa do déficit da balança comercial, este último caiu novamente para menos de US\$ 1 bilhão em 2009, representando menos de 1% da comercialização total.
- Em maio de 2010 Israel foi aceito na Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE), um tributo à sua emergência como uma economia desenvolvida de primeira classe.
- Israel absorveu quase 1,2 milhão de imigrantes em uma década, aumentando a força de trabalho civil do país, de 1,65 milhões em 1990 para 3 milhões em 2010.
- A inflação foi derrotada, de uma taxa anual de 445% em 1984 para 21% em 1989 e 0% em 2000 - crescendo apenas 2,4% em 2005 e negativa -0,1% em 2006. Essa conquista permitiu ao banco central baixar as taxas de juros para quase zero durante a crise financeira de 2007-2010 e ainda manter a inflação dentro da faixa 3-5%.
- A dívida, que equivalia a 1,6 vezes o PIB em 1985 externa foi eliminada: em 1995 representava 25% do PIB e caiu para menos de 3% em 2001, chegando a zero em 2003. Israel, desde então, tornou-se credor (ou seja, a economia mundial deve-lhe muito mais do que Israel ao mundo). Até 2010 o mundo devia a Israel um total líquido de US\$ 50 bilhões.
- Os investimentos estrangeiros aumentaram de forma constante, incentivando o crescimento acelerado do PIB e as exportações subiram de US\$ 175 milhões em 1987 para US\$ 5,8 bilhões em 1997, e de US\$ 10,7 bilhões em 2005 para US\$ 16,9 bilhões em 2006.
- As exportações industriais cresceram quase seis vezes nas últimas duas décadas, de US\$ 6 bilhões em 1985 para US\$ 39,8 bilhões em 2008 e US\$ 34,6 bilhões em 2009.
- Em 2010, Israel anunciou a descoberta de um campo de gás natural gigantesco em suas águas costeiras, aumentando a perspectiva de reduzir a dependência das importações de energia e até mesmo se tornar um exportador de gás.

Desafios históricos

A mais notável conquista econômica de Israel é o fato de ter atingido uma alta taxa de desenvolvimento, enfrentando ao mesmo tempo vários desafios importantes, mas a um preço muito alto:

- Manutenção da segurança nacional: Israel gasta atualmente em defesa aproximadamente 8% (mais de 25% nos anos 70 e 23% na década de 80) de seu PIB. Mesmo em tempos de paz, Israel deve manter uma forte capacidade de dissuasão.
- Absorção de grandes números de imigrantes: "Reunir os exilados" é praticamente a razão de ser do estado judeu. Desde os seus primórdios, Israel absorveu mais de 3 milhões de

imigrantes, cinco vezes mais judeus vivendo no país de quando o país se tornou independente, em 1948. Somente nos primeiros quatro anos, a população de Israel mais do que dobrou, com a chegada de 700.000 imigrantes, a maioria dos quais refugiados, tanto da Europa do pós-guerra quanto de países árabes.

Desde 1990, outra onda de 1,2 milhão de imigrantes (940 mil apenas da antiga União Soviética), exigiu gastos enormes para a sua absorção física e social. No entanto, muito mais rapidamente do que as ondas anteriores, esses recém-chegados logo contribuíram para acelerar o crescimento do PIB e, embora temporariamente, o desemprego aumentou e atingiu 11,2% em 1992. Gradualmente, foi sendo reduzido para 6% antes da chegada da crise econômica.

- Estabelecer uma infraestrutura econômica moderna: Em 1948 já existia uma rede básica de estradas, transportes e instalações portuárias, além de sistemas de água, eletricidade e comunicações, mas não atendiam às necessidades de uma economia moderna. Sem esse grande investimento em comunicação e transporte, grande parte do acelerado crescimento da economia jamais teria ocorrido.
- Oferecer serviços públicos de alto nível (saúde, educação, bem-estar social etc.): Israel é responsável por garantir o bem-estar de sua população, preocupando-se especialmente com os setores menos favorecidos da sociedade. Assim, uma grande porcentagem de seus recursos tem sido usada para atender esse compromisso. Os orçamentos recentes têm enfatizado especialmente a educação e outros programas que visam a investir na força de trabalho futura do país, ajudando a reduzir a lacuna da renda.

REFORMAS IMPORTANTES

Liberação da moeda estrangeira

O novo *shekel* israelense (NIS) é agora uma moeda "firme", comercializada livremente em todos os mercados internacionais de câmbio. Este é um desenvolvimento relativamente recente, após décadas de controle da moeda, essencial para a sobrevivência e o crescimento da economia, como aconteceu em vários países depois de II Guerra Mundial.

A grande escassez de moeda estrangeira nos primeiros anos do Estado deveu-se principalmente ao fato de as suas importações serem muito maiores do que as suas exportações. Isso obrigou a um "acionamento" de moeda estrangeira - liberada apenas para as necessidades básicas (como alimentação, combustível e equipamentos de defesa). Máquinas de produção e matérias-primas foram adicionados à lista apenas mais tarde, seguidas de uma liberação de parcos US\$ 10 por pessoa para viagens ao exterior.

No final da década de 1950, a importação de muitos bens de "luxo" foi permitida, e os israelenses podiam gastar US\$ 100 por viagem ao exterior. Em 1960 houve um relaxamento das restrições de importação, e elas foram completamente liberadas em 1970 (transferindo o ônus de restringir as importações para as "muralhas da China" com encargos alfandegários exorbitantes). Estes, também, foram reduzidos consideravelmente por causa dos acordos de livre comércio com a União Europeia e os Estados Unidos e, em 1980, foram associados a um aumento gradual nos limites de gastos no exterior, de US\$ 500 para US\$ 3.000. As primeiras autorizações para a abertura de contas bancárias e investimentos no exterior seguiram o exemplo, e na segunda metade da década de 90 foram removidos os últimos entraves ao controle de moeda estrangeira.

A taxa de câmbio

A taxa de câmbio do *shekel* é agora, após a remoção de todas as restrições moeda estrangeira, determinada pelo mercado internacional de câmbio. Nem sempre foi o caso. Como em todas as economias após a II Guerra Mundial, a taxa de câmbio de Israel foi fixa, mudando (desvalorizada) por decisão do governo de tempos em tempos.

Em 1948, a lira israelense que tinha o mesmo valor da libra esterlina (US\$ 4, na época), foi desvalorizada para US\$ 2,80 em 1949, juntamente com a libra. Desde então, moeda de Israel tem sido desvalorizada muitas vezes (por exemplo, para 1,80 lira por dólar em 1954, IL 3,00 por dólar em 1962, IL 4,20 em 1971 e IL 6,00 em 1974). Isso, de acordo com a política econômica, com o objetivo de diminuir a lacuna entre exportações e importações menores, e compensar o comércio exterior pela taxa de inflação acumulada local desde a desvalorização anterior.

Em 1975, Israel seguiu a tendência de mudança nos países da OCDE e embarcou em uma onda de "desvalorização assustadora" (permitindo até a 2% de desvalorização ao mês). Esse sistema durou dois anos, até que o primeiro passo da liberalização foi dado. Desde então, a taxa de câmbio é determinada diariamente pelo Banco de Israel, de acordo com as flutuações do

mercado. Em 1980, IL10 foram convertidos em um *shekel*, e 1000 *shekels* foram convertidos no novo *Shekel* israelense (NIS) em 1985. Em julho de 2010, a taxa de câmbio média do NIS era US\$ 0,25.

Restrição do orçamento nacional

As circunstâncias incomuns do crescimento econômico de Israel, que em sua maior parte foi estimulada pelo governo durante a primeira década ou duas de soberania, colocou-o no topo da lista de países com um grande orçamento nacional em relação ao seu PIB. Houve casos em que o orçamento foi ainda maior do que o PIB, mas foi reduzido para 95% em 1980, para 64% em 1990, para 49% em 2005, e aproximadamente 43,6% em 2008 - a média da OCDE.

Durante a década de 1990, o objetivo foi cortar os gastos e reduzir o déficit. A meta era reduzir a relação déficit/PIB à taxa vigente em economias ocidentais desenvolvidas, uma política que foi de fato bem sucedida e conseguiu reduzi-la a um quarto do que era no início da década. Depois de ter aumentado consideravelmente em 2001, caiu para 6% em 2003, 5% em 2004, e até 2007 não houve déficit orçamentário significativo. A crise financeira exigiu uma mudança no programa de redução do déficit, e o governo aprovou um limite para o déficit de aproximadamente 6% do PIB para o período de 2009 a 2010, mas com um plano claro de reduzir os níveis de déficit novamente, depois de alcançar a estabilidade econômica.

O programa de reforma econômica iniciado pelo governo em 2003 continua a reduzir o orçamento (bem como os impostos) ainda mais e agilizar a economia.

Privatização

Embora o Governo ainda seja obrigado a encorajar iniciativas econômicas, sua política foi bem sucedida, desde os anos 1990, e reduziu seu envolvimento direto na economia. Assim, além de quase eliminação dos subsídios de produtos básicos e do ajuste naqueles cujo objetivo era incentivar os investimentos estrangeiros e exportações, embarcou em uma campanha de privatização importante para vender propriedades de centenas de empresas públicas.

Durante a primeira década dessa política muitas iniciativas menores foram privatizadas, e o processo foi aprimorado nos últimos anos, buscando uma receita de US\$ 3 bilhões com a venda das empresas maiores, como bancos, a companhia aérea El Al Israel, a Zim (navegação), e a Bezeq (comunicações), e grande parte da indústria química.

"UM MILAGRE ECONÔMICO"

Durante os primeiros 25 anos, a economia alcançou a admirável taxa de crescimento médio anual do PIB de aproximadamente 10%, enquanto o país absorvia várias ondas de imigração em massa, construía uma economia moderna, enfrentava quatro guerras, e cuidava da segurança nacional. Isso foi considerado "um milagre econômico". Na verdade, o "milagre econômico" é largamente creditado à eficiente aplicação da ajuda econômica recebida ao longo dos anos, permitindo um investimento maciço de capital nos meios de produção, e ao sucesso do país na rápida absorção dos imigrantes na produção.

Durante os seis anos seguintes, entre 1973 e 1979, a taxa de crescimento diminuiu (como na maioria dos países industrializados, em parte por causa das crises do petróleo de 1973/4 e 1979/80) para uma média anual de 3,8% e, na década de 80, declinou para 3,1%. Então, a década de 90 viu um crescimento médio anual de mais de 5% no PIB (mesmo atingindo 7,7% em 2000) e novamente para 5,2% em meados dos anos 2000.

A taxa de crescimento econômico em Israel em 2006 foi relativamente alta em comparação com a taxa de crescimento de outros países desenvolvidos. O crescimento médio do PIB nos 30 países da OCDE atingiu 3,2% em 2006 e foi 1,9% inferior à taxa de crescimento em Israel.

Claro, era impossível manter as taxas de crescimento durante a recessão global, mas Israel foi uma das poucas economias desenvolvidas a atingir um crescimento positivo (0,7%) em 2009. Como a economia global começou a se recuperar, as estatísticas indicavam que as taxas de crescimento estavam voltando ao normal e estabilizando em aproximadamente 3% no início de 2010.

O PIB per capita cresceu mais de 60% no decorrer da última década do século XX, atingindo um nível anual de aproximadamente US\$ 25.800 em 2007 e US\$ 27.143 em 2008.

CENÁRIO ECONÔMICO NACIONAL

Balança de pagamentos

O perene déficit na balança comercial é o preço pago pelo "milagre econômico", crescer rapidamente e simultaneamente enfrentar outros desafios nacionais. Essa diferença anual entre um alto nível de importações e um volume muito menor de exportações é um indicativo da dependência econômica de recursos estrangeiros. Desse modo, um dos principais objetivos da política econômica de todos os governos israelenses tem sido alcançar a "independência econômica", ou seja, o ponto em que as exportações financiem as importações.

Ao longo dos primeiros 48 anos da existência de Israel, esse déficit cresceu continuamente, 45 vezes (a preços atuais): de US\$ 222 milhões em 1949 para US\$ 10,1 bilhões em 1996. No entanto, em termos relativos, o déficit diminuiu de forma sistemática durante esse período, indicando que o problema foi sendo resolvido gradualmente: enquanto em 1950 as exportações financiaram somente 14% das importações, em 1960 essa relação foi de 51% e, em 1996, ficou em 79%. Desde então, o déficit real começou a declinar, caindo para US\$ 4,7 bilhões em 2001 e para apenas US\$ 0,7 bilhões em 2005, representando menos de 1% do comércio total.

Nos últimos 61 anos, Israel precisou de aproximadamente US\$ 176 bilhões (em valores atuais) para cobrir o déficit comercial anual. Quase dois terços do déficit acumulado vieram de transferências unilaterais, como fundos trazidos por imigrantes, previdência privada estrangeira, doações de organizações judaicas de coleta de fundos no estrangeiro para instituições de serviço social, saúde e educação, e subvenções de governos estrangeiros, especialmente dos Estados Unidos. O restante veio de empréstimos individuais, bancos e governos estrangeiros, que Israel tem reembolsado desde seus primeiros anos.

A dívida externa cresceu anualmente até 1985; naquele ano, pela primeira vez, emprestou-se menos do que foi pago. Essa tendência positiva reverteu-se por alguns anos até que a dívida externa líquida nacional alcançou um novo recorde de US\$ 20,8 bilhões em 1995. Durante a última década diminuiu consideravelmente, até chegar a zero, e desde 2002 está crescendo positivamente, ou seja, Israel é credor do "mundo", que deve mais a Israel do que o país deve ao mundo, com uma diferença líquida de US\$ 50 bilhões em 2010.

Comércio exterior

Dívida externa líquida: 1954-2009 (em U\$ milhões - valores atuais)

Ano	Total líquido da dívida externa
1954	356
1960	543
1970	2.223
1975	6.286
1980	11.344
1985	18.051

1990	15.122
1995	20.788
2000	7.353
2002	0
2005	-23.173
2009	- 54.949

Com um mercado interno relativamente limitado, Israel só pode impulsionar seu crescimento expandindo as exportações. Muitos dos recursos criativos do país têm sido dedicados ao desenvolvimento das exportações industriais. Esses valores se multiplicaram 3000 vezes (em preços correntes) durante 56 anos - de US\$ 13 milhões em 1950 a US\$ 52 milhões em 1955; 1,4 bilhão em 1975, 5,6 bilhões em 1985, para US\$ 30,8 bilhões em 2000, até US\$ 34,6 bilhões em 2009.

Nos últimos anos, aproximadamente 85% de todas as importações, totalizando US\$ 47,3 bilhões em 2009, foram de matérias primas e combustível. De todas as importações, 54% vieram da Europa, 17% das Américas, 16% da Ásia e 13% de outros países.

As regiões que mais importaram de Israel em 2009 foram a Europa (48,3%), Ásia (21%) e os Estados Unidos (12%). No mesmo ano, 32% das exportações de mercadorias Israel, no valor de US\$ 47,8 bilhões, foram direcionados à Europa, 35% aos Estados Unidos, 20% à Ásia, e os restantes 13% para outros países. Durante a maior parte da década de 90 as exportações industriais de Israel para os EUA excederam as suas importações e desde 2000 se mantêm assim, excluindo-se a exportação de diamantes.

A capacidade competitiva das exportações israelenses aumentou com a adesão ao Acordo Geral de Tarifas e Comércio (GATT, em inglês), através instituição de uma zona de livre comércio para produtos industriais com a Comunidade Europeia (1975) e para todos os produtos com os Estados Unidos (1985). Dessa maneira, os produtos israelenses podem entrar tanto na União Europeia (UE) quanto nos Estados Unidos isentos de tarifas alfandegárias. Isso permite aos produtores do país o acesso a um mercado 110 vezes maior do que o interno e atrai a Israel investidores desejosos de exportar seus produtos para a Europa sem pagar impostos. Os investidores israelenses também formaram *joint ventures* com empresas jordanianas e egípcias em zonas industriais especiais que permitem a exportação de produtos *duty-free* para os EUA e a UE.

Para ampliar ainda mais as possibilidades de sucesso, empresas locais têm tentado identificar nichos de mercado do comércio internacional onde possam se encaixar. O estabelecimento de *joint ventures* com indústrias estrangeiras tem muitas vezes combinado as inovações locais, a produção em larga escala e penetração no mercado das empresas estrangeiras. Foram realizados projetos conjuntos em áreas como eletrônica, software, equipamento médico, impressão e processamento de imagens gráficas. Muitos desses projetos conjuntos são auxiliados na captação de capital para formação de *joint ventures* através de estruturas como as seis seguintes fundações binacionais de cooperação ao desenvolvimento e pesquisa, apoiadas pelo respectivo governo: com os EUA (BIRD); com o Canadá (CIIRDF); com Cingapura

(SIIRD); com a Grã-Bretanha (BRITECH); com a Coreia (KORIL-RDF) e com Victoria/Austrália (VISTECH).

Exportação e importação de mercadorias (exceto diamantes)

Importação

Exportação

QUADRO ECONÔMICO

Embora a recuperação econômica ainda seja delicada, e pode precipitado acreditar que a pior crise econômica mundial desde a Grande Depressão já acabou, houve tempo suficiente para avaliar os fatores que amenizaram a passagem de Israel pela crise.

O primeiro fator foi a natureza conservadora do sistema bancário de Israel, que assim não ficou significativamente exposto ao mercado *subprime* que derrubou algumas das grandes firmas de Wall Street, além disso, as reservas eram suficientes para assegurar aos investidores a segurança do setor financeiro de Israel.

Israel, em 2008, tinha visto cinco anos consecutivos de forte crescimento, mais de 5% a cada ano, ficando em uma situação sólida para lidar com a recessão. O déficit havia sido refreado, chegando próximo de zero em 2007, e a dívida em relação ao PIB caiu mais de 100% atingindo um recorde de 77%, permitindo uma margem maior de manobra para o governo para despesas durante o período de crise.

A inflação, anteriormente o grande mal da economia de Israel, foi controlada por políticas agressivas desde a desastrosa crise dos anos 80, encorajando investidores e oferecendo estabilidade econômica e segurança ao israelense médio.

Israel já tinha desenvolvido uma série de setores diferentes de exportação, especialmente de produção de alta tecnologia, permitindo uma conta corrente mais equilibrada no início da crise.

O *shekel*, a unidade monetária de Israel, (cujo valor era US\$ 0,26 em julho de 2010), era conhecido como unidade de peso para pagamentos em ouro e prata já no segundo milênio AEC. A Bíblia relata que Abraão negociou a aquisição de um campo e "a cova que possui no fim de seu campo", em Machpelá (próximo a Hebron), dizendo: "Darei o preço do campo; toma-o de mim, e sepultarei ali a minha morta. Ephron, o dono do terreno, respondeu: "O terreno vale quatrocentos *shekels* (siclos) de prata... e Abraão pesou-lhe a prata... quatrocentos *shekels* de prata, moeda corrente entre os mercadores". (Gênesis 23:13, 15-17)

Israel luta contra a recessão

A principal arma de Israel para lidar com a recessão foi uma política monetária agressiva, que, sob a orientação do presidente do Banco de Israel, Stanley Fischer, baixou as taxas de juros a valores jamais vistos. A inteligência de Fischer em ser um dos primeiros banco centrais a reduzir as taxas de juros e, mais tarde, ser um dos primeiros a elevá-los quando a crise diminuiu, teve um papel fundamental e permitiu que Israel mantivesse as taxas do PIB constantes mesmo com as exportações em queda. Israel foi uma das poucas economias ocidentais a mostrar um crescimento positivo em 2009.

A política monetária agressiva permitiu ao governo uma orientação clara dos gastos deficitários excessivos. A extensão dos gastos de emergência de Israel foi baixa em relação a

outros governos e, portanto, não enfrenta as pressões da crescente dívida da Europa e de outros lugares.

A política monetária do Banco de Israel também levou à valorização do *shekel* israelense, pressionando os exportadores. O banco conseguiu um controle razoável sobre o aumento do *shekel* através da compra de grandes quantidades de moeda estrangeira, principalmente dólares americanos.

Inflação em cheque

Desde a sua criação e até 2000, a economia de Israel sofreu com a alta dos preços - embora o mecanismo de indexação tenha ajudado um pouco as pessoas a viver com os efeitos da inflação. Todos os compromissos financeiros, salários, aluguéis, contas de poupança, apólices de seguro de vida, faixas de imposto de renda e similares foram indexados a um valor estável (uma moeda estrangeira ou um índice de preços ao consumidor), amenizar a inflação. Assim, os israelenses conseguiram elevar seu padrão de vida, quer a taxa de inflação anual fosse de um dígito (a partir de meados dos anos 50 e até o final da década de 60), dois dígitos (anos 70) ou três dígitos (primeira metade da década de 80). Obviamente, a economia sofreu com a inflação (por exemplo, queda na intenção de investir), e boa parte foi alimentada por essas indexações, até que a situação atingiu o seu ápice em meados da década de 80.

No verão de 1985, após a inflação aumentar de 191% em 1983, para 445% em 1984, e ameaçar a chegar a quatro dígitos em 1985, o governo de unidade nacional liderado por Shimon Peres, na pasta do Trabalho, Yitzhak Moda'i do Likud como ministro da Fazenda, implementou um programa emergencial radical de estabilização, em cooperação com a Histadrut, a organização representativa dos sindicatos, e com o Comitê de Coordenação Patronal. A taxa de inflação caiu para 185% em 1985 e para 21% em 1989. Desde então vem caindo constantemente, 7% em 1997 e, pela primeira vez, para zero em 2000. Outra coisa que aconteceu pela primeira vez foi uma queda real dos preços em 2003, com uma inflação negativa de -1,9%. Durante a recessão, a taxa de inflação foi autorizada a subir, à medida que o Banco de Israel reduziu as taxas de juros para estimular a economia, mas o banco central tem mostrado vontade de retomar o combate à inflação face às mudanças na situação econômica global, sendo o primeiro banco central no Ocidente a aumentar as taxas de juros.

O setor público

A Histadrut – Federação Geral dos Trabalhadores, foi fundada em 1920, como uma federação sindical, representando os trabalhadores do país e para ajudar a estabelecer indústrias que proporcionassem empregos a seus membros. Com o tempo, ela se tornou um dos maiores empregadores de Israel, desempenhando um importante papel no desenvolvimento do país.

Hoje, a Nova Histadrut, conta com 700.000 membros e reúne 78 sindicatos preocupados com a organização local de trabalho, assinatura de acordos coletivos, supervisionando suas implementações. A maior parte dos setores geradores de emprego na economia israelense está representado: alimentos, têxteis, hotéis e turismo, setores do governo e funcionários públicos, comerciários, engenheiros práticos, enfermeiros, reformados, e muito mais. Algumas

profissões são representadas por uniões independentes, como engenheiros, médicos, acadêmicos, professores e jornalistas.

A Histadrut já não é tão forte como costumava ser, e os trabalhadores estão cada vez mais sendo contratados através de terceirização ou contratos pessoais.

O alto nível de gastos públicos, sobretudo o ônus causado pelo déficit do orçamento governamental, tem sido sempre a causa principal da alta taxa de inflação em Israel. Todos os recursos que o governo pode arrecadar para financiar o orçamento (fontes internas e externas, empréstimos e pagamentos compulsórios pelo público - impostos diretos e indiretos) são insuficientes para cobrir as despesas, e ele se vê repetidamente compelido a recorrer ao financiamento inflacionário. Este tremendo fardo do setor público deve-se principalmente aos pesados gastos com a defesa e à necessidade de reembolsar dívidas internas e externas, dois itens que somente nos últimos anos foram reduzidos de dois terços à menos da metade do orçamento governamental.

A busca de viabilidade econômica, necessária para controle da inflação, redução do déficit da balança de pagamentos e a manutenção do crescimento rápido econômico, exigiram cortes na elevada despesa pública à medida que a economia de Israel cresceu. O alto coeficiente de gastos públicos em relação ao PNB, caiu pela metade, quando comparado há 2 anos atrás, de 95% para 43% do PIB entre 1908 e 2009. Em 2006 houve um superávit na balança de pagamentos e o déficit orçamentário foi reduzido para 0,9% do PIB. A agressiva contenção de despesas foi relaxada durante a recessão, com um déficit de 5% do PIB, ainda muito inferior ao que a maioria dos governos ocidentais gastou.

Embora o governo ainda encoraje as iniciativas econômicas privadas, a política de redução de participação em empresas através de privatizações foi bem sucedida e obteve uma receita de US\$ 3 bilhões em 2005.

O sistema tributário

O financiamento dos enormes gastos públicos de Israel exigiu uma tributação pesada que seus cidadãos tiveram de suportar por muitos anos. Era um dos mais altos encargos tributários do mundo. Durante a primeira década do estado, os impostos correspondiam a um oitavo do PIB; nos anos 60, a proporção chegou a um quarto; variou entre 30% e 40% nas décadas de 70 e 80; entre 1990-95, a média foi menos de 40%, e foi 40,3% no ano 2000. Em 2003 a carga tributária total dos israelenses diminuiu para 39,3% do PIB, baixando ainda mais para 31,5% em 2009 – bem abaixo do nível médio dos países da OCDE, que foi de 35%.

Os impostos indiretos consistem principalmente de um valor acrescentado de 16% de imposto (IVA). Além disso, é cobrado um imposto sobre a compra de carros, combustível e cigarros. As importações provenientes da União Europeia e dos Estados Unidos são isentas de taxas alfandegárias (*duty free*) enquanto essas taxas são aplicadas sobre as importações de outros países.

Os impostos diretos (sobre a renda e patrimônio) representavam menos de um quarto de toda a arrecadação até o final dos anos 50, subiram para aproximadamente um terço no início dos anos 70, para quase a metade no início da década de 80 e chegaram a 45% em 1986. Desde

então, o peso dos impostos diretos decresceu para 39% em 1995 e flutuou entre esse valor e 42% em 2006.

Nos últimos anos, novas mudanças no sistema tributário foram adotadas para uma melhor integração de Israel à economia global. Como parte dessa política, os encargos aduaneiros e impostos de compra sobre as importações continuam a cair, a taxa de imposto corporativos caiu gradualmente para 25% até o ano de 2010 e deve cair para 18% em 2016. A taxa marginal de imposto sobre a renda também foi reduzida de 42% em 2012 para 39% em 2016.

Consumo privado e poupança

Embora o consumo privado tenha subido praticamente ininterruptamente desde 1950, seu crescimento foi em média 6% desde 1960. Mesmo durante 2009, ano da recessão, o consumo continuou a se expandir, embora a uma taxa reduzida de 1,5%. O consumo em bens não duráveis foi particularmente acentuado, aumentando 2,5% em 2009, um dos fatores favoráveis a uma transição relativamente tranquila para Israel durante a crise.

Apesar do aumento contínuo do consumo, a poupança privada tem sido substancial. Até o final dos anos 50, a taxa média de poupança privada em relação à receita privada disponível, nunca ficou abaixo de 29%; no começo dos anos 60, ela caiu para 21%; em 1972 subiu novamente, chegando a 38%, como em 1981. Desde então tem caído, de modo sistemático, para 26% em 2009.

Investimento

O volume de poupança, por maior que fosse, não foi suficiente para custear os imensos investimentos (aproximadamente 20 a 30% de todos os recursos disponíveis) exigidos pelo rápido crescimento econômico. Por esse motivo, grande parte foi financiada por transferências públicas e particulares de capitais do exterior, além das realizadas diretamente pelo setor público, sobretudo o governo. Durante a última década, os investimentos globais cresceram de US\$ 17 bilhões para US\$ 22,8 bilhões, entre 1995 e 2000, e depois declinaram por três anos consecutivos, antes de voltar a subir, atingindo US\$ 24 bilhões até 2007. De fato, Israel observou um interesse notável de partes novas no cenário econômico local. Embora os investimentos tenham sofrido uma queda como resultado da crise financeira, a tendência a longo prazo é de muita confiança e entusiasmo entre os investidores em Israel, devido ao seu ambiente de negócios dinâmico e de alta tecnologia.

Muitos investimentos particulares, tanto de origem nacional quanto estrangeira, foram realizados em razão da iniciativa e estímulo governamental. Isso se reflete, através dos anos, nas várias versões da Lei de Estímulo aos Investimentos de Capital. Graças a essa lei, o governo foi capaz de atrair investidores, concedendo-lhes empréstimos subsidiados a longo prazo (com taxas de juros reduzidas), subsídios diretos como uma porcentagem do investimento total ou o financiamento de P&D.

Foram oferecidos descontos ou indultos fiscais, proporcionais ao peso da contribuição de acordo com o investimento específico, implementação de itens da política econômica, como dispersão populacional, promoção de exportações, etc. Esta assistência provavelmente colaborou para o acúmulo, durante a última década, de um estoque de capital (capacidade

produtiva) com uma taxa maior que a do crescimento do PIB. Em alguns setores, esse excedente de capacidade produtiva permitiu um rápido desenvolvimento na década de 90.

Salários e condições de trabalho

Os salários em Israel são determinados basicamente através de negociações entre três partes interessadas: O governo (maior empregador do país), cuja escala de salários tem forte repercussão em todos os segmentos da economia), a Histadrut (a Federação Geral dos Trabalhadores) e a organização patronal do setor privado.

Os acordos realizados constituem a base das escalas de salário para os diferentes setores da economia e, com mudanças ocasionais, também determinam o pagamento automático de correção monetária como compensação pelos aumentos inflacionários. Assim, a situação salarial é bastante inflexível, especialmente na faixa salarial mais baixa. As ondas de desemprego em Israel não reduzem significativamente os salários, todavia, em tempos de escassez de mão-de-obra os salários aumentam com maior elasticidade nos setores onde a demanda por trabalhadores é mais acentuada.

No entanto, durante a recente crise, os mercados de trabalho mostraram bastante flexibilidade. Muitos trabalhadores concordaram em reduzir horas de trabalho ou aceitar cortes nos salários em vez de enfrentar a possibilidade de demissões. Por sua vez, isso ajudou a estabilizar os mercados de trabalho e estimulou um sentimento de consumo positivo, que por sua vez manteve o equilíbrio do consumo interno.

Em junho de 2008, o salário médio mensal era de NIS 4.614 (aproximadamente US\$ 2.250). As condições de trabalho nos vários setores econômicos do país são estabelecidas por acordos trabalhistas negociados entre empregadores e empregados. Os requisitos mínimos, no entanto, são estabelecidos por lei, e incluem um máximo de 47 horas de trabalho por semana (com a média, em 2006, no respectivo setor abaixo de 40 horas por semana), salário mínimo (NIS 3.850 em 2008; aproximadamente US\$1.000), remuneração por horas extras, indenização por demissão, pagamento de férias e de licença por motivo de doença.

SETORES DA ECONOMIA

Indústria

Israel é hoje um país industrializado, a maior parte de sua produção, inclusive muitos campos tradicionais, tem como base uma intensa pesquisa e desenvolvimento, e sofisticados processos tecnológicos, ferramentas e máquinas. Este é o resultado de um desenvolvimento muito rápido e intenso.

O setor industrial, hoje dinâmico e amplamente diversificado, desenvolveu-se a partir de pequenas oficinas criadas no final do século XIX para a fabricação de implementos agrícolas e processamento de produtos agrícolas. Dois incentivos provocaram a transformação inicial dessas oficinas em fábricas mais modernas, a imigração de empresários e engenheiros experientes da Alemanha na década de 30 e a crescente demanda por produtos industriais durante a II Guerra Mundial (1939-1945) à medida que as forças aliadas na região necessitavam de vários produtos, especialmente de roupas e alimentos enlatados, e a região necessitava de mercadorias que não poderiam ser importadas da Europa por causa da guerra.

Até os anos 70, os setores industriais tradicionais (processamento alimentício, têxteis e moda, móveis, fertilizantes, pesticidas, assim como produtos farmacêuticos, químicos, de borracha, plástico e metal) constituíam a maior parte da produção industrial do país. Nesse período grande parte dos recursos foi direcionada para a agricultura em desenvolvimento, produção e processamento de alimentos, e infraestrutura, proporcionando emprego rapidamente a muitos imigrantes não qualificados.

A fase seguinte da industrialização concentrou-se no desenvolvimento e fabricação de armas necessárias à defesa do país. Foi acelerada por causa dos embargos de armas que colocaram em risco o estado nascente. O grande investimento na aviação e nas indústrias de armamento criou novas tecnologias que se tornaram a base das indústrias de alta tecnologia de Israel, como dispositivos médicos, produtos eletrônicos, software e hardware, telecomunicações, etc. Na década de 1980, os israelenses que trabalhavam no Vale do Silício retornaram a Israel, abrindo centros de desenvolvimento de empresas multinacionais, como Intel, Microsoft, IBM, entre outros. Na década de 90 uma imigração altamente qualificada de cientistas, engenheiros, técnicos e profissionais de saúde da antiga União Soviética permitiu a modernização da indústria de Israel elevando-a ao seu atual nível de sofisticação, com sua grande variedade de produtos de exportação.

Devido à sua falta de recursos naturais e matérias-primas, uma vantagem de Israel é a sua força de trabalho altamente qualificada, institutos científicos, e centros de R&D. Hoje, a indústria israelense se concentra principalmente na fabricação de produtos com alto valor agregado, através do desenvolvimento de produtos baseados na criatividade científica e inovação tecnológica de Israel.

Ao contrário dos países desenvolvidos, nos quais o número de empregados permaneceu estável ou diminuiu na década de 90, em Israel esse número continuou a crescer, com mais de 25% da força de trabalho empregada no setor de alta tecnologia.

Nas duas últimas décadas, registraram-se avanços de nível internacional nos campos da eletrônica médica, agrotecnologia, telecomunicações, produtos químicos sofisticados, computação (hardware e software), assim como corte e lapidação de diamantes. Em 2008, a indústria empregou 384 mil pessoas (entre elas, a taxa de pessoas com ensino superior foi apenas menor do que os EUA e a Holanda) Onze mil plantas industriais produziram mais de US\$ 58 bilhões, mais de metade do que foi exportado.

Indicadores importantes por setor econômico (2006) (%)

Setor	PIB	Força de trabalho	Exportações	Investimento
Setor	21,6	18	74	35
Agricultura	2,5	1,7	3	3
Construção civil	7,1	5	1	3
Transporte e comunicações	10,2	6,8	8	32
Financiamento comercial e serviços pessoais	31,1	35	24	13
Serviços públicos	25	34	-	14

Fonte: Central Bureau of Statistics

Alta tecnologia

As rápidas taxas de crescimento (em média 8% anualmente nos últimos anos) encontram-se nos setores de alta tecnologia. Esses setores requerem habilidade, muito capital e exigem técnicas sofisticadas de produção, bem como um investimento considerável em pesquisa e desenvolvimento, onde são investidos 4,9% do PIB de Israel - o mais alto entre os países da OCDE. A qualidade da P&D em Israel é classificada, de acordo com especialistas da ONU, entre as 10 melhores do mundo. Os institutos de pesquisa, que fornecem a maior parte da P&D básica, contribuem para tudo isso significativamente.

A importância do crescimento das indústrias de alta tecnologia pode ser ilustrada pelo fato de representarem apenas 37% do produto industrial em 1965, uma taxa que subiu para 58% em 1985 e para aproximadamente 70% em 2006.

Quase 80% dos produtos de alta tecnologia são exportados, enquanto as empresas exportadoras mais tradicionais, com pouca tecnologia, exportam apenas aproximadamente 40% do seu produto. As exportações de alta tecnologia quadruplicaram de US\$ 3 bilhões em 1991 para US\$ 12,3 bilhões em 2000 e para US\$ 29 bilhões em 2006 (além de outros US\$ 5,9 bilhões em exportações de serviços de alta tecnologia). Em 2009, o produto das empresas de TIC (tecnologia da informação e comunicação, grande parte de indústria de alta tecnologia) totalizou US\$ 19 bilhões. Contribuindo com 17,3% do PIB do setor empresarial, empregava 204.000 pessoas, e suas exportações foram aproximadamente US\$ 16 bilhões.

Mais de 90% dos orçamentos públicos de P&D (US\$ 7 bilhões em 2006) são alocados para a indústria de alta tecnologia, e grande parte é canalizada através de fundos de *joint ventures*.

Nos últimos anos, o governo tem recebido bons dividendos de suas participações nesses fundos, além do reembolso dos empréstimos concedidos para o sucesso inicial das empresas. Além das seis fundações binacionais mencionadas anteriormente, Israel tem acordos de

financiamento de projetos conjunto de P&D com os EUA, Canadá, Itália, Bélgica, Áustria, França, Suécia, Alemanha, Holanda, Irlanda, Portugal, Espanha, Hong Kong, Índia, Turquia e China.

A era da tecnologia da informação (Internet, comércio eletrônico, etc) colocou a economia de Israel e, particularmente, sua indústria de alta tecnologia, na vanguarda do desenvolvimento mundial nessa seara. Uma série de empresas de Israel, internacionalmente reconhecidas, foram compradas por grandes conglomerados empresariais em transações em dólares multibilionárias. O número de novas empresas é muito elevado devido ao extraordinário talento inovador em Israel, juntamente com a disponibilidade de recursos humanos altamente qualificados. A presença crescente de empresas israelenses em Wall Street e nas bolsas europeias é mais uma manifestação do respeito para com a indústria de alta tecnologia israelense.

O setor de diamantes em Israel

Israel é o mais importante centro de produção e comércio de diamantes. A principal razão é que o setor de diamantes de Israel é tão multifacetada quanto seus diamantes. O diamante de Israel é sinônimo de confiança e confiabilidade, e é garantido como genuíno e livre de conflitos.

Além disso, a indústria israelense de diamantes é líder mundial tanto na tecnologia de ponta como artesanalmente, garantindo assim o melhor rendimento em diamantes lapidados a partir de pedras brutas. O volumoso estoque da produção local, bem como a isenção de impostos, e as importações de pedras brutas e lapidadas garantem preços competitivos. O Israel Diamond Exchange é o maior centro de comercialização de diamantes no mundo, abrigando todas as funções operacionais e necessidades de cada comprador de diamantes sob o mesmo teto.

Em 2008 as exportações de diamantes chegaram a US\$ 9,4 bilhões. Embora o setor tenha sido gravemente prejudicado pela recessão durante o ano de 2009, dados preliminares mostram que a demanda global acelerou-se em 2010 e que os níveis de exportação voltaram aos anteriores.

Em 2009, Israel exportou a maior parte de seus diamantes para os EUA, com um número semelhante enviado a Hong Kong. Outros clientes importantes são a Bélgica e Suíça.

Agricultura

O setor agrícola de Israel é caracterizado por um sistema intenso de produção, decorrente da necessidade de superar a escassez de recursos naturais, principalmente água e terras aráveis. O crescimento constante na produção agrícola é devido à estreita colaboração entre pesquisadores, agricultores e indústrias relacionadas à agricultura. Juntos, eles desenvolvem e aplicam novos métodos em todas as áreas agrícolas. O resultado é uma agricultura moderna em um país que é metade constituído por áreas de deserto.

Como os agricultores e os cientistas de Israel tiveram que lidar com um ambiente inóspito e recursos hídricos limitados, sua experiência é especialmente importante para um mundo em desenvolvimento. O segredo do sucesso está na determinação e empenho dos agricultores e

cientistas que se dedicaram ao desenvolvimento de uma agricultura próspera, demonstrando ao mundo que o valor real da terra é em função da sua utilização. A estreita cooperação entre a P&D e o setor levou ao desenvolvimento de um mercado voltado para agronegócios que exportam soluções de agrotecnologia, especialmente soluções de irrigação.

A agricultura de Israel é a história do sucesso de uma longa e difícil luta contra condições adversas, conseguindo o máximo de aproveitamento da pouca água e terra arável disponíveis (incluindo plantas de dessalinização modernas, tecnologia com um histórico de exportação de sucesso). Quando os judeus começaram a recolonizar sua pátria histórica no final do século XIX, seus primeiros esforços se concentraram na transformação da terra árida em campos férteis. O segredo do sucesso agrícola de Israel nos dias de hoje reside na estreita interação entre agricultores e pesquisadores patrocinados pelo governo, que cooperam no desenvolvimento e aplicação de métodos sofisticados em todos os setores agrícolas, bem como o avanço tecnológico, novas técnicas de irrigação e equipamentos agromecânicos inovadores

Desde que Israel tornou-se independente, em 1948, a área total cultivada aumentou 2,6 vezes, até chegar a aproximadamente 1,1 milha de acres. A área irrigada aumentou 8 vezes, até chegar aos 0,6 milhões de acres na década de 80; porém, sempre com uma defasagem em relação ao crescente déficit de água, combinado com uma intensa urbanização, e é atualmente menor o que meio milhão de acres. Durante os últimos cinquenta anos, o número de assentamentos agrícolas subiu de 400 para 750 mas, mas a proporção da população que neles vive caiu de 12% para menos de 5%.

Atualmente a produção interna de Israel, é suplementada pela importação, principalmente de cereais, grãos, carne, café, cacau e açúcar; tais importações excedem em muito as exportações agrícolas. A produção rural consiste sobretudo de derivados de leite e aves. Além disso, uma grande variedade de flores, frutas e legumes são cultivados localmente, especialmente em áreas quentes, proporcionando aos agricultores uma vantagem inicial nos mercados europeus. Durante os meses de inverno, Israel é a estufa da Europa, exportando rosas de hastes longas, cravos, melões, tomates, pepinos, pimentões, morangos, quiúis, mangas, abacates e uma grande variedade de cítricos.

A participação da produção agrícola no PIB caiu de aproximadamente 11% para 2,6% entre 1950 e 2008, enquanto que a proporção das exportações agrícolas decresceu de 60% para menos de 2% do total exportado apesar de haver um crescimento em valor absoluto das exportações anuais: de US\$ 20 milhões em 1950 para US\$ 1,2 bilhão em 2009 devido, entre outros, à introdução maciça de métodos agrícolas inovadores e ao cultivo orientado para a exportação.

Construção civil

Nos primeiros anos do estado, a construção de edifícios residenciais correspondia a 84% do total de obras executadas. Nos anos seguintes, esta porcentagem oscilou entre 70 e 75%, até que em 1991 elevou-se a 86%, para atender às necessidades das novas ondas de imigração. Por conseguinte, a produção do setor da construção subiu drasticamente em 1991, ano em que o número de unidades residenciais construídas anualmente chegou a 83.500. Desde

então, esse número anual diminuiu de forma sistemática para 29.000 em 2004. O número recorde de novos apartamentos concluídos era 70.100 em 1992, mas foi reduzido para 31.700 em 2005. Considerada antes como uma das principais atividades econômicas, até mesmo como o barômetro da economia, a construção civil, que chegou a contribuir com 30% do PIB em 1950, representou apenas 5% em 2006.

Embora a princípio quase todas as construções fossem resultado de iniciativa e investimento governamentais, esta proporção foi diminuindo gradualmente, de 67 a 16%, entre 1958 e 1989. No início da década de 1990, cresceu temporariamente, quando o setor privado não conseguiu atender à demanda que crescia rapidamente em razão da entrada súbita de milhares de imigrantes. No últimos anos, o aumento geral do padrão de vida (junto com a demanda externa por bens em Israel) reflete no súbito interesse pelo tipo mais caro de apartamentos, especialmente nos bairros mais procurados em cidades como Tel Aviv e Jerusalém.

As empresas israelenses estão entre as líderes mundiais em design e fabricação de estruturas metálicas para construções, peças e componentes pré-fabricadas, como portas, janelas, equipamentos sanitários, componentes hidráulicos, utensílios e acessórios, e muito mais. Esses produtos são comercializados com sucesso em todo o mundo e podem ser encontrados nos canteiros de obras mais importantes em todos os continentes.

Transportes e comunicações

A importância do setor dos transportes e comunicações excede em muito sua pequena participação nas estatísticas econômicas, pois se trata de um setor de infraestrutura, que atende a todos os outros setores da economia, bem como todos os domicílios. É um serviço, mais do que um setor produtivo, que cresce, como em todas as economias modernas, mais rapidamente que os setores de produção. Houve um crescimento notável na parte de aviação nesse setor nos últimos anos (graças a um aumento paralelo no turismo), mas o crescimento do setor de comunicações tem sido ainda mais rápido.

Contribuindo com aproximadamente 8% do PIB, o setor de transportes e comunicações responde por 10% das exportações de bens e serviços e emprega 6% da força de trabalho do país. O transporte terrestre representa 36% de seus resultados, a navegação marítima e aérea 20%, as comunicações 39% e o restante vem de vários outros serviços.

Em comparação com o início da década de 50, a tonelagem bruta total da frota mercante aumentou mais de dez vezes, enquanto as companhias aéreas transportam um número cem vezes maior de passageiros. No mesmo período, a quilometragem das estradas dobrou, o número de ônibus mais que triplicou e o de caminhões é dez vezes maior.

Turismo

Os turistas são atraídos pela diversidade geográfica de Israel, seus sítios arqueológicos e locais religiosos, o tempo ensolarado e *resorts* modernos no Mediterrâneo, o lago Kineret (Mar da Galileia), o Mar Vermelho e o Mar Morto.

Em 2000, o país recebeu um número recorde de turistas: 2,41 milhões (comparados aos 33.000 em 1950; 118.000 em 1960; 441.000 em 1970; 1,18 milhão em 1980; e 1,34 milhão em 1990). Esse número foi ainda maior em 2008, quando Israel abriu as suas portas para mais de 3 milhões de turistas.

O número de visitantes continua a subir. No primeiro semestre de 2010, 1,6 milhão de turistas visitaram Israel, 39% a mais que no mesmo período do ano passado, e 10% mais que em 2008.

Os americanos respondem por 21% dos turistas em Israel, e os russos chegam a 15%, enquanto o resto dos países europeus compõe o restante.

O turismo proporcionou uma receita em moeda estrangeira de US\$ 2,8 bilhões em 2006, ou seja, 5% da receita de todas as exportações e 16,8% da exportação de serviços. No primeiro semestre de 2010, os turistas estrangeiros trouxeram aproximadamente US\$ 1,55 bilhão para o país.

Embora o setor contribua com menos de 3% do PIB, tem um valor agregado de 85% (o que o torna o setor líder em valor agregado entre os setores de exportação do país) e emprega aproximadamente 80.000 pessoas. O enorme potencial desse setor ainda precisa ser explorado, pois é um fator importante no plano de crescimento econômico de Israel.

CULTURA

Teatro e Entretenimento

Entretenimento leve

Cinema

Música

Dança

Literatura

Artes Visuais

Museus

Arqueologia

Mídia

Esportes

Laços culturais internacionais de Israel.

CULTURA

Israel é um país novo e ao mesmo tempo antigo, pequeno em tamanho, mas dotado de topografia variada e uma população heterogênea. Quatro mil anos de tradição judaica, mais de um século de sionismo, e mais de meio século como um estado moderno contribuíram para a formação de uma cultura que já criou sua própria identidade, embora preservando a singularidade de suas 70 comunidades. Sendo uma sociedade constituída sobretudo de imigrantes, a expressão criativa de Israel absorveu diversas influências culturais e sociais, pois combina tradição e inovação e busca o equilíbrio entre as particularidades israelenses e o universalismo. A constante busca de uma identidade cultural se expressa através da criatividade numa ampla gama de expressões artísticas, apreciadas e usufruídas pela maioria da população em seu cotidiano.

... Saibam que o homem não vive só de pão ... (Deuteronômio 8:3)

TEATRO E ENTRETENIMENTO

Imagem cedida pelo Teatro Khan, Jerusalém

O teatro, ao contrário da literatura, não existia na cultura hebraica antiga e nem se desenvolveu a partir do teatro ídiche, tão popular nas comunidades judaicas da Europa Oriental até a II Guerra Mundial. Seu início data da fundação, em 1917, do teatro hebraico Habima (O Palco), em Moscou, sob a direção do diretor russo Constantin Stanislavsky e contando com o talento dramático de Hanna Rovina (1892-1980), que mais tarde recebeu o título de "Primeira Dama do Teatro Hebreu". Em 1931, a companhia se estabeleceu definitivamente em Tel Aviv.

O teatro em Israel é composto de vários elementos diferentes - contemporâneos e clássicos, locais e importados, experimentais e tradicionais - com autores, atores, diretores e produtores de várias formações e origens, criando gradualmente um teatro israelense distinto. O panorama teatral é muito ativo, com seis teatros de repertório profissional, dezenas de companhias regionais e amadoras que se apresentam em todo o país, para um público numeroso e dedicado. Nos últimos anos, várias companhias israelenses realizaram turnês pela Europa Ocidental e Oriental, participando de festivais internacionais, como o Festival de Edimburgo, e se apresentaram em vários eventos teatrais na Europa, Estados Unidos e outros lugares. Alguns grupos semiprofissionais e amadores se apresentam em inglês e russo.

Entre os autores de peças, alguns dos quais reconhecidos internacionalmente, é possível citar Chanoch Levine, Yehoshua Sobel, Hillel Mittelpunt e Ephraim Kishon. As principais companhias teatrais estão sediadas nas quatro maiores cidades do país.

Habima, o teatro nacional, tem sua sede num complexo de três salas (com 1.520 lugares) em Tel Aviv, com uma lotação média de 90%, graças, em parte, a seus 30.000 assinantes anuais. Seu repertório inclui peças tradicionais sobre temas judaicos, obras de autores hebraicos contemporâneos e traduções de clássicos internacionais, dramas e comédias. Diretores de projeção internacional são às vezes convidados a montar seus espetáculos.

O **Teatro Cameri**, o teatro municipal de Tel Aviv desde 1970, foi a primeira companhia a apresentar quadros realistas da vida israelense e continua a contribuir para o desenvolvimento do teatro hebraico com um repertório dinâmico, que inclui uma importante série de dramas israelenses originais e adaptações de grandes sucessos teatrais. O Teatro Cameri está localizado em um conjunto de última geração composto por quatro salas, ao lado do Centro de Artes Cênicas de Tel Aviv. A produção de Hamlet do Teatro Cameri, estrelada por Itay Tiran como o príncipe Hamlet, foi aclamada pela crítica, tanto em Israel como no exterior. Essa versão foi apresentada como parte do Festival Shakespeare, em Washington, no Kennedy Center.

O **Teatro Municipal de Haifa** é um teatro de repertório que apresenta tanto produções israelenses, como peças estrangeiras clássicas e modernas.

O **Teatro Municipal de Be'er Sheva** é um teatro de repertório com peças contemporâneas, peças originais, e também o teatro clássico e peças estrangeiras modernas.

O **Teatro Beit Leissin**, em Tel Aviv, é um teatro de repertório que apresenta peças israelenses, assim como peças contemporâneas estrangeiras.

O **Teatro Árabe** é um teatro de língua árabe profissional para adultos, com obras originais de países árabes, assim como obras contemporâneas traduzidas.

O **Teatro Beit Hagefen** é um teatro profissional de língua árabe para crianças e jovens, apresentando peças contemporâneas e originais, inclusive de outros países.

O **Teatro Khan**, único teatro de repertório de Jerusalém, oferece uma mistura de obras clássicas e contemporâneas em uma sala de espetáculos bastante original, e fica em um prédio restaurado que no passado foi uma hospedaria turca.

O **Teatro Guesher**, fundada em 1991 para oferecer uma produção artística para os novos imigrantes da antiga União Soviética, apresentava inicialmente produções de alto nível em russo. Em virtude do sucesso e da aclamação da crítica, passou a apresentar peças em hebraico, tornando-se parte integrante do teatro israelense. Tem representado Israel em festivais de prestígio em todo o mundo.

O **Teatro Clipa** foi fundado em 1995, por Idit Herman, bailarino e diretor, e Tyulpanov Dmitry (Rússia), o ator e músico. A companhia oferece teatro, dança, design e música. O grupo, cujas obras são na sua maioria sem palavras, apresenta quatro obras novas por ano. A maioria é encenada por um período limitado, e algumas são encenadas só uma vez, em apenas um local.

O **Teatro Infantil e Juvenil**, apresenta peças para três diferentes faixas etárias, em escolas e centros culturais de todo o país, mantém cursos de teatro e drama e fornece instrutores para cursos especiais nas escolas.

O **Akko Festival** é um festival de teatro fora do circuito regular, onde são estreadas peças israelenses novas e experimentais. Consiste de uma competição de apresentações internas, externas e de rua e apresentações de convidados internacionais.

O **Festival de Teatro Infantil** é realizado em Haifa. Traz novas obras para crianças, inclui uma competição e apresentações com convidados internacionais.

O **Teatro Train** foi criado em Jerusalém em 1981 como um teatro de bonecos. Oferece uma variedade de peças de completas para contar histórias divertidas para crianças pequenas, bem como festivais de rua para toda a família. Também há um Festival Internacional de Teatro de Bonecos anual.

A formação em drama, direção e profissões correlatas ao teatro é proporcionada na Universidade de Tel Aviv, na Universidade Hebraica de Jerusalém, na Escola de Artes, Palco e Cinema Beit-Zvi (em Ramat Gan), no Estúdio de Representação Nissan Nativ (em Tel Aviv) e na Escola de Drama do Seminário Kibutziano.

ENTRETENIMENTO

O conceito de diversão "popular" começou em Israel na década de 40, com grupos como Chizbatron, Matateh e Batzal Yarak. Contudo, o grande desenvolvimento ocorreu durante os anos 60, com a formação de grupos de entretenimento ligados às diferentes unidades do exército. Vários dos principais artistas do país iniciaram suas carreiras durante o serviço militar, como Chaim Topol, Si Hyman, Miri Aloni, Dorit Reuveni e Yarden Arazi. Durante essa época, o grupo israelense de comédia Hagashash Hahiver tornou-se famoso, apresentando por décadas quadros israelenses clássicos e, finalmente, receberam o Prêmio Israel por sua obra e vida.

Embora a televisão e o rádio sejam os principais meios de distração popular, espetáculos ao vivo de comediantes, cantores, músicos e conjuntos são realizados regularmente em todo o país.

Entre os cantores prediletos do público citam-se Arik Einstein, Shlomo Artzi, Matti Caspi, Shalom Chanoch e Yehudit Ravitz; dentre os conjuntos, Kaveret, Mashina, Atraf, Etnix e Chaverim shel Natasha. Alguns artistas são populares também no exterior, como Dudu Fisher, Ofra Haza, Rami Kleinstein, Aviv Gefen, David Broza, e Noa (Ahinoam Nini). Em 1998, a transexual israelense Dana International venceu o concurso de música Eurovision e se tornou uma estrela global. Sua canção, "Diva", foi escolhida como a 14ª melhor canção de todos os festivais Eurovision até hoje. Recentemente, ela lançou seu 11º álbum, "Hakol Zeh Letova" (*All for the Good*).

Grandes musicais traduzidos para o hebraico, como "Os Miseráveis" e "A Noviça Rebelde", foram recentemente reencenados, com grande sucesso.

Muito popular entre os todos os israelenses é o gênero musical oriental, derivado sobretudo de influência árabe e grega, cujos mais conhecidos cantores são Boaz Sha'arabi, Yehuda Poliker, Sarit Hadad, Avihu Medina, Margalit Tsa'anani, Zehava Ben e Ofer Levy. Eyal Golan, Amir Benayoun e Miri Mesika são nomes mais novos.

Uma nova geração de comediantes *stand-up*, como Eli Yatzpan e Adi Ashkenazi está começando a fazer grande sucesso.

CINEMA

Imagem cedida pela Escola Ma'aleh de Televisão, Cinema e Artes

A produção de filmes em Israel passou por grandes transformações desde seu início, nos anos 50. Os primeiros filmes produzidos e dirigidos por israelenses, como "A Colina 24 Não Responde" e "Eles Eram 10" mostravam o tipo heróico, tendência também na literatura da época. Hoje em dia, os filmes são profundamente enraizados na experiência israelense, apresentando sobreviventes do Holocausto e seus filhos (como os filmes de Guila Almagor "O Verão de Avyia" e "Sob uma Árvore"), ou as dificuldades dos novos imigrantes ("Sh'hur", dirigido por Hana Azoulay e Shmuel Hasfari; "Café com Limão", dirigido por Leonid Gorivets). Outros refletem uma tendência mais marcada pela realidade israelense como o conflito árabe-israelense ("Além das Grades" de Uri Barbash), ou pela apresentação do contexto de uma sociedade universalista, alienada ou hedonista (como em "O Canto da Sirene", "A Vida de Acordo com Agfa" e "Histórias de Tel Aviv").

Em 2009, o filme árabe-israelense "Ajami", situado num bairro pobre árabe em Yafo, foi indicado para o Oscar de Melhor Filme Estrangeiro. Foi o primeiro filme predominantemente em língua árabe de Israel indicado a premiação e o terceiro ano consecutivo em que um filme israelense foi indicado ao Oscar.

Um ano antes, uma animação de Ari Folman, a "Valsa com Bashir" recebeu elogios internacionais por retratar as experiências do diretor na Guerra do Líbano, em 1982. O filme foi premiado com o Globo de Ouro de Melhor Filme Estrangeiro e recebeu uma indicação ao Oscar.

Outros filmes notáveis dos últimos anos são "Campfire", de Joseph (Yossi) Cedar sobre uma família hierosolimitana, religiosa e sionista, da década de 80, e que luta para restabelecer a dinâmica da família após a morte de seu pai, e "Broken Wings", filme premiado de Nir Bergman que também lida com as consequências de uma perda familiar e a necessidade de aceitação. "Vire à Esquerda no Final do Mundo" trata improváveis amizades interculturais em uma cidade de imigrantes no deserto, e "Aviva, Meu Amor", conquistou 10 prêmios em Israel, Xangai e Tóquio.

Eytan Fox é outro diretor notável e popular. Os filmes de Fox incluem "A Bolha", que explora a vida urbana contemporânea em Tel Aviv contra o pano de fundo do conflito árabe-israelense; "Yossi e Jagger" sobre o amor e o desejo homossexual nas Forças Armadas, e "Andar Sobre a Água". Fox também foi o diretor do clássico seriado de TV "Florentine" (1997), sobre jovens israelenses desiludidos vivendo em um bairro de Tel Aviv com certo charme decadente.

Os filmes israelenses ganharam muitos prêmios em 2007. Joseph Cedar ganhou o prêmio de melhor diretor e 11 outros prêmios no Festival de Cinema de Berlim por seu filme sobre a primeira guerra do Líbano, "Beaufort", que também foi indicado para o Oscar.

"Doce Lama" do diretor Dror Shaul levou o prêmio máximo no Festival de Sundance para os filmes internacionais; David Volach de "Meu Pai, Meu Senhor", um filme sobre uma família

ultra ortodoxa em férias, ganhou o prêmio máximo para filmes estrangeiros em Tribeca, e "Água-Viva", dirigido pelo escritor Etgar Keret e Shira Geffen, recebeu o prêmio Camera d'Or no Festival de Cannes. Uma surpresa entre premiados foi "A Visita da Banda", o filme de Eran Kolirin sobre uma banda da polícia egípcia em visita a Israel, cujos membros se perdem e veem um lado inesperado do país. O filme recebeu três prêmios em Cannes: Prêmio da Crítica, Prêmio Cinema Jovem, e o Prêmio Favorito na Mostra "Um Certo Olhar". A atriz israelense Hanna Laslo recebeu o prêmio de Melhor Atriz por seu papel em "Zona Livre", filme do diretor israelense Amos Gitai no Festival de 58º Festival de Cinema de Cannes, em 2005. Outros filmes e cineastas israelenses também ganharam vários prêmios internacionais nos últimos anos.

As exportações cinematográficas aumentam anualmente, à medida que mais e mais filmes produzidos em Israel fazem sucesso no exterior, e um maior número de coproduções são filmadas no país. O Centro do Filme Israelense, uma divisão do Ministério de Indústria e Comércio, promove a produção cinematográfica em Israel, tanto a produção local quanto a estrangeira, oferecendo os mais variados serviços, desde organização de contatos profissionais até incentivos financeiros.

Os grandes eventos, como o Festival de Cinema de Israel, na Cinemateca de Jerusalém, juntamente com eventos similares em Haifa e Sderot, combinado com os festivais de cinema israelenses no exterior, ajudam a promover e conhecer os filmes israelenses.

A recentemente renovada Cinemateca de Jerusalém tem um acervo de milhares de filmes, uma biblioteca para pesquisa, salas de projeção e espaços para exposições. Apresenta seções regulares de cinema, ciclos temáticos em cooperação com embaixadas, instituições culturais ou organizações cívicas e, quando possível, com a participação do roteirista, diretor ou atores. Desde 1984, vem realizando um festival anual, não competitivo, que já trouxe ao país muitos filmes e vídeos de alta qualidade. Os cursos para adultos têm boa frequência, e são realizados programas para os alunos das escolas de Jerusalém, que estimulam a análise crítica desta arte tão popular. Há sedes da Cinematheque em Tel Aviv e na cidade de Rosh Pina, ao norte. Os cinemas de arte ainda são populares em Israel, e a cadeia de Lev oferece filmes em ambientes acolhedores em todo o país.

O Arquivo Spielberg de Filmes, da Universidade Hebraica de Jerusalém, é o maior repositório mundial de filmes sobre temas judaicos, assim como sobre a vida judaica e israelense. Administrado pela universidade, juntamente com o Arquivo Sionista Central, tem como atividade principal a coleção, preservação e catalogação de filmes judaicos, tornando o material acessível aos pesquisadores, roteiristas de cinema e televisão e produtores de todo o mundo.

MÚSICA

A música passou a ocupar um lugar importante na vida cultural da comunidade judaica da Palestina (Terra de Israel) após a I Guerra Mundial. Entusiastas amadores e um pequeno quadro de músicos experientes fizeram várias tentativas de formar uma orquestra sinfônica, um coral e até mesmo uma companhia de ópera. Em nível profissional, contudo, a música só veio a se tornar uma atividade importante na década de 30, quando centenas de professores e estudantes de música, compositores, instrumentistas e cantores, bem como milhares de amantes da música, afluíram ao país, fugindo à ameaça do nazismo na Europa.

A Orquestra Filarmônica da Palestina (hoje a Orquestra Filarmônica de Israel), foi fundada por iniciativa do violinista Bronislaw Huberman, nascido na Polônia. Em 1936, apresentou seu primeiro concerto, em Tel Aviv, sob a batuta de Arturo Toscanini. A orquestra tornou-se imediatamente um dos pontos altos da vida musical do país. Com o passar dos anos, a Filarmônica adquiriu a reputação de uma das melhores orquestras de todo o mundo. Pouco depois, era criada uma orquestra radiofônica (hoje a Orquestra Sinfônica de Jerusalém), cujos concertos eram transmitidos e atraíam dezenas de milhares de ouvintes.

Foram criados outros conjuntos musicais posteriormente, como a Orquestra de Câmara de Israel, a Sinfonietta de Beer Sheva e orquestras sediadas em Haifa, Natânia, Holon, Ramat Gan e Rishon Letzion e também a Orquestra Israel Kibutz, cujos membros vieram de *kibutzim* de todo o país.

No final da década de 80, a Nova Ópera de Israel iniciou a montagem de produções de alto nível profissional, renovando o entusiasmo do público pelo gênero, cujo interesse declinou após a dissolução da primeira companhia permanente de ópera, alguns anos antes.

Durante a década de 90, a vida musical de Israel passou por uma transformação, com a chegada de mais milhares de imigrantes provenientes da antiga União Soviética. Entre esses imigrantes havia inúmeros músicos profissionais, como instrumentistas, cantores, professores de música, cujo impacto pode ser sentido com a criação de novas orquestras sinfônicas e de câmara, assim como de pequenos conjuntos, e também pela dinâmica injeção de talento e vitalidade musical nas escolas, conservatórios e centros comunitários por todo o país.

A tradição da música de câmara, que também começou no país nos anos 30, inclui vários grupos e coros, alguns conhecidos mundialmente, e cuja variedade se ampliou após a imigração da década de 90. Entre os principais grupos citam-se a Camerata Rehovot, a orquestra de câmaras da Forças Armadas de Israel e a Camerata Kashtaniot de Ramat Hasharon. Muitas cidades grandes e pequenas mantêm seu grupos corais, e vários festivais são dedicados à música coral, entre os quais o Festival Litúrgico em Jerusalém, o de música vocal nas igrejas de Abu Gosh e o festival Zimriá.

Espetáculos musicais, desde recitais a concertos sinfônicos, apresentando uma ampla variedade de obras clássicas, são realizados tanto em locais históricos, como os anfiteatros

romanos restaurados de Cesareia e Beit Shean como nas duas principais salas de concerto, o Auditório Mann, em Tel Aviv e o Centro Internacional de Convenções, em Jerusalém. Outros locais incluem o complexo teatral de Jerusalém, o novo Centro de Artes Dramáticas e Musicais de Tel Aviv, os museus Israel e de Tel Aviv, assim como centros culturais em pequenas cidades e *kibutzim* por todo o país. Os frequentadores de concertos em Israel sabem demonstrar seu entusiasmo, qualidade muito apreciada pelos solistas israelenses de reputação mundial, como Pinchas Zuckerman, Shlomo Mintz, Daniel Barenboim e Itzhak Perelman, que se apresentam anualmente no país.

Entre os vários eventos musicais de importância mundial realizados em Israel citam-se o Concurso Internacional de Harpa e o Concurso de Piano Artur Rubinstein. Festivais locais como o do Kibutz Ein Guev e o de Música de Câmara do Kibutz Kfar Blum atraem audiências entusiastas; e o Festival de Israel, com espetáculos de música, teatro e dança, apresentados por grupos de todo o mundo, transforma Jerusalém num centro de atração cultural durante três semanas, toda primavera.

A criação de música israelense, especificamente, data do início da composição a nível profissional no país, nos meados da década de 40. Embora as tradições russa e francesa, o romantismo e pós-romantismo alemão e a influência dos compositores europeus mais recentes tenham deixado sua marca na composição musical, uma nova expressão israelense, denominada estilo "Mediterrâneo", combinando melodias orientais tradicionais e a cantilena de preces antigas, vem gradualmente se consolidando.

A primeira geração de compositores israelenses, todos nascidos na Europa, esforçou-se por criar uma nova linguagem musical, após sua imigração para o país. Paul Ben-Chaim utilizava tonalidades aumentadas para criar um estilo pós-expressionista, fundindo o velho e o novo, o oriente e o ocidente; Oedon Partos considerava a assimilação do folclore autêntico um importante método de composição; Alexander Uriah Boscovitch usava formas de expressão popular a criação de suas composições; Yossef Tal foi o pioneiro da composição eletrônica em Israel; e Mordechai Seter dedicava-se a integrar melodias e ritmos iemenitas em suas obras.

A segunda geração, cuja maior parte foi direta ou indiretamente constituída de discípulos da primeira, procurou uma expressão musical integrada à língua hebraica, suas consonâncias e entonações, suas relações com a liturgia e tradição judaicas e sua incorporação ao mundo oriental. O terceiro grupo de compositores, mais recente, manifesta o desejo de participar da composição internacional, despojado de perfil nacional, lutar contra o Holocausto através da música e derrubar as barreiras dentro da música, fundindo tradições orientais e ocidentais e incorporando certas inovações dos gêneros de música popular.

Os jovens israelenses talentosos iniciam sua formação frequentando um dos 200 conservatórios existentes no país, ou estudando com algum entre centenas de professores particulares; muitos adquirem experiência vinculando-se a uma das orquestras juvenis do país. São oferecidos estudos avançados por academias de graduação em música e dança, em Jerusalém e em Tel Aviv. Aulas de alto nível para cantores, instrumentistas e grupos de câmara são frequentemente ministradas por artistas internacionais visitantes, nas academias e no Centro Musical de Jerusalém.

A educação e a pesquisa musicais, em instituições de ensino superior, foram iniciadas no início dos anos 60, quando foi criada a cadeira Artur Rubinstein de musicologia na Universidade Hebraica de Jerusalém. Desde então, foram criados departamentos de musicologia nas universidades de Tel Aviv e Bar Ilan. São oferecidas duas principais áreas de especialização: música judaica ou de diversos grupos étnicos de Israel, com ênfase especial na música das comunidades orientais/sefaradim.

Os pioneiros trouxeram suas canções, traduzindo as letras originais para o hebraico ou adaptando novas letras em hebraico às melodias já conhecidas. Desde então, foram escritas milhares de canções, cujas melodias incorporam elementos e estilos musicais trazidos por levass consecutivas de imigrantes, variando desde a música tradicional árabe e iemenita até o rock e o pop modernos; as letras podem ser textos bíblicos ou tradicionais, ou versos modernos de poetas e letristas israelenses.

Embora seja difícil definir o que é uma canção hebraica típica, os israelenses sabem a diferença entre uma canção escrita em hebraico, sobre temas variados e em vários estilos e a chamada Shir Ivri ("canção hebraica"), cuja letra reflete as vozes, valores e estados de espírito do país, e cujas melodias têm forte influência eslava.

Estas músicas, que acompanham os principais acontecimentos históricos da vida nacional judaica durante o último século, registram os sonhos, dores e esperanças da nação. Embora expressando sentimentos universais, como todas as canções populares, elas manifestam também fortes sentimentos israelenses, como o amor pelo país e por suas paisagens. São canções que todos conhecem, que se tornaram uma parte integrante do legado cultural nacional.

Os israelenses adoram cantar suas canções, desde as mais antigas, anteriores ao estabelecimento do estado, até as mais recentes. O canto coletivo acontece em salas de concerto, nos lares, nos refeitórios dos *kibutzim* e em centros comunitários, nas caminhadas e em torno da fogueira, muitas vezes sob a orientação de um cantor profissional, acompanhado por piano, acordeão ou violão. A participação em grupos como esses transmite um sentimento de coesão, evoca sentimentos patrióticos e a nostalgia dos tempos pioneiros e da luta pela independência; lembranças das guerras vencidas e dos amigos perdidos, trazendo de volta momentos de esperança e amor.

Canções até agora

Lágrimas e risos

Vozes de homens, estrelas de tempo.

O sol e o mar

Pão, o mundo

O amargo, o doce

E tudo o que existiu

deixaremos

Para viver na canção.

Letra: Natan Yonatan

A Canção da Paz

*Deixe o sol subir
E dar a luz da manhã,
A mais pura oração
Não vai nos trazer de volta.*

*Aquele cuja vela foi apagada
E foi sepultado no pó,
Um grito amargo não vai acordá-lo
Não vai trazer ele de volta.*

*Ninguém nos levará de volta
Do poço morto escuro,
Aqui - nem torcer pela vitória
Nem cânticos de louvor vão ajudar.*

*Refrão:
Assim - cantar apenas uma canção para a paz,
Não sussurre uma oração.
Melhor cantar uma canção para a paz
Com um grande grito.*

*Deixe o sol penetrar
Através das flores,
Não olhe para trás
Deixe aqueles que partiram.*

*Levante os seus olhos com esperança,
Não através da mira do rifle.
Cantar uma canção de amor,
E não sobre a guerra.*

*Não dizem que o dia virá,
Traga o dia,
Porque não é um sonho,
E dentro de todas as praças da cidade,
Celebrar a paz.*

Letra: Yaacov Rotblit

Música: Yair Rosenblum

Música contemporânea

A cena musical contemporânea em Israel é extremamente variada e, com frequência, audaciosa. A banda de Hip Hop Hadag Naás, por exemplo, usa a música para mostrar o cinismo político. Um de seus hits mais famosos é "Shirat Hasticker" ("The Sticker Song" em Inglês), escrita em conjunto com romancista israelense David Grossman. A letra da canção é uma

combinação de slogans vistos em adesivos israelenses. Os slogans políticos opostos são justapostos para criar um retrato furioso, irônico e muitas vezes absurdo da vida israelense.

Conjuntos, tais como o projeto Reichal Idan se fundiu a herança musical da Etiópia com o Médio Oriente alma e influências litúrgicas. Bandas como Teapacks, Mashina e Hasechel Knisiyat, bem como artistas solo de Ehud Banai, Shlomo Artzi, e até mesmo Sarit Hadad são todos veteranos na cena corrente da música israelense, mas têm mantido a sua popularidade.

Muitos dos recém-chegados à cena da música pop israelense surgiram através do programa de TV Kochav Nolad (A Star Is Born), a resposta de Israel ao American Idol dos EUA. Ninet Tayeb, Harel Moyal e Yehuda Sa'ado são apenas alguns dos que lançaram suas carreiras musicais nesse popular programa. O vencedor de 2007 foi Boaz Mauda, cuja tradição familiar iemenita pode ser ouvida em sua música.

DANÇA

Imagem cedida pela companhia de dança contemporânea Kibbutz

Na vida comunitária e religiosa do povo judeu, desde os tempos bíblicos, a dança sempre foi considerada uma expressão de alegria. Atualmente, ela é parte integrante das celebrações religiosas, nacionais, comunitárias ou familiares. A dança contemporânea desenvolveu-se em duas direções: a expansão do gênero folclórico, que acompanhou os primeiros colonizadores na reconstrução de sua velha pátria; e o estabelecimento da dança artística, com produções criadas por coreógrafos profissionais e interpretadas por dançarinos muito bem preparados.

A dança artística foi introduzida no país na década de 20, por professores e amantes da dança recém-chegados dos centros culturais da Europa. Após a criação do estado, alcançou um alto nível profissional, com diversos grupos, cada um dos quais com orientação e estilo próprio. Hoje, seis grandes companhias, em sua maioria com sede em Tel Aviv, apresentam um repertório diversificado, tanto no país quanto no estrangeiro.

O **Balé de Israel** começou como um estúdio de dança clássica, fundado por seus diretores artísticos, Berta Yampolsky e Hillel Markman. Como a única companhia profissional de balé clássico do país, apresenta obras clássicas, neoclássicas e contemporâneas, criadas por Yampolsky, assim como balés de Balanchine e outros coreógrafos internacionais.

Imagem cedida pela companhia de dança contemporânea Kibbutz

A **Companhia de Dança Contemporânea Kibbutz** (KCDC) foi fundada em 1970 por Yehudit Arnon, membro do Kibbutz Ga'aton na Galileia, perto da fronteira libanesa. Arnon transformou um grupo de jovens dançarinos amadores em uma das principais companhias de dança contemporânea de Israel, com imediato reconhecimento internacional. Hoje, a KCDC é identificada com o seu diretor artístico e coreógrafo Rami Beer.

A **Companhia de Dança Batsheva**, fundada em 1964 pela Baronesa Batsheva de Rothschild e por Martha Graham, inicialmente baseada nos seus métodos, mas com ênfase na prática do ballet. Mais de quarenta anos depois, a empresa é talvez melhor conhecido o embaixador global da cultura de Israel e emprega 65 membros, desde bailarinos a membros da equipe técnica. Atualmente, Ohad Naharin é o diretor artístico, e Sharon Eyal o coreógrafo casa.

Como muitas companhias de dança em Israel, a Batsheva tem um programa educacional e uma série de programas de extensão que visam trazer a dança para todos os setores da sociedade israelense. Segundo a empresa, as obras de Batsheva são expressivas, dinâmicas, inovadoras, sensíveis e belas, refletindo a energia do país.

Vertigo é um grupo de dança moderna muito bem sucedido, fundado em 1992 por dois bailarinos, Noa Wertheim e Adi Sha'al. Em suas turnês mundiais, já recebeu vários prêmios internacionais por seu trabalho. Grande parte do seu repertório traz coreografias originais de Wertheim, bem como projetos de dança inovadores com outros artistas. A Escola de Dança

Vertigo em Jerusalém, fundada em 1997, oferece aulas para profissionais e amadores de dança clássica, moderna e improvisação.

A coreógrafa e designer Inbal Pinto, da **Companhia de Dança Inbal Pinto** é uma das estrelas em ascensão da dança internacional. Ex-membro da Companhia de Dança Batsheva, ela recebeu vários prêmios de dança desde que começou a coreografar em 1990. Juntamente com a codiretora artística, Avshalom Pollack, Pinto criou inúmeras peças de dança, tais como o trabalho mundialmente famoso, a Ostra, que tem sido mostrado centenas de vezes em Israel e no exterior.

O cenário da dança moderna no país é reforçado por uma série de pequenos grupos e coreógrafos independentes, cujas obras têm sido muito apreciada pelos amantes da dança em todo o mundo. A mais conhecida é Yasmeen Godder, que ganhou o Prêmio Bessie em 2001 em Nova Iorque e inúmeros prêmios em Israel. Sua linguagem de dança é baseado na forma feminina, e seu trabalho, Duas Rosas Brincalhonas, tem sido mostrado em todo o mundo. Outras estrelas em ascensão são Emanuel Gat e Renana Raz.

Desde sua fundação em 1989, o Centro de Dança e Teatro Suzanne Dellal, situado no recém-renovado bairro de Neve Tsedek, em Tel Aviv, tornou-se o mais importante centro de dança do país. Também em Tel Aviv, a Biblioteca e o Arquivo de Dança de Israel, além de serem centros de estudo e pesquisa, publicam livros sobre dança e o Anuário da Dança de Israel. Os interessados em se especializar no assunto podem estudar nos departamentos de dança das Academias Rubin de Música e Dança, em Tel Aviv e Jerusalém, nos Estúdios Bat-Dor, na escola Talma Yellin em Tel Aviv e em várias outras escolas e cursos por todo o país.

A contribuição israelense no campo da educação pelo movimento inclui ainda o método de Moshe Feldenkrais, ensinado em todo o mundo, e o sistema de anotação do movimento de Eshkol-Wachman, um dos três mais conhecidos sistemas de escrita de dança e movimento.

Dança folclórica

A dança folclórica israelense é um amálgama de dança folclórica judaica e não judaica, de várias partes do mundo. Enquanto em outros países a dança folclórica é cultivada para preservar velhas tradições rurais, em Israel ela é uma forma de arte em constante desenvolvimento, desde a década de 40, com fontes históricas e modernas, misturando inspiração bíblica e estilos de dança contemporâneos.

Os primeiros pioneiros, trouxeram as danças de seus países de origem, adaptando-as ao novo ambiente. Entre elas a hora, dança romena, que simbolizava a nova vida que construíam na Terra de Israel: sua forma de círculo fechado deu status igual a todos os participantes, os movimentos simples permitiam que todos participassem e os braços entrelaçados simbolizavam a nova ideologia.

O entusiasmo cresceu, criando-se um gênero multifacetado de dança folclórica adaptado a canções israelenses populares, incorporando vários estilos como a *debka* árabe, elementos retirados do jazz norte-americano, ritmos latino-americanos e cadências típicas dos países do Mediterrâneo.

A dança folclórica se manifesta em espetáculos de palco e apresentações individuais. O entusiasmo público pela dança folclórica levou ao surgimento de uma nova profissão, a do professor de dança, com milhares de pessoas participando regularmente de círculos de dança como atividade de lazer. Desde 1988, um festival internacional de dança folclórica de três dias de duração, é realizado anualmente em Carmiel, cidade da Galileia central, com a participação das tropas de Israel em todo o mundo.

Paralelamente à dança folclórica, e influenciando seu desenvolvimento, estão as danças tradicionais dos diferentes grupos étnicos, refletindo tanto a "reunião dos exilados" quanto a natureza pluralista da sociedade israelense. Elas são preservadas por conjuntos especializados em danças do Iêmen, Curdistão, África do Norte, Índia, Geórgia, Buchara e Etiópia, além de conjuntos de danças árabes, drusas e circassianas.

LITERATURA

Alfabeto hebraico

Os primeiros escritores de prosa hebraica moderna na Terra de Israel foram imigrantes. Embora suas raízes estivessem no mundo judaico e tradições da Europa Oriental, suas obras tratavam sobretudo das conquistas culturais da nova Terra de Israel, de acordo com o lema Sionista: "Construir e ser por ela construído". Yosef Haim Brenner (1881-1921) e Shmuel Yosef Agnon (1889-1970), que deram impulso à prosa hebraica no início do século XX, são considerados por muitos os pais da literatura hebraica moderna.

Com a intenção de captar a realidade, Brenner preferia as formas rabínicas e medievais do hebraico, criando novas expressões e empregando uma sintaxe dramática para produzir o efeito real da língua. Um dos elementos centrais da obra de Brenner é sua identificação com o esforço físico dos pioneiros numa terra árida e áspera, tão diferente dos países europeus onde tinham nascido, bem como a outra luta, não menos difícil, de forjar uma identidade judaica na Terra de Israel.

Agnon preferiu usar formas hebraicas mais modernas em sua obra. Sua familiaridade com a tradição judaica, somada à influência da literatura europeia do século XIX e início do século XX, foram a base para a criação de um mundo fictício que trata dos principais temas espirituais contemporâneos: A desintegração dos modos de vida tradicionais, a perda da fé e a subsequente perda da identidade. Sendo judeu ortodoxo e um escritor dotado de profunda intuição e percepção psicológica, Agnon mostra afinidade com os lados sombrios e irracionais do psiquismo humano, podendo se identificar com as incertezas interiores dos judeus, tanto praticantes quanto não praticantes. A realidade, de acordo com Agnon, ocorre em um ambiente trágico e grotesco. Sua obra é amplamente influenciada pela guerra e pelo Holocausto, e o mundo dos judeus religiosos se revela em todas as suas paixões e tensões. Em 1966, Agnon recebeu, juntamente com Nelly Sachs, o Prêmio Nobel de Literatura.

Os primeiros escritores nascidos no país começaram a publicar nos anos 40 e 50. São conhecidos como a "geração da Guerra da Independência". Seus trabalhos refletem uma nova mentalidade e experiência cultural, diferentes das de seus predecessores, sobretudo porque o hebraico era sua língua materna e toda a sua experiência de vida estava enraizada na Terra de Israel. Escritores como S. Yizhar, Moshe Shamir, Hanoah Bartov, Haim Guri e Binyamin Tammuz vacilam dramaticamente entre o individualismo e o comprometimento com a sociedade e o Estado, oferecendo um modelo de realismo social muitas vezes heroico, marcado por uma fusão de influências locais e internacionais.

No início dos anos 60, novas abordagens em prosa hebraica foram exploradas por um grupo de escritores mais jovens e muito influentes, incluindo A.B. Yehoshua, Amos Oz, Yoram Kaniuk e Yaakov Shabtai, marcando uma ruptura com os padrões ideológicos e um foco no mundo individual. Durante as duas décadas seguintes, manifestaram-se novas tendências, como a experimentação de formas narrativas e de vários estilos de prosa, inclusive o realismo

psicológico, a alegoria e o simbolismo, assim como a especulação e o ceticismo a respeito de convenções políticas e sociais.

As décadas de 80 e 90 foram palco de uma intensa atividade literária e o número de livros publicados aumentou de forma notável. Nessa época, vários autores israelenses, como Oz, Yehoshua, Kaniuk, Aharon Appelfeld, David Shahar, David Grossman e Meir Shalev, conquistaram fama internacional. A crença de que a literatura capacita os leitores a uma melhor compreensão de si mesmos, individualmente ou como parte do meio ambiente, caracteriza a prosa deste período, escrita por três gerações de escritores. Muitos desses escritores também abordam os dilemas políticos e morais da vida contemporânea em Israel, especialmente Oz, Grossman e Shalev.

As constantes e renovadas tentativas de abordagem da tragédia do Holocausto europeu resultaram na elaboração de novos modos de expressão, para tratar de questões fundamentais que só podem ser discutidas dentro da perspectiva do tempo e do espaço, integrando distanciamento e envolvimento (Appelfeld, Grossman, Yehoshua Kenaz, Alexander e Yonat Sened, Nava Semel e outros). “Ver: Amor”, de Grossman, uma história contada parcialmente por um jovem rapaz, Momik, que vê as consequências do Holocausto dentro de sua família de imigrantes, é talvez o exemplo mais conhecido.

Foram abordados alguns temas até então inéditos, como o ambiente da aldeia árabe (Anton Shammas, escritor árabe-cristão, e Sayed Kashua, jornalista e escritor árabe-israelense), o mundo dos judeus ultraortodoxos que se mantêm deliberadamente segregados da sociedade moderna (Yossi Birstein), o modo de vida nas comunidades hassídicas de Jerusalém (Haim Be'er) e as tentativas de lidar com a existência do indivíduo sem fé em uma época em que as ideologias seculares entraram em colapso e o fundamentalismo religioso ganha cada vez mais força (Yitzhak Orpaz-Auerbach). Outro tema importante, abordado sobretudo por escritores de origem sefardita (como Sami Michael, Albert Suissa e Dan Banaya-Seri) é o lugar ocupado por imigrantes provenientes de países árabes, que se sentem alienados na sociedade israelense. Outros autores exploram temas universais, como a democracia e a justiça em uma sociedade que enfrenta constantemente desafios em quase todas as áreas da vida nacional (Yitzhak Ben-Ner, Kaniuk, Grossman, Oz).

Uma série de escritoras importantes tem surgido, tratando não apenas de temas gerais, mas também de mulheres conscientes de seu lugar na tradição judaica e de seu papel na iniciativa sionista (Amalia Kahana-Carmon, Chana Bat-Shahar, Shulamit Hareven, Shulamit Lapid, Ruth Almog, Savion Liebrecht e Batya Gur). Lapid e Gur também escreveram livros de ficção policial aclamados pela crítica, tanto em Israel como no exterior.

Recentemente, surgiu uma nova geração de escritores, que rejeita grande parte da centralidade da experiência israelense e reflete uma tendência mais universalista – muitas vezes de natureza alienada, profundamente surreal e idiossincrática. Alguns desses escritores (Yehudit Katzir, Etgar Keret, Orly Castel-Blum, Gadi Taub, Irit Linor e Mira Magen) são muito populares, e seus novos livros têm lugar garantido no topo das listas dos mais vendidos, tanto em Israel quanto no exterior, em alguns casos. Nos últimos anos, Keret tem sido um dos grandes favoritos entre leitores europeus, recebendo vários prêmios literários com coleções de seus contos, incluindo “Missing Kissinger”.

Além do volume prolífico da literatura hebraica, uma quantidade significativa de prosa e poesia é produzida em outros idiomas, incluindo árabe, inglês e francês. Desde a imigração de mais de um milhão de judeus da antiga União Soviética, Israel tornou-se o maior centro de criação literária em russo, depois da Rússia.

Nos últimos anos, editoras israelenses entraram no campo da publicação eletrônica de forma maciça. Abordando diversos temas, os programas de israelenses são comercializados em todo o mundo.

Literatura infantil

A literatura infantil, que inclui obras originais e traduções de clássicos estrangeiros, apresenta uma grande variedade de temas e estilos, refletindo a tendência mundial de uma abordagem mais direta e sofisticada, tanto da linguagem quanto do conteúdo intelectual dos textos escritos para crianças.

Com o passar dos anos, formou-se um grande acervo de literatura infantil para os vários grupos etários. Essa literatura se distingue pelo design gráfico elaborado, por sua sensibilidade psicológica e pelo uso expressivo e pitoresco da linguagem, permitindo ao jovem leitor identificar-se dinamicamente com os temas da leitura.

A liberdade de pensamento e a procura da verdade tornaram-se elementos básicos da literatura infantil contemporânea. Embora temas de significado social e nacional ainda sejam importantes, atualmente eles são expostos com maior sinceridade e abertura. Alguns dos livros atuais procuram abolir os estereótipos existentes na diversificada sociedade israelense, abordando problemas ligados à imigração de judeus de várias partes do mundo, enquanto outros descrevem fatos históricos e biografias de figuras proeminentes que contribuíram para o desenvolvimento do país no último século, desde o renascimento da vida judaica na Terra de Israel.

A partir do final da década de 60, a literatura infantil passou a tratar do mundo na perspectiva das crianças, abordando temas como morte, divórcio, famílias de pais solteiros, deficiências, adolescência e a luta para conquistar um lugar na família e na sociedade. Ao mesmo tempo, foram escritos muitos livros de histórias repletos de imaginação, oferecendo aos jovens leitores cenários de fantasia, distração e ilusão.

Também é notável o número de autores israelenses premiados que escreveram para crianças, além de adultos. Entre eles estão David Grossman ("*The Zig Zag Kid*", "*Itamar Walks on Walls*") e Etgar Keret ("*Dad Runs Away With The Circus*"). Muitas dessas obras ultrapassam a fronteira literatura infantil e adulta. Os livros infantis de Israel têm sido traduzidos para vários idiomas e publicados em todo o mundo.

Poesia

A poesia hebraica é escrita sem interrupção desde os tempos bíblicos, incorporando influências externas e tradições internas. A poesia do passado, que inclui temas religiosos e nacionais, aborda também motivos da experiência pessoal, predominantes na poesia contemporânea. A ruptura com a expressão poética tradicional ocorreu durante o período do

iluminismo judaico na Europa (1781 a 1881), quando os judeus passaram a reivindicar a plena cidadania e a secularização da vida judaica, e no final do século XIX, quando o sionismo, movimento pela restauração da vida nacional judaica na Terra de Israel, começou a ganhar importância. Os principais poetas desse período foram Haim Nachman Bialik (1873-1934) e Saul Tchernichovsky (1875-1943). Ambos imigraram para a Palestina no início do século XX.

A obra de Bialik, que reflete seu comprometimento com a ideia do renascimento nacional e rejeita a viabilidade da vida judaica na Europa Oriental, inclui longos poemas épicos sobre acontecimentos da história judaica, além da poesia lírica cujos temas são o amor e a natureza. Bialik, conhecido como o "poeta nacional" ou "poeta do renascimento hebraico", forjou uma nova linguagem poética, libertando-se da influência bíblica de seus predecessores, mas mantendo a estrutura clássica e a clareza de expressão em seus versos ricos, eruditos e contemporâneos. Seus poemas, frequentemente escritos para crianças, são estudados por gerações de alunos israelenses.

A poesia de Tchernichovsky abrange poemas líricos, épicos, baladas e alegorias. Ele buscava corrigir o mundo judaico, criando um espírito de orgulho e dignidade pessoais e uma conscientização mais profunda da natureza e da beleza. Sua linguagem demonstra afinidade com o hebraico rabínico e é diferente do vocabulário de Bialik, que integra a influência bíblica com a linguagem coloquial da época. Bialik e Tchernichovsky representam a transição do antigo para o moderno na poesia hebraica.

Avraham Shlonsky, Natan Alterman, Lea Goldberg e Uri Zvi Greenberg são os principais representantes da segunda geração de poetas, surgida nos anos anteriores ao estabelecimento do Estado e imediatamente depois.

Shlonsky utilizava séries de imagens e invenções linguísticas, tanto em suas obras poéticas como em suas traduções de clássicos da poesia, principalmente russa. Os trabalhos de Alterman, muitos dos quais se destacam por seu caráter político, acompanham todos os estágios do desenvolvimento da comunidade judaica e se caracterizam pela riqueza de linguagem e variedade de formas, tonalidade e ritmo das imagens e metáforas. Goldberg ampliou o espectro do lirismo em poemas que falam da cidade, da natureza e do ser humano em busca de amor, contato e atenção. Greenberg, em sua poesia cheia de desespero e ira, usava imagens violentas e um estilo poderoso, abordando sobretudo temas nacionalistas e o impacto do Holocausto. Esse grupo de poetas foi o primeiro a introduzir o ritmo do hebraico coloquial na poesia. Eles fizeram renascer velhas expressões e cunharam outras novas, dando ao idioma milenário uma nova flexibilidade e riqueza.

A poesia desse período, fortemente influenciada pelo futurismo e simbolismo russos, assim como pelo expressionismo alemão, tendia para uma estrutura e melodia clássicas, com rimas ordenadas. Refletia imagens e paisagens do país onde o poeta nascera e visões mais recentes da nova pátria, em tom heróico: Memórias de "lá" e o desejo de aprofundar raízes "aqui", que exprimiam, conforme escreveu Lea Goldberg, "a dor de duas pátrias". Muitos desses poemas deram origem a canções e tornaram-se parte integrante do novo folclore nacional.

A primeira poetisa importante em hebraico foi Rachel Bluwstein (1890-1931), conhecida simplesmente como "Rachel". Sua obra estabeleceu as bases normativas da poesia hebraica

feminina, assim como as expectativas do público em relação a ela. Seu estilo lírico, breve, emotivo e intelectualmente humilde marcou época, como se constata na maior parte dos trabalhos de suas contemporâneas e de poetisas posteriores, como Dalia Ravikovitch e Maya Bejerano.

Em meados dos anos 50, surgiu um novo grupo de jovens poetas, cuja língua materna já era o hebraico. Entre eles, destacam-se Yehuda Amichai, Natan Zach, Dan Pagis, T. Carmi e David Avidan. Suas obras tendem a uma certa moderação, retraindo-se de modo geral das experiências coletivas, observando livremente a realidade e usando um estilo coloquial. Além disso, estes autores substituíram as influências poéticas de Pushkin e Schiller por autores ingleses e norte-americanos modernos. Os trabalhos de Amichai, muitos dos quais traduzidos para outras línguas, caracterizam-se pelo uso de linguagem cotidiana, ironia e metáforas metafísicas. Essas são as características de boa parte da poesia escrita por seus contemporâneos mais jovens, que proclamaram o fim da poesia ideológica, rompendo completamente com a tradição de Alterman e Shlonsky, de estruturas clássicas e métrica ordenada. A obra de Zach extrai novas qualidades musicais, quase litúrgicas, do hebraico falado no dia-a-dia.

O campo da poesia hebraica contemporânea é uma polifonia que reúne várias gerações, agrupando poetas jovens e outros mais maduros. Entre os representantes desse último grupo encontram-se Meir Wieselthier, cujo estilo prosaico e direto utiliza gírias, repudia o romantismo e eleva a imagem de Tel Aviv a um símbolo da realidade; Yair Horowitz, cujos versos calmos expressam a suave tristeza do homem consciente da própria mortalidade; e Yona Wallach, que se apresenta em termos sarcásticos e coloquiais, usando temas clássicos e religiosos, simbolismo freudiano, uma sensualidade por vezes brutal, repetições rítmicas e longas cadeias de associações. Asher Reich, Arie Sivan, Ronny Somak e Moshe Dor são outros nomes importantes da poesia contemporânea.

A poesia da geração mais jovem é dominada pelo individualismo e perplexidade, preferindo poemas curtos num estilo coloquial, em ritmo livre e sem rimas. Exemplos desse tipo de trabalho podem ser encontrados nos poemas do poeta Agi Mishol, nascido na Transilvânia. A poesia israelense tem um grande público de leitores fiéis, e certas edições de poemas, de todos os períodos, atingem tiragens semelhantes às de países ocidentais muito mais populosos.

Quando os olhos se abrem

A neve nas montanhas

Acima dos Lugares Altos

e acima de Jerusalém.

Desce, ó Jerusalém

e devolva meu filho.

Venha, ó Belém

e devolva meu filho.

Venham, altas montanhas

venham, ventos

venham, inundações nos portos

*e devolva meu filho.
E até mesmo vocês, ó junco partido,
Frágil caule na corrente,
Arbustos espinhosos do deserto,
devolvam meu filho
como a alma retorna ao corpo
quando os olhos se abrem.*

Dalia Ravikovitch

Tradução: Chana Bloch e Chana Kronfeld

ARTES VISUAIS

Imagem cedida pela academia de arte e design Bezalel, Jerusalém

Desde o início do século XX, as artes israelenses demonstram uma orientação criativa, influenciada pelo encontro entre oriente e ocidente, assim como pela própria terra e seu desenvolvimento, pelo caráter de suas cidades e pelas tendências estilísticas dos centros artísticos estrangeiros. A paisagem diversificada do país é a principal protagonista nos trabalhos de pintura, escultura, fotografia. Os as colinas e montanhas oferecem uma dinâmica especial de linhas e formas; os vales do Neguev, a vegetação cinza esverdeada, e a forte luminosidade dão origem a efeitos coloridos especiais; a areia e o mar criam novas superfícies. De modo geral, a paisagem local, os problemas e a política do país constituem o núcleo da arte israelense e garantem sua singularidade.

A atividade artística organizada do país iniciou-se em 1906, quando o Professor Boris Schatz (1867-1932) imigrou da Bulgária e fundou a academia de artes e artesanato Bezalel, em Jerusalém, de acordo com um projeto aprovado pelo Congresso Sionista de 1905, para estimular jovens judeus talentosos a estudar arte na Terra de Israel. Em 1910, a escola contava com 32 departamentos diferentes, 500 estudantes e um mercado ávido por suas obras em todo o mundo judaico.

Além de pintores e escultores, a vida artística do país conta com um contingente de artesãos talentosos (ceramistas, ourives, calígrafos, tecelões, vidreiros etc.), muitos especializados em versões modernas de objetos cerimoniais judaicos tradicionais.

A arte é apreciada por pessoas de todas as camadas sociais: Os israelenses apoiam e estimulam as atividades artísticas, comparecendo a exposições – desde retrospectivas individuais até exposições coletivas, tanto em museus quanto em galerias particulares – visitando os bairros de artistas em Safed e Yafo ou a aldeia de artistas de Ein Hod e adquirindo os obras de artistas locais.

Pintura

No início, a orientação artística de Bezalel, que pretendia criar uma "arte original judaica" fundindo técnicas europeias com a influência do Oriente Médio, resultou em pinturas de cenas bíblicas que retratavam concepções romantizadas do passado, junto com uma visão utópica do futuro. As imagens eram inspiradas nas antigas comunidades judaicas orientais, bem como nos beduínos locais. Entre os artistas deste período podemos citar Shmuel Hirszenberg (1865-1908), Ephraim Lilien (1874-1925) e Abel Pann (1883-1963).

A primeira grande mostra, em 1921, na Cidadela de David, na cidade velha de Jerusalém, foi dominada pelos pintores de Bezalel. Pouco mais tarde, o estilo narrativo anacrônico e nacionalista de Bezalel foi desafiado tanto por jovens rebeldes dentro da própria instituição quanto por artistas recém-chegados, que passaram a procurar uma linguagem artística para o que eles denominavam arte "hebraica", em oposição à arte "judaica". Tentando definir sua nova identidade cultural e expressar sua visão do país como fonte de renovação nacional, eles

retratavam a realidade cotidiana do ambiente do Oriente Próximo, dando ênfase à luminosidade e às cores brilhantes da paisagem e salientando temas exóticos, como o estilo de vida simples dos árabes, sobretudo por meio de técnicas primitivas, como se pode observar nos trabalhos de Israel Paldi, Tziona Tagger, Pinchas Litvinovsky, Nachum Gutman e Reuven Rubin. Em meados da década, a maioria dos artistas de vanguarda tinha-se estabelecido em Tel Aviv, cidade nova e dinâmica (fundada em 1909), que desde então se tornou o centro da vida artística do país.

A arte da década de 30 foi fortemente influenciada pelas novidades ocidentais do início do século XX, das quais a mais importante foi o expressionismo dos ateliês de Paris. As obras de pintores como Moshe Castel, Menachem Shemi e Arie Aroch retratavam, através de imagens distorcidas, uma realidade carregada de emoção e misticismo. Embora os temas ainda fossem as imagens e paisagens locais, os componentes narrativos de dez anos antes desaparecem gradualmente e o mundo oriental-muçulmano evaporou-se inteiramente. O expressionismo alemão surgiu em meados da década, com a chegada de artistas imigrantes fugitivos do terror nazista. Hermann Struck, Mordecai Ardon e Jakob Steinhardt se uniram a seus conterrâneos Anna Ticho e Leopold Krakauer, que haviam chegado a Jerusalém aproximadamente vinte anos antes. Esse grupo se dedicava a interpretações subjetivas das paisagens de Jerusalém e das colinas que a cercam. Tiveram uma contribuição significativa para o desenvolvimento da arte local, principalmente quando a liderança da academia Bezalel foi entregue a Ardon e Steinhardt, sob cuja orientação toda uma geração de artistas atingiu a maturidade.

O rompimento com Paris, durante a 2ª Guerra Mundial, e o trauma do Holocausto levaram vários artistas, incluindo Moshe Castel, Yitzhak Danziger e Aharon Kahana, a adotar a nova ideologia "canaanita", que buscava a identificação com os habitantes originais da terra e a criação de um "novo povo hebreu", revivendo antigos mitos e ritos pagãos. Em 1948, a Guerra da Independência levou outros artistas, como Naftali Bezem e Avraham Ofek a adotar um estilo militante, dotado de clara mensagem social. Mas o grupo mais importante que se formou nesse período é o chamado "Novos Horizontes", que pretendia libertar a pintura israelense de seu caráter local e das influências literárias e trazê-la à esfera da arte europeia contemporânea. Desenvolveram-se duas tendências principais: Yossef Zaritsky, a figura dominante do grupo, procurava uma atmosfera lírica, caracterizada pela presença de fragmentos identificáveis da paisagem local e tonalidades e cores frias. Seu estilo foi adotado por outros, principalmente Avigdor Stematsky e Yehezkel Streichman. A segunda tendência, de um abstracionismo estilizado que vai do geometrismo a um formalismo frequentemente baseado em símbolos, é marcante nos trabalhos de Marcel Janco, romeno de nascimento que estudou em Paris e foi um dos fundadores do dadaísmo. O grupo Novos Horizontes, além de ter legitimizado a arte abstrata em Israel, foi também uma força dominante no panorama artístico até o início dos anos 60.

Os artistas da década de 60 foram o elo entre as atividades do grupo Novos Horizontes e a busca da individualidade da década seguinte. Streichman e Stematsky, professores no Instituto Avni de Tel Aviv, influenciaram fortemente uma segunda geração de artistas, incluindo Raffi Lavi, Aviva Uri, Uri Lifschitz e Lea Nikel, que, em sua busca por uma imagem pessoal, contestavam o uso refinado do abstracionismo lírico, preferindo obras pluralistas, englobando vários estilos expressivos e abstrato-figurativos inspirados em fontes estrangeiras.

Esses artistas formavam o "Grupo dos Dez", criado no final dos anos 50, que contestava a tendência universalista prevalente na arte e lutava para produzir arte baseada na paisagem de Israel e no indivíduo israelense. Ao contrário da aura de elite europeia relacionada ao grupo Novos Horizontes, o Grupo dos Dez identificava-se com o "Sabra" israelense e com a geração do Palmah. No final dos anos sessenta, os "realistas" Ori Reisman e Yitzhak Mambush juntaram-se ao grupo.

Na academia Bezalel, a influência de Ardon, especialmente com relação à temática e às técnicas, é bastante nítida nos trabalhos de Avigdor Arikha, que desenvolve um mundo de formas repletas de intenso significado espiritual, e nas pinturas surrealistas de Yossel Bergner e Samuel Bak, que retornam a temas figurativos que evocam o Holocausto e temas tradicionais judaicos. Jacob Agam, cujo estilo é radicalmente diferente, foi pioneiro em arte ótica e cinética, e sua obra é exposta em vários países.

Enquanto o minimalismo que caracterizou as artes nos anos 70 inclui quase sempre formas transparentes e amorfas, remissivas da pintura abstrata local, era a exposição de ideias, e não a estética, que dominava os trabalhos de artistas como Larry Abramson e Moshe Guershuni. Os artistas dos anos 80 e 90, trabalhando em uma atmosfera de experimentação individual, buscavam o conteúdo e o sentido espiritual de Israel, através da integração de diversos materiais e técnicas, assim como imagens baseadas em elementos locais e universais, desde as letras do alfabeto hebraico até as emoções humanas de tensão e medo. As tendências atuais, conforme se constata nos trabalhos de Pinchas Cohen-Gan, Deganit Beresht, Gabi Klasmer, Tsibi Gueva, Tzvi Goldstein, David Reeb e outros, dão sequência ao esforço de ampliar a definição da arte israelense além dos conceitos e materiais tradicionais, tanto como expressão da cultura local quanto como componente dinâmico da arte contemporânea ocidental.

Escultura

A arte da escultura floresceu no país graças aos esforços persistentes de alguns escultores. Embora Avraham Melnikoff, conhecido por seu massivo leão de pedra em Tel Hai, e Ze'ev Ben-Zvi tenham introduzido o cubismo, era a escola mais acadêmica, representada por Moshe Ziffer, Aharon Priver e Batia Lishansky, que predominava na época anterior ao estabelecimento do estado.

No final dos anos 40, a ideologia "canaanita" influenciou vários artistas, principalmente Yitzhak Danziger, cuja figura do herói-caçador pagão Nimrod, esculpida em arenito vermelho da Núbia, foi uma tentativa de criar uma síntese entre a escultura do Oriente Médio e o conceito moderno do corpo humano, enquanto suas esculturas de carneiros lembram as formas das rochas do deserto, de canais de água e tendas beduínas. A escultura dos anos 50 empregava novos materiais em uma escala monumental, tornando-se cada vez mais abstrata, estimulada em parte pela recente introdução do ferro e do aço inoxidável como meio de expressão.

O desejo de perpetuar a memória dos mortos nas guerras de Israel deu novo ímpeto para a escultura a partir da década de 60, e muitos monumentos, principalmente não figurativos, foram introduzidos à paisagem israelense. Esse gênero é representado pelo monumento de aço de Yechiel Shemi, em Achziv, em homenagem à Marinha, que revela a aspereza da

natureza e a capacidade de violência e destruição do homem, e pelo "Monumento à Brigada do Neguev" de Dani Karavan, nas proximidades de Be'er Sheva, que evoca o caráter específico dos combates no deserto.

Sob a influência da escola francesa em geral e do expressionismo em particular, os artistas conceituais contemporâneos vêm criando instalações e esculturas ambientais, usando os mais variados materiais, exprimindo suas reações individuais às realidades políticas e sociais. Os trabalhos de Yigal Tumarkin, que incorporam uma combinação de formas e símbolos, expressam seu protesto contra a guerra através de formas geométricas e figuras abstratas. A tendência a um minimalismo geométrico é especialmente pronunciada no uso persistente que Menashe Kadishman faz de figuras de carneiros, que evocam uma imagem do sacrifício bíblico de Isaac e, em um mito pessoal, a vítima indefesa.

Vários escultores israelenses receberam consagração internacional, incluindo Tumarkin, Karavan, Kosso Elul e Israel Hadany, cujos trabalhos podem ser admirados em locais públicos e particulares no exterior.

Fotografia

A fotografia artística israelense atual aborda tanto o pessoal – abordando questões da vida e da morte, da arte e da ilusão – quanto o nacional/político. É caracterizada pela intimidade, contenção e preocupação com o ego e é, ao mesmo tempo, uma reação e uma decorrência do estilo romântico e informativo que predominava no início de seu desenvolvimento. Em meados do século XIX, a fotografia local consistia basicamente em serviços fotográficos, retratando os lugares sagrados (sobretudo cristãos) para vendê-los como lembranças a peregrinos e turistas.

A partir de 1880, os fotógrafos começaram a documentar a evolução da comunidade judaica na Palestina (Terra de Israel), retratando os pioneiros lavrando o solo, construindo cidades e povoados, através de lentes heroicas e orientados por uma ideologia moderna e secular. Também atendiam às exigências dos clientes, que usavam as fotografias para apoiar projetos definidos, como os do Fundo Nacional Judaico.

O desenvolvimento do país em seus primeiros anos foi fielmente documentado por vários fotojornalistas talentosos, alguns dos quais trabalham até hoje, como Tim Gidal, David Rubinger, Werner Braun, Boris Carmi, Zev Radovan, David Harris e Micha Bar Am. Entre os que atravessaram as fronteiras invisíveis entre a "fotografia informativa" e a "arte fotográfica" encontram-se Aliza Auerbach, que se dedica a retratos de pessoas; Neil Folberg, Doron Horwitz e Shai Ginott, voltados à natureza; David Darom, especialista em fotografia submarina; e Dubi Tal e Mony Haramati, especializados em fotografia aérea.

Surgiram vários locais importantes de exposição dos trabalhos fotográficos, como a bienal de fotografia no Mishkan LeOmanut, no *kibutz* Ein Harod e o novo Museu da Fotografia em Tel Hai, no norte da Galileia.

Nos últimos anos, conforme a fotografia como expressão artística tornou-se uma forma legítima de arte, um grande número de fotógrafos criativos surgiu, com o apoio ativo de galerias, museus, curadores e colecionadores nacionais e estrangeiros. O mais notável desses

fotógrafos criativos é Adi Nes, nascido em 1966, em Kiryat Gat. Descendente de uma família de imigrantes do Curdistão e do Irã, Nes surgiu na década de 90, com a série “Soldados”. Essa série explorou questões da identidade nacional, particularmente a identidade masculina israelense em um contexto homoerótico, ambivalente e altamente perspicaz. Sua obra “Histórias Bíblicas”, que utiliza figuras bíblicas e recria momentos de sua narrativa em um ambiente contemporâneo perturbador (miséria, sem-teto), aborda a mudança na sociedade israelense, dos valores socialistas a uma forma moderna de vida capitalista. A recente venda de sua obra “A Última Ceia” por US\$ 264.000 na venda anual de arte judaica e israelense da Sotheby é considerada um marco na apreciação global da arte israelense.

A fotografia de Barry Frydlender é composta por dezenas e até centenas de fotografias perfeitamente combinadas para criar imagens unificadas com precisão, clareza e perspectiva impressionantes. Sua mostra de 2007, “Local e tempo”, apresentou fotografias recentes explorando as circunstâncias contemporâneas de Israel: uma reunião de homens em um café na parte oriental de Jerusalém, judeus Haredi devotos em uma peregrinação anual, e a evacuação forçada dos colonos israelenses da Faixa de Gaza. A exposição original foi realizada no Museu de Arte de Tel Aviv, mudando-se em seguida para o Museu de Arte Moderna de Nova York, sendo a primeira exposição individual de um artista israelense nesse museu.

Imagem cedida pela academia de arte e design Bezalel, Jerusalém

MUSEUS

Imagem cedida pelo Museu de Israel, Jerusalém

Cerca de 120 museus em todo o país registram milhões de visitas por ano. Grandes ou pequenos, nas cidades, povoados ou kibutzim, eles são os depositários de tesouros da arqueologia, etnografia e história local, da arte antiga e moderna, e do artesanato primitivo ou sofisticado.

O **Museu Israel, em Jerusalém**, fundado em 1965, é o museu nacional. Suas principais seções são: a coleção do Museu Bezalel de Belas Artes, Arte Judaica e Etnografia exhibe objetos típicos de várias comunidades judaicas da Diáspora, galerias de arte, salas de época e uma vasta seleção de objetos de arte da África, das Américas do Norte e do Sul, da Oceania e do Extremo Oriente; uma ala de arqueologia, com artefatos que datam desde a pré-história até o século XV; o jardim das esculturas, com mais de 60 obras; o Santuário do Livro, que abriga manuscritos bíblicos raros, inclusive os famosos Manuscritos do Mar Morto; a ala para a juventude, com galerias, salas de aulas teóricas e práticas e um amplo programa educacional; o Museu Rockefeller, na parte oriental de Jerusalém, com sua coleção de arqueologia regional; o Centro de Arte Paley, também na zona oriental de Jerusalém, com programas específicos para crianças árabes; e a Casa de Ticho, uma galeria de arte e cafeteria situada em uma mansão centenária no centro de Jerusalém. Várias exposições temporárias também são apresentadas regularmente, bem como outras atividades, como palestras, oficinas, filmes, concertos e aulas de arte.

Em homenagem a seu 45º aniversário, o Museu de Israel completou recentemente uma grande renovação, que dobrou o espaço da galeria do museu. O novo design das galerias leva o visitante a uma viagem através do tempo, começando com a arqueologia e a pré-história, há um bilhão e meio de anos, e indo até a arte contemporânea.

O **Museu de Arte de Tel Aviv**, fundado em 1932, transferiu-se para suas atuais instalações em 1971. Consiste de quatro galerias centrais que abrigam uma ampla coleção de arte clássica e contemporânea, sobretudo israelense; uma ala juvenil; um auditório onde recitais, concertos de câmara e filmes são apresentados regularmente; e vários salões onde são apresentadas exposições temporárias. O Pavilhão Helena Rubinstein de Arte Moderna também está sob sua administração.

O **Mishkan LeOmanut** (a "Morada da Arte"), fundado em 1934 no Kibutz Ein Harod, foi o primeiro museu rural do país e o primeiro museu de arte do movimento do *kibutz*. Nele se encontra uma extensa coleção de pintura, escultura e arte popular judaica de todo o mundo; o museu apresenta também exposições temporárias e realiza diversos projetos educacionais e de pesquisa artística.

O **Museu de Haifa**, fundado em 1949, engloba o Museu de Arte Antiga, especializado em tesouros arqueológicos encontrados em Israel e na bacia do Mediterrâneo, e o Museu de Arte Moderna, fundado em 1951, com mostras de arte de todo o mundo (de meados do século XVIII até o presente). Também estão sob sua administração o Museu da Pré-História, o Museu

Nacional Marítimo e o Museu Tikotin de Arte Japonesa, uma área pequena, mas elegante, que apresenta acervos temporários e permanentes.

O **Museu Eretz Israel**, fundado em 1953, em Ramat Aviv, é um vasto repositório de tesouros arqueológicos, antropológicos e históricos da região e compreende pavilhões de objetos de vidro, cobre e cerâmica e moedas, entre outros, além de um planetário. A seção “O Homem e seu Trabalho” apresenta demonstrações ao vivo dos antigos métodos de tecelagem, joalheria, olaria, moagem e panificação. A escavação de Tel Quasile, onde doze camadas distintas de civilização foram descobertas, encontra-se no local. Também estão sob sua administração o Museu da História de Tel Aviv-Yafo e o Salão da Independência, onde o Estado de Israel foi proclamado em 1948, ambos localizados no centro de Tel Aviv.

O **Instituto L.A. Mayer de Arte Islâmica**, fundado em 1947 em Jerusalém, abriga exposições permanentes de olaria, tecelagem, joalheria, objetos cerimoniais e afins, exibindo um milênio de arte islâmica, da Espanha até a Índia. Também apresenta exposições temporárias sobre temas especiais.

O **Beit Hatefutzot** (o Museu da Diáspora), fundado em 1978 e localizado no campus da Universidade de Tel Aviv, usa técnicas modernas e dispositivos audiovisuais para traçar a história das comunidades judaicas da Diáspora através dos séculos, em todo o mundo. As exposições são organizadas em torno de temas, e cada andar tem sua área de estudo. O museu oferece ainda exposições temporárias sobre assuntos judaicos, uma apresentação audiovisual da história judaica e uma ampla variedade de programas educacionais e culturais, além de exposições itinerantes. O site www.bh.org.il oferece aconselhamento e orientação em todos os assuntos relacionados à vida e patrimônio dos judeus.

O **Museu da Torre de David da História de Jerusalém**, fundado em 1988, localiza-se no complexo arquitetônico da Cidadela, importante sítio histórico e arqueológico. Contém achados do período do Primeiro Templo (960-586 AEC), os restos de uma torre e da muralha da cidade do período dos Asmoneus (século I AEC) e as fundações de uma enorme torre construída pelo rei Herodes (37-4 AEC). O museu cobre 4.000 anos de história de Jerusalém, desde seus primórdios como cidade canaanita até os tempos modernos. As exposições são divididas de acordo com os períodos, com uma “linha do tempo” em cada sala, onde estão assinalados os principais acontecimentos. Há também mapas, vídeos, hologramas, desenhos e maquetes. Exposições temporárias, não necessariamente sobre temas relacionados, aproveitam o cenário para exibir esculturas, instalações de arte e outras obras.

O **Museu Yad Vashem**, em Jerusalém, é dedicado à perpetuação da memória dos seis milhões de judeus que morreram no Holocausto. Renovado e ampliado em 2005, inclui o Novo Museu da História do Holocausto (parte do Salão dos Nomes das vítimas do Holocausto), o Museu da Arte do Holocausto, um pavilhão para exposições, a Avenida dos Gentios Justos, um arquivo, o Salão de Recordação onde estão gravados no chão os nomes dos campos de extermínio, o Pavilhão em Memória às Crianças e o Vale das Comunidades Destruidas. Projetado por Moshe Safdie, o museu tem como objetivo transportar o visitante a uma experiência sensorial, emocional e intelectual completa.

ARQUEOLOGIA

A investigação arqueológica na Terra de Israel começou em meados do século XIX, quando estudiosos bíblicos pesquisaram a área em busca de resquícios de lugares mencionados na Bíblia. No final do século XIX e desde o início do século XX, muitos montes (*tel*, em hebraico), formados pelos restos de antigos assentamentos, foram escavados, e as bases para a investigação arqueológica científica foram estabelecidas.

As atividades arqueológicas cresceram durante o período do Mandato Britânico (1917-1948) e continuam em expansão acelerada desde o estabelecimento do Estado de Israel.

A experiência adquirida durante as escavações moldou os métodos de pesquisa estratigráfica, acompanhados de um estudo meticuloso do desenvolvimento (tipologia) das formas de vasos de cerâmica e outros artefatos, que permite a datação de estratos e restos arqueológicos. Nos últimos anos, a pesquisa arqueológica foi ampliada, incluindo aspectos menos conhecidos das antigas culturas, como nutrição, doenças, economia e comércio. Essas conquistas das pesquisas arqueológicas modernas são aplicadas em dezenas de sítios escavados a cada ano.

A arqueologia em Israel envolve a investigação sistemática de todos os resquícios do passado do país – da pré-história até o fim do domínio otomano. A grande quantidade de restos materiais é prova das muitas culturas que deixaram sua marca sobre a Terra. As características geográficas especiais influenciaram as culturas mais antigas: Há dezenas de milhares de anos, a Terra serviu como uma ponte de terra para bandos de caçadores que migraram da África para a Europa. Seus acampamentos e alojamentos foram encontrados ao longo do vale do Jordão e nas cavernas da região do Carmelo e da Galileia.

Nos tempos bíblicos, a Terra era a ponte entre duas prósperas culturas do Crescente Fértil: Mesopotâmia (o atual Iraque) e Egito. Desde a sua ocupação por Alexandre, o Grande, a Terra de Israel serviu como uma ligação geográfica e cultural entre oriente e ocidente.

A pesquisa arqueológica em Israel atribui muita importância ao fato de que o país é a base da herança espiritual das grandes religiões monoteístas. Acima de tudo, revela claramente o vínculo histórico entre o povo judeu, a Bíblia e a Terra de Israel, descobrindo registros do patrimônio cultural do povo judeu em sua terra natal. Esses restos visíveis, enterrados no solo, são a ligação física entre o passado, o presente e o futuro do povo judeu no seu país.

Essa corrente histórica interligada pode ser observada em todo o país: nas cidades bíblicas de Hatzor, Megiddo, Gezer, Shomron, Be'er Sheva e Dan; nas cidades do período do Segundo Templo – Tiberíades, Séforis (Tzipori), Gamla – e nas fortalezas de Massada e Herodium, onde os judeus lutaram pela liberdade; no deserto da Judeia, perto do Mar Morto, onde os restos do centro espiritual dos essênios foram descobertos e os Manuscritos do Mar Morto, incluindo as cópias mais antigas dos livros da Bíblia, foram encontrados. Do mesmo período, foram descobertos sítios associados à vida de Jesus – Cafarnaum e Tabgha – onde também existem restos de igrejas do período bizantino.

Os sítios das grandes cidades romanas e bizantinas de Cesareia, Beit She'an, e Banias foram descobertos, bem como as cidades de Avdat, Halutza e Mamshit, no deserto do Negev, que prosperaram nessa época. No período muçulmano, há os restos da antiga cidade de Ramle e

do palácio de Khirbet al-Mafjar (Palácio Hisham), em Jericó. Restos do período dos cruzados incluem muitas fortalezas e cidades – Acre, Cesareia, Belvoir, e Qal'at Nimrod.

Jerusalém, a capital de Israel, tem sido o foco de uma intensa atividade arqueológica e registros de 5.000 anos de história foram revelados: na Cidade de David, as paredes da cidade cananeia e restos de estruturas da capital do Reino Unido de Israel, incluindo sofisticados sistemas de água subterrânea; no período do Segundo Templo, os restos de edifícios públicos ao longo das paredes de retenção do Monte do Templo, que existem até hoje, e os restos das magníficas residências da Cidade Alta no atual bairro judeu da Cidade Velha, cujas ruínas permanecem no local desde que os romanos destruíram Jerusalém, no ano 70 EC, e centenas de túmulos de pedra, alguns ricamente decorados, que testemunham a riqueza da cidade destruída; muitas igrejas e edifícios religiosos do período bizantino, dos quais a mais famosa é a Igreja do Santo Sepulcro; no período de domínio muçulmano, as mesquitas do Monte do Templo e um centro de governo, cujos restos foram descobertos ao sul do Monte do Templo; no período dos cruzados, muralhas, igrejas e mercados cobertos; nos períodos mameluco e otomano, minaretes que adornam o horizonte da Cidade Velha. Os muros da Cidade Velha e da cidadela ao lado do Portão de Jaffa foram construídos durante o reinado do sultão otomano Suleiman, o Magnífico (1520-1566).

Existem aproximadamente 20.000 sítios históricos reconhecidos em Israel, protegidos por lei. Todos os anos, são escavadas dezenas de sítios de cada período da história em todas as partes do país. Licenças para escavações são emitidas para expedições – de Israel e no exterior – pelo Patrimônio Histórico de Israel, responsável pela preservação do patrimônio do país. A legislação sobre o Patrimônio Histórico exige que cada local seja examinado antes que sejam feitas construções para verificar se existem restos arqueológicos e a realização de escavações de recuperação, se necessário. O Estado também tem o direito de preservar objetos de interesse público encontrados; os mais importantes são expostos no Museu de Israel, em Jerusalém. O museu também abriga o Santuário do Livro, onde os Manuscritos do Mar Morto são preservados. Alguns deles são expostos ao público.

Muitos esforços e recursos são investidos na preservação e restauração de locais antigos, e dezenas deles, de todos os períodos da história, foram abertos ao público.

MÍDIA

O israelense considera muito importante manter-se informado sobre os acontecimentos em Israel, no Oriente Médio e em todo o mundo. Ouvir as notícias transmitidas de hora em hora pelo rádio, assistir aos noticiários da TV e ler pelo menos um jornal diariamente faz parte da rotina da maioria da população do país.

O comprometimento de Israel para com a liberdade de imprensa se aplica a todos os meios de comunicação, e somente assuntos de segurança militar são sujeitos à censura. Muitos jornais diários são publicados em hebraico, além de vários em russo e francês e dois em inglês – o tradicional *Jerusalem Post* (antigo *Palestine Post*) e uma edição em inglês do *Ha'aretz*, um dos principais jornais do país, em cooperação com o *International Herald Tribune* – bem como mais de 1.000 periódicos, incluindo revistas para grupos de interesses específicos. As publicações mais importantes têm edições na Internet.

Rádio e televisão

A *Kol Israel* (Voz de Israel) opera oito estações de rádio, que oferecem programas em 17 idiomas, variando do entretenimento e música popular a palestras acadêmicas, painéis de discussão e música clássica. Cada tipo de programa destina-se a um tipo de público, de crianças a pessoas idosas, de recém-chegados a israelenses veteranos. As estações *Galei Tzahal* e *Galgatz* (mantidas pelas Forças de Defesa de Israel) transmitem 24 horas por dia, apresentando noticiários, música e programas de interesse específico dos soldados. Transmissões em ondas curtas em vários idiomas, destinadas a ouvintes no exterior, constituem uma fonte constante e segura de informação sobre Israel, o Oriente Médio e assuntos de interesse judaico.

A televisão chegou a Israel em 1967. Atualmente, o canal estatal, que está no ar das 6:30min da manhã até 1h da madrugada, oferece programação educacional e informativa, bem como entretenimento, em hebraico, árabe e inglês. O canal comercial local, inaugurado em 1994, é dividido entre três produtoras particulares, com algumas horas diárias reservadas para programas educativos. A televisão a cabo, financiada pelo pagamento de assinaturas mensais, está disponível em quase todo o país, tornando possível receber vários canais americanos, europeus, asiáticos e do oriente médio. Canais israelenses independentes oferecem esportes, programas infantis, filmes e documentários sobre temas variados.

A *Kol Israel* e o canal estatal de televisão operam sob a administração da Autoridade de Radiodifusão de Israel (IBA), regulamentada por uma lei aprovada em 1965, que define a radiodifusão como um serviço independente do governo, encarregado de dar expressão a diferentes perspectivas. A IBA é dirigida por um comitê executivo, nomeado pelo governo para um período de três anos, e por um diretor-geral, nomeado por cinco anos. Os serviços de radiodifusão da IBA são financiados por propaganda comercial no rádio, anúncios de serviço público e por uma taxa anual paga pelos consumidores.

ESPORTES

Nos 60 anos desde o estabelecimento do Estado de Israel, os esportes têm desempenhado um papel cada vez mais importante no desenvolvimento do país, tanto nacional quanto internacionalmente. Apesar de sua pequena população, atletas de Israel, como a tenista Shahar Pe'er e o jogador de futebol Yossi Benayoun, destacam-se com regularidade. Equipes esportivas israelenses também têm tido sucesso no exterior, notadamente o clube de basquete Maccabi Tel Aviv, que se estabeleceu como uma das melhores equipes da Europa na última década. As seleções nacionais de Israel também têm melhorado, com o futebol e o basquete alcançando resultados impressionantes.

Fora da arena profissional, os esportes sempre foram um passatempo importante para centenas de milhares de israelenses. Com quilômetros de um belo litoral na fronteira ocidental do país, não é nenhuma surpresa que aproximadamente metade da população nade regularmente. Os muitos meses de calor incentivam os israelenses a praticar esportes ao ar livre e uma postura competitiva faz com que os jovens envolvam-se em dezenas de atividades esportivas diferentes desde cedo.

Basquete e futebol

O futebol é ligeiramente mais popular que o basquete em Israel. A liga profissional de futebol, com 12 equipes na primeira divisão, é acompanhada de perto pela mídia e atrai públicos de até 20.000 pessoas aos jogos. Depois de meia década no topo, a era incontestável do Maccabi Haifa parece estar diminuindo, com a ascensão do Beitar Jerusalem, que ganhou o campeonato pela primeira vez em nove anos em maio de 2007.

Os clubes israelenses continuam a superar as expectativas nas competições europeias. Nos últimos anos, o Maccabi Haifa teve o melhor desempenho, alcançando as quartas de final da Liga dos Campeões em 2003 e 2010.

Os jogadores israelenses de futebol estão tendo um impacto crescente no cenário mundial, com 20 jogadores israelenses atuando em grandes clubes europeus. No verão de 2007, o capitão da seleção, Yossi Benayoun, transferiu-se para o Liverpool FC e o zagueiro Tal Ben Haim para o Chelsea. Em janeiro de 2008, Tamir Cohen juntou-se ao Bolton Wanderers.

No basquete, os jogadores do Maccabi Tel Aviv são os reis de Israel, ganhando quase todos os campeonatos. No entanto, nos últimos anos surgiram novos desafiantes. Na Europa, o Maccabi teve várias vitórias na Final Four da Euroliga, chegando à final em 2006 e 2008 e vencendo a competição em 2004 e 2005.

Em 2009, Omri Casspi, ex-jogador do Maccabi, fez história como o primeiro israelense a jogar na NBA, ao ser selecionado pelo Sacramento Kings.

O Hapoel Jerusalem também teve sucesso no panorama europeu, competindo na Copa ULEB, que venceu em 2005. A seleção nacional de basquete também se estabeleceu como uma

potência do esporte. Em 2009, ela se classificou novamente para o campeonato bienal EuroBasket, evento do qual que tem participado desde 1993.

O basquete feminino é muito popular em Israel, com duas equipes – Elitzur Ramle e And Ramat Hasharon – lutando regularmente pelo título da liga. As equipes também competem nas competições europeias. Na verdade, a jogadora Shay Doron teve um dos maiores impactos de todos os atletas israelenses ao tornar-se a primeira israelense a jogar basquete profissional nos Estados Unidos, em 2007, jogando para o New York Liberty na WNBA.

Tênis

Nos últimos anos, os tenistas israelenses se tornaram uma presença constante nos maiores torneios do mundo. A jovem Shahar Pe'er atingiu o top 20 mundial em 2006 e tem um bom desempenho nos torneios da WTA ao redor do mundo, chegando à final de duplas no Aberto da Austrália em 2008.

A dupla Andy Ram e Yoni Erlich também estabeleceu-se como uma dos melhores do mundo, ganhando o Aberto da Austrália em 2008 e ficando vários anos no top 10 mundial. Ram também se destacou em competições de duplas mistas, vencendo dois Grand Slams, no Aberto da França em 2007, com a francesa Nathalie Dechy, e em Wimbledon em 2006, com a russa Vera Zvonareva.

A seleção nacional de Israel também teve um desempenho impressionante na Copa Davis, chegando à semifinal pela primeira vez em sua história em 2009.

Instituto Wingate

Um fator importante no sucesso e desenvolvimento dos esportes de Israel é o Instituto Wingate de Educação Física, o centro nacional de esportes com instalações próprias perto da cidade de Netanya, no centro de Israel. O instituto inclui uma escola de elite para jovens estudantes com talento esportivo, bem como o Departamento de Medicina Esportiva, líder mundial na área. O Conselho de Excelência Esportiva, que determina quais atletas talentosos receberão bolsas para treinar em tempo integral, também tem sua sede em Wingate. Vários esportistas israelenses de sucesso, homens e mulheres, começaram suas carreiras em Wingate, incluindo Pe'er, Ram e Erlich.

A Autoridade de Esportes, órgão do Ministério da Ciência, Cultura e Esportes, patrocina a formação de instrutores e treinadores em Wingate e supervisiona todas as atividades esportivas de Israel, coordenando as atividades das federações e organizações esportivas e auxiliando no desenvolvimento de programas.

Jovens e a prática de esportes

Naturalmente, os esportes não são praticados apenas por pessoas com talento excepcional. A cultura esportiva foi desenvolvida desde os primeiros anos do Estado, com incentivos aos jovens para se envolver no esporte a partir da infância, promovendo a saúde e a competitividade positiva. Toda semana, centenas de milhares de jovens israelenses competem e praticam esportes que vão desde futebol e basquete até remo, alpinismo e iatismo.

Diversas grandes organizações esportivas mantêm uma rede de clubes em todo o país, além de ser afiliadas às principais equipes esportivas. As mais conhecidas incluem Maccabi (fundada em 1912), Hapoel (1923), Beitar (1924), Elitzur (1939), e a Associação Esportiva Acadêmica – ASA (1953). Escolas e centros comunitários também coordenam ligas e competições locais, e as finais nacionais de basquete e futebol escolar são transmitidas em rede nacional pela televisão.

O esporte como hobby

Israel é uma nação esportiva. Em qualquer fim de semana, os visitantes verão grupos de pessoas jogando basquete em quadras nos parques em todo o país, correndo nas ruas e jogando futebol nos parques. As praias oferecem ótimas oportunidades para o esporte. Israel tem o maior número *per capita* de mergulhadores qualificados no mundo, 50.000, atraídos pela vida marinha única do Mar Vermelho. Windsurf e esqui aquático também são populares, assim como “*paddleball*”, um jogo local jogado na praia, em que uma bola é mantida no ar com dois tacos.

Fora das praias, corridas de longa distância também estão na lista de esportes populares, com milhares de participantes na maratona anual ao redor do lago Kineret, no norte, começando e terminando em Tiberíades, e em eventos de triatlo. O ciclismo também é muito popular e o campo de golfe em Cesareia está começando um programa de restauração. No inverno, o Monte Hermon, ao Norte, tornou-se um ponto de encontro para os esquiadores locais. Outros esportes populares incluem tênis de mesa, boxe, luta livre, halterofilismo, judô, caratê, e uma forma de defesa pessoal conhecida como Krav Maga, desenvolvida pela IDF. Esportes coletivos populares incluem vôlei e handebol, ambos com suas próprias ligas profissionais.

Olimpíadas e Macabíadas

Israel sempre se orgulhou de seu sucesso olímpico, mas até 2004 nunca tinha recebido uma medalha de ouro. Isso mudou quando o windsurista Gal Fridman ficou em primeiro lugar nos jogos de Atenas. Arik Zeevi também ganhou uma medalha em Atenas, conquistando um bronze no judô. No Jogos Olímpicos de Pequim, em 2008, Shahar Zubari ganhou um bronze no windsurf masculino.

Outros medalhistas anteriores incluem Yael Arad e Oren Smadja (prata e bronze no judô em Barcelona, 1992) e Michael Kalganov (bronze na canoagem em Sydney, 2000). Alex Averbukh nunca ganhou uma medalha olímpica no salto com vara, mas ganhou medalhas de bronze e prata no Campeonato Mundial de Atletismo de 1999 e 2001, e a medalha de ouro no Campeonato Europeu de Atletismo de 2002 e 2006.

A cada quatro anos, Israel organiza sua própria versão dos Jogos Olímpicos – os Jogos da Macabíada, que reúnem milhares de atletas judeus de todo o mundo desde 1932. O evento é um entre apenas sete competições mundialmente reconhecidas pelo Comitê Olímpico Internacional. Os participantes competem em modalidades que incluem futebol, basquete, tênis de mesa e netball e participam de uma impressionante cerimônia de abertura no Estádio Nacional, em Ramat Gan. Muitos atletas judeus famosos fizeram história nas Macabíadas, incluindo os nadadores americanos Mark Spitz, que ganhou sete medalhas de ouro, um feito

sem precedentes, nos Jogos Olímpicos de 1972, e Lenny Krayzelburg, que nadou nos Jogos de Atenas, em 2004.

Novos esportes

Imigrantes de língua inglesa trouxeram vários esportes para o país. A Liga de Baseball de Israel teve seu primeiro ano de competições em 2007. Outros esportes populares entre pessoas de língua inglesa são o críquete e o futebol americano. Israel é membro da Associação Internacional de Críquete (ICA); imigrantes indianos e sul-africanos trouxeram para o país o rúgbi e *lawn bowls*, cuja equipe masculina é uma das melhores do mundo. A liga de futebol americano inclui dezenas de equipes que competem pela Taça da Terra Santa a cada temporada.

Esporte adaptado

Israel tem grande sucesso nos esportes adaptados, ganhando medalhas nos Jogos Paraolímpicos e dando a atletas portadores de deficiência uma oportunidade para se destacar. Israel levou 42 atletas para os Jogos Paraolímpicos de 2008 em Pequim, competindo em atletismo, basquete, ciclismo, hipismo, natação, remo, tênis, tênis de mesa, tiro, tiro com arco e vela. A equipe voltou para casa com cinco medalhas de prata e uma de bronze. Keren Leibowitz é a mais célebre atleta paraolímpica israelense, conquistando três medalhas de ouro em competições de natação em Sydney, em 2000, três Campeonatos Mundiais e cinco Campeonatos Europeus.

A Associação Desportiva para Deficientes de Israel (ISAD) realiza várias atividades em muitas áreas, incluindo basquete, tênis, vôlei, badminton, tênis de mesa, tiro, hipismo, tiro com arco, natação e vela. Os clubes Sports Beit Halohem para veteranos militares deficientes e a organização Ilan para deficientes por lesão e doença oferecem inúmeras atividades.

LAÇOS CULTURAIS INTERNACIONAIS DE ISRAEL

Laços culturais com todo o mundo impulsionam a cooperação em diversos campos, incluindo idiomas, literatura, artes, mídia e esportes. Com base em acordos culturais com mais de 70 países, além de contatos com muitos outros, as atividades variam desde programas de intercâmbio estudantil e acadêmico a turnês de grupos de dança, companhias de teatro, exposições de arte, músicos e orquestras e à participação em feiras de leitura, festivais de cinema e competições esportivas, bem como o ensino das tradições linguísticas e culturais de ambos os países.

ENTRE AS NAÇÕES

América do Norte

América do Sul, Central e Caribe

Europa Ocidental

Europa Oriental e Eurásia

África

Ásia e Pacífico

Oriente Médio e Norte da África

Santa Sé

Nações Unidas

Judeus do mundo

ENTRE AS NAÇÕES

O Estado de Israel é membro da Organização das Nações Unidas desde 1949 e mantém relações com a maioria dos países do mundo. Com as lembranças de séculos de perseguições, a experiência devastadora do Holocausto e as longas décadas de conflito árabe-israelense, a política externa de Israel é voltada para a busca da paz na região, garantindo ao mesmo tempo a segurança nacional e promovendo a cooperação com todas as nações.

O maior desejo de Israel é manter boas relações com todos os países, seus governos e seus povos... (David Ben-Gurion, 1952)

AMÉRICA DO NORTE

Estados Unidos

Onze minutos após a proclamação da independência de Israel, em 14 de maio de 1948, o presidente americano Harry S. Truman reconheceu o novo Estado. Esse ato marcou o início de um relacionamento baseado em valores comuns e caracterizado por profunda amizade e respeito mútuo. Ambos os países são democracias autênticas, cujos sistemas políticos e jurídicos estão firmemente apoiados nas tradições liberais. Ambos começaram como sociedades pioneiras, continuando até hoje a receber e integrar novos imigrantes. Algumas vezes os dois países "concordam em discordar" ajustando suas diferenças como amigos e aliados.

Ao mesmo tempo em que se iniciavam as relações diplomáticas e políticas entre Israel e os Estados Unidos, o país se juntou a outros países ocidentais, impondo um embargo à venda de armas ao Oriente Médio, acreditando que assim as tensões regionais seriam reduzidas significativamente. Depois de 1952, a administração de Eisenhower procurou apoio árabe para um pacto de segurança com o Oriente Médio, prenúncio de uma mudança radical da política de parcialidade do governo Truman em relação a Israel. As relações entre Washington e Jerusalém se estreitaram novamente ao final da década de 50, quando os americanos se decepcionaram com a política do presidente egípcio Gamal Abdel Nasser. Durante o governo Kennedy, a política americana anterior de suprimento de armas mudou com a suspensão do embargo existente.

Desde o final do governo Johnson (final dos anos 60), a diplomacia americana tem como base o compromisso de assegurar o direito de Israel de existir dentro de fronteiras seguras e reconhecidas, a serem alcançadas através de negociações diretas com seus vizinhos árabes.

Considerando que o Estado de Israel forte é uma condição imprescindível para a consolidação da paz na região, os Estados Unidos comprometeram-se a manter a superioridade qualitativa de Israel sobre os exércitos árabes. Durante os governos Nixon e Carter, o governo americano ajudou na conclusão de acordos de paz entre Israel e Egito, e Israel e Síria (1973-74), dos Acordos de Camp David (1978) e do Tratado de Paz Egito-Israel (1979).

Durante a administração Reagan, as relações não apenas floresceram, como também receberam um conteúdo mais concreto e formal. Além dos compromissos anteriores, foram assinados memorandos de cooperação (1981 e 1988) que constituíram a base para a criação de vários órgãos consultivos e de planejamento conjuntos, que por sua vez geraram acordos práticos, tanto no campo militar como civil. Essas disposições de cooperação mútua foram posteriormente integradas em um memorando mais amplo (1988).

O governo Bush endossou a iniciativa de paz de Israel (1989) e patrocinou a Conferência de Paz de Madrid (1991), que levou à convocação de conversas de paz em Washington, D.C.

O governo Clinton teve um papel fundamental no processo de paz do Oriente Médio, apoiando ativamente os acordos entre Israel e os palestinos, o Tratado de Paz entre Israel e a Jordânia,

as negociações com a Síria e as iniciativas de cooperação regional, inclusive o fim do boicote árabe. Esforçando-se por manter a superioridade qualitativa de Israel, também se comprometeu a minimizar os riscos de segurança assumidos por Israel em sua busca pela paz.

O governo de George W. Bush adotou várias medidas importantes para apoiar Israel em sua guerra contra o terrorismo e Israel apoia a visão do presidente Bush para alcançar a paz entre Israel e os palestinos.

A contínua e profunda amizade entre Israel e os Estados Unidos tem sido explicada pelos vários governos americanos em termos que vão da preservação de Israel como "princípio básico" da política externa americana, enfatizando o "relacionamento especial" entre os dois Estados, à declaração do "compromisso americano" com Israel. No início dos anos 80, Israel era considerado um "patrimônio estratégico" pelos Estados Unidos, e foi definido (em 1987), de acordo com legislação aprovada no ano anterior, "um importante aliado não filiado à OTAN".

Ambos os partidos concordam com o apoio do Congresso a Israel. A aprovação da assistência militar anual, a ajuda ao processo de paz e à luta de Israel contra o terrorismo foram as marcas do comprometimento do congresso americano com a amizade entre Israel e os EUA; outra demonstração foi a aprovação da lei que reconhece Jerusalém como a capital unificada de Israel (1995), e o pedido de criação de uma embaixada dos Estados Unidos em Jerusalém. O "relacionamento especial" envolve questões econômicas, políticas, estratégicas e diplomáticas de interesse comum. Israel recebe atualmente aproximadamente US\$ 2,6 bilhões anuais de ajuda econômica e para a segurança e o comércio bilateral foi ampliado pelo estabelecimento de uma área de Livre Comércio entre Israel e os Estados Unidos (1985).

Há um número cada vez maior de *joint ventures* patrocinadas por indústrias israelenses e americanas, e vários estados americanos têm realizado acordos "estaduais" com Israel, com atividades que vão desde a cultura à agricultura.

Os Estados Unidos normalmente apoiam Israel nos foros internacionais, impedindo tentativas, tanto na ONU quanto em órgãos associados, de fazer passar resoluções anti-israelenses. Os dois países cooperam na troca de informações militares e secretas, na guerra contra o terrorismo internacional e na campanha contra o tráfico de drogas com vantagens para ambos. A amizade entre os Estados Unidos e Israel é vista positivamente pela comunidade judaico-americana e por um vasto segmento da sociedade americana.

CANADÁ

O Canadá reconheceu Israel como Estado em 1949 e os dois países mantêm relações diplomáticas plenas há muitos anos, baseadas nos valores democráticos comuns, com laços bilaterais reforçados pelo intercâmbio cultural e científico.

As relações econômicas entre Canadá e Israel tornaram-se mais próximas através da implementação do Acordo de Livre Comércio Canadá-Israel (CIFTA).

No cenário internacional, o apoio do Canadá expressa-se geralmente por suas posições favoráveis a Israel nos vários foros das Nações Unidas.

AMÉRICA DO SUL, AMÉRICA CENTRAL E CARIBE

Na votação da Assembleia Geral da ONU, em 29 de novembro de 1947, sobre a resolução que propunha o estabelecimento de dois Estados, um judeu e outro árabe, no território incluído no Mandato Britânico da Palestina, 13 dos 20 membros latino-americanos votaram a favor. Nas décadas de 50 e 60, as relações entre os países da região se estreitaram, devido, principalmente, a programas de cooperação conjunta, nos quais Israel compartilhava sua experiência e capacidade em várias áreas, como agricultura, medicina, cooperativismo e desenvolvimento rural, regional e comunitário. Milhares de latino-americanos participam de programas de estudo em Israel. Os eventos políticos locais e internacionais durante os anos 60 e 70 causaram uma redução do apoio dos países da América Latina e do Caribe a Israel, principalmente na ONU e em seus órgãos afiliados.

Hoje, Israel mantém relações diplomáticas plenas com todos os países das Américas Central e do Sul e do Caribe, exceto Cuba. Essas relações refletem-se em uma cooperação produtiva nas esferas política, econômica e cultural, além de diversos acordos bilaterais em várias áreas.

O comércio está crescendo de forma constante. O Acordo de Livre Comércio entre México e Israel, concluído em 2000, acrescentou uma nova dimensão a essa esfera. Tanto as exportações, principalmente de produtos químicos e agrícolas, maquinário e artigos eletrônicos, quanto às importações, especialmente de carne, cereais, milho, açúcar, cacau, café e metais, estão em expansão, e bancos, construtoras e empresas de planejamento e desenvolvimento agrícola israelenses são bastante ativas na América Central, América do Sul e Caribe.

Muitos israelenses visitam as Américas Central e do Sul, particularmente jovens militares, para quem uma visita às regiões é parte de um ritual de passagem.

EUROPA OCIDENTAL

A Europa Ocidental é o parceiro econômico mais natural de Israel. O estabelecimento, em 1975, de uma zona de livre comércio com a Comunidade Europeia (CE) levou a um crescimento acentuado das exportações para a Europa e um aumento maior ainda das exportações europeias para Israel. Essa expansão comercial foi acelerada pelo estreitamento das relações entre empresários e investidores, assim como pelos esforços em prol do fortalecimento dos laços econômicos com os países membros da Associação Europeia de Livre Comércio (EFTA). O Acordo de Associação Israel-União Europeia (UE), assinado em 1995 e válido a partir de 2000, permitiu um crescimento no diálogo político, além de uma aproximação das relações econômicas. Na década de 90, Israel juntou-se ao Programa-Quadro de Pesquisa e Desenvolvimento Tecnológico da UE. Em novembro de 2007, o Diálogo Comercial UE-Israel foi criado com o objetivo de promover o entendimento e a cooperação entre os setores privados de ambas as partes. Em dezembro de 2004, o Plano de Ação para a Política Europeia de Vizinhança foi concluído entre Israel e a União Europeia.

Juntamente com Estados Unidos, Rússia e as Nações Unidas, a União Europeia é um membro do “Quarteto” que procura resolver o conflito árabe-israelense através do processo de paz.

EUROPA CENTRAL E ORIENTAL

As relações entre Israel e os países da Europa Central e Oriental, renovadas assim que a região libertou-se do controle soviético, estão se intensificando cada vez mais, especialmente nos campos econômico, cultural, do turismo e da cooperação internacional. Os acordos econômicos com esses países são importantes, pois muitos deles são membros da União Europeia ou candidatos a esse status.

Como esses países eram o centro do judaísmo mundial antes da 2ª Guerra Mundial, a memória do Holocausto é um fator significativo nas relações com eles. Os assuntos abordados incluem a restituição de propriedades judaicas nacionalizadas, públicas e particulares, a seus legítimos donos ou herdeiros legais, e o reconhecimento dos “Gentios Justos” que arriscaram suas vidas para salvar judeus durante o período nazista.

As relações de Israel com os estados da Eurásia (antiga União Soviética) ganharam impulso, particularmente nos domínios político, econômico e cultural. Visitas oficiais e novos acordos estabeleceram uma base sólida para a expansão dessas relações. Os laços comerciais e de investimento mostram um crescimento impressionante. Mais de um milhão de ex-cidadãos soviéticos vivem agora em Israel e formam uma ponte entre Israel e seus países de origem, acrescentando uma dimensão especial às relações.

Os laços de Israel com a Federação Russa são de importância estratégica, dada a sua participação ativa no processo diplomático no Oriente Médio (como membro do Quarteto) e nas negociações com o Irã sobre seu programa nuclear.

Israel continua a melhorar suas relações com os estados do Cáucaso, na Ásia Central, onde há grande demanda por ajuda do MASHAV israelense nos campos da saúde pública, agricultura avançada, gestão de recursos hídricos e luta contra a desertificação. Outras questões importantes são a preservação da herança judaica nos estados da Eurásia, a perpetuação da memória do Holocausto e a luta contra o antissemitismo.

ÁFRICA

Os laços de Israel com os países subsaarianos africanos datam de meados da década de 50; os primeiros contatos com alguns deles tinham ocorrido antes mesmo de conquistarem sua independência. Em 1956, foram estabelecidas relações diplomáticas com Gana, seguida pela maioria dos países ao sul do Saara; no início dos anos 1970, Israel mantinha relações diplomáticas plenas com 33 países da região. Esses laços foram uma expressão da afinidade africana com Israel, um estado jovem, que tinha alcançado a independência em 1948 e estava ansioso para compartilhar sua experiência e conhecimento com os novos estados independentes africanos. Laços econômicos mutuamente benéficos também foram desenvolvidos, incluindo muitas *joint ventures*.

Na esteira da Guerra do Iom Kipur, em 1973, e seguida pela crise mundial do petróleo, a maioria dos países subsaarianos cortou relações diplomáticas com Israel, devido a dois fatores principais: promessas de petróleo barato e ajuda financeira dos estados árabes, e conformidade com a resolução da OUA (Organização da Unidade Africana), que patrocinada pelo Egito, pedia o rompimento das relações com Israel. Apenas Malaui, Lesoto e Suazilândia mantiveram relações diplomáticas plenas com Israel, enquanto alguns países mantiveram contato através de escritórios de interesses em embaixadas estrangeiras.

A cooperação, de certo modo, continuou; alunos africanos participaram de cursos de formação em Israel, e especialistas israelenses trabalhavam em todo o continente.

Desde os anos 80, as relações diplomáticas com países da África Subsaariana têm sido gradualmente renovadas, e as negociações de paz entre Israel e seus vizinhos árabes ganharam força e avançaram. Ao final dos anos 90, os laços oficiais haviam sido restabelecidos com 39 países ao sul do Saara.

Hoje, Israel e os países subsaarianos estão engajados em um diálogo político contínuo, expresso em visitas recíprocas de chefes de estado e ministros de governo. Além disso, existem atividades dinâmicas, incluindo laços econômicos e comerciais, contatos culturais e acadêmicos, uma variedade de projetos agrícolas conjuntos, assistência médica, programas de formação profissional e ajuda humanitária em tempos de necessidade.

Israel tem seguido com interesse o processo de integração política e econômica da África e a criação da União Africana. Como expressão de amizade e solidariedade, Israel reiterou o seu compromisso de trabalhar em conjunto com as instituições e organizações emergentes da África, acrescentando mais um capítulo a suas relações únicas com o continente.

ÁSIA E PACÍFICO

Israel mantém relações diplomáticas com a maioria dos países da Ásia. A crescente força econômica e influência política desses países têm contribuído para a intensificação das relações nas esferas política, cultural e, sobretudo, econômica. A cooperação técnica com Israel nas áreas de P&D científico, desenvolvimento rural, agricultura e educação tem desempenhado um papel importante no reforço das relações com os países em desenvolvimento da região.

Israel e China estabeleceram relações diplomáticas em 1992. Desde então, têm desenvolvido as suas relações de forma constante, culminando com a visita histórica do presidente chinês a Israel em 2000 e as visitas de três presidentes de Israel a Pequim.

Desde meados dos anos 80, Israel e Japão têm expandido suas relações bilaterais, refletidas na assinatura de vários acordos e nas visitas recíprocas de primeiros-ministros. O Japão também tem desempenhado um papel importante no processo de paz multilateral.

As relações diplomáticas com a Índia, que começaram em 1992, também se intensificaram desde o final dos anos 90 em todos os aspectos. Em 2003, o primeiro-ministro israelense fez a primeira visita oficial a Nova Delhi. No ano de 2000, Israel renovou as relações diplomáticas com o Sri-Lanka.

As relações diplomáticas com a República da Coreia foram estabelecidas em 1962. No últimos anos, as relações estão crescendo em todos os campos. No ano de 2007, os ministros das relações exteriores dos dois países trocaram visitas.

Israel também mantém boas relações com muitos países membros da ASEAN. Alguns desses laços têm 50 anos ou mais, como no caso de Myanmar, Tailândia e Filipinas. Alguns laços são mais recentes, quando Israel estabeleceu relações com Mongólia, Camboja e Laos. As relações com o Vietnã têm se desenvolvido rapidamente desde 1993, especialmente nos campos da economia, comércio e cooperação agrícola. Um diálogo político anual foi estabelecido entre os dois ministérios das relações exteriores em 2005.

O Nepal e Israel têm uma longa tradição de relações estreitas amigáveis, que começou no início dos anos 1960. O ministro das relações exteriores do Nepal visitou Jerusalém pela primeira vez em 2007, anunciando a abertura de uma embaixada em Tel Aviv.

Israel mantém relações diplomáticas plenas com a Austrália e a Nova Zelândia há muitos anos. Recentemente, foram estabelecidas relações com 12 nações insulares independentes do Pacífico. Israel compartilha sua experiência em vários campos com estes países.

ORIENTE MÉDIO E NORTE DA ÁFRICA

EGITO

Israel e Egito assinaram um tratado de paz em 1979, marcando o fim de 30 anos de hostilidade implacável e cinco guerras devastadoras. O tratado foi precedido pela visita do presidente egípcio Anwar Sadat a Jerusalém (1977), a convite do primeiro-ministro israelense, Menachem Begin, bem como a assinatura dos Acordos de Camp David (1978), que constituíram uma base para a paz entre Egito e Israel e entre Israel e seus outros vizinhos. Os acordos também abordaram a necessidade de resolver a questão palestina, após uma fase de cinco anos de autonomia para os residentes árabes palestinos da Judeia e Samaria (Cisjordânia) e da Faixa de Gaza. O presidente Sadat e o primeiro-ministro Begin receberam conjuntamente o Prêmio Nobel da Paz por sua conquista.

A paz implantada entre Israel e Egito é composta por vários elementos importantes, incluindo a cessação do estado de guerra, bem como atos ou ameaças de beligerância, hostilidade ou violência; o estabelecimento de laços diplomáticos, econômicos e culturais; a eliminação das barreiras ao comércio e à liberdade de circulação; e a retirada de Israel da península do Sinai, com acordos de segurança e zonas de força limitada. Israel completou sua retirada do Sinai em 1982, de acordo com os termos do tratado, abandonando bases militares estratégicas e outras posses em troca da paz.

Embora os outros Estados árabes tenham se afastado do Egito após a assinatura do tratado, com o tempo todos restabeleceram suas relações com o Egito e reabriram suas embaixadas no Cairo. A sede da Liga Árabe, que havia sido transferida para Túnis, foi restabelecida no Cairo no início da década de 80.

Tendo que superar 30 anos de desconfiança e hostilidade, a normalização das relações entre Israel e Egito é um processo longo e árduo. No entanto, embaixadas e consulados foram estabelecidos pelos dois países, e reuniões entre ministros do governo e altos funcionários ocorrem regularmente.

Após o novo surto de terrorismo palestino (em setembro de 2000), as relações esfriaram consideravelmente e o Egito retirou seu embaixador, que retornou no início de 2005. No entanto, o comércio e a cooperação continuaram, e a comissão militar conjunta se reúne regularmente. Após a retirada de Israel da Faixa de Gaza, com a contribuição do Egito, as relações melhoraram.

JORDÂNIA

O tratado de paz entre Jordânia e Israel, assinado na fronteira de Akaba-Eilat em outubro de 1994, foi precedida por uma reunião entre o Rei Hussein e o primeiro-ministro Yitzhak Rabin em Washington, três meses antes, quando os líderes proclamaram o fim do estado de guerra entre os dois países.

Embora estivessem em guerra há 46 anos, Israel e Jordânia mantiveram contatos secretos e concluíram acordos mutuamente benéficos ao longo desse período.

A Conferência de Madrid de 1991 levou a público as conversações bilaterais, culminando em um tratado formal (1994) em que ambos os países se comprometeram a abster-se de atos de beligerância, a garantir que nenhuma ameaça de violência para com o outro seria originada dentro de seu território, a prevenir o terrorismo e agir em conjunto para alcançar a segurança e a cooperação no Oriente Médio, substituindo a preparação militar por medidas de confiança. Outras disposições incluem a distribuição de recursos hídricos, a liberdade de passagem para os cidadãos de ambos os países, esforços para aliviar o problema dos refugiados e a cooperação no desenvolvimento do Vale do Rio Jordão. A fronteira internacional estabelecida no tratado substituiu as linhas de cessar-fogo de 1949 e é delimitada com referência à fronteira do Mandato Britânico (1922-1948).

Com a ratificação do tratado de paz, relações diplomáticas totais foram estabelecidas e, desde então, a relação entre Israel e Jordânia avança de forma constante.

A base para a implementação do tratado de paz Israel-Jordânia foi estabelecida com a assinatura e ratificação de 12 acordos bilaterais nas esferas econômica, científica e cultural. Esses tratados são a fundação das relações pacíficas entre Israel e o Reino Hachemita da Jordânia. A expressão mais significativa da relações pacíficas é o estabelecimento de Zonas de Qualificação Industrial (QIZs), que permite que a Jordânia, através da cooperação com Israel, exporte para os EUA, sem taxas ou tarifas, commodities de valor superior a um bilhão de dólares. Israel também coopera com a Jordânia em dois projetos agrícolas e na saúde pública.

O Rei Abdullah II, que sucedeu seu pai, o Rei Hussein, em março de 1999, visitou Israel em abril de 2000.

Após o novo surto de terrorismo palestino (em setembro de 2000) nos territórios, as relações com a Jordânia esfriaram e seu embaixador foi retirado. Houve um desenvolvimento gradual das relações e a Jordânia restabeleceu seu embaixador em 2005.

Em junho de 2003, o Rei Abdullah II organizou uma cúpula em Aqaba com o presidente Bush, o primeiro-ministro Sharon e o presidente da Autoridade Palestina, Mahmoud Abbas. Em abril de 2004, o Rei Abdullah II visitou o então primeiro-ministro Sharon em sua residência no Negev.

ESTADOS DO GOLFO

Como resultado do processo de paz de Oslo no Oriente Médio, os Estados do Golfo mostraram interesse nas relações com Israel pela primeira vez desde 1948. Os contatos iniciais foram seguidos por uma série de visitas recíprocas de representantes de alto nível. Em maio de 1996, Israel abriu escritórios de representação comercial em Omã e no Catar para desenvolver as relações econômicas, científicas e comerciais, com ênfase na utilização de recursos hídricos, turismo, agricultura, produtos químicos, e tecnologias avançadas.

Desde o novo surto de terrorismo palestino em 2000, as relações com os Estados do Golfo esfriaram. O escritório israelense de representação comercial em Omã foi fechado.

PAÍSES DO MAGREBE

Em 1994, três estados árabes norte-africanos – Marrocos, Mauritânia e Tunísia – uniram-se a outros países árabes e escolheram o caminho da paz e da reconciliação, através da formação de laços diplomáticos com Israel.

Iniciadas de formas diferentes e em vários níveis, as relações entre Marrocos e Israel foram formalizadas quando Israel abriu um gabinete de ligação em novembro de 1994, na capital marroquina, Rabat. Quatro meses depois, o Marrocos abriu seu gabinete em Israel, estabelecendo formalmente as relações diplomáticas bilaterais.

A República Islâmica da Mauritânia e Israel concluíram um acordo na Conferência de Barcelona (em novembro de 1995), na presença do ministro espanhol das relações exteriores, para estabelecer seções de interesse nas embaixadas espanholas em Tel Aviv e Nouakchott, respectivamente. A Mauritânia abriu a sua missão diplomática em Tel Aviv em maio de 1996 e indicou seu desejo de normalizar completamente as relações com Israel.

Em outubro de 1999, a Mauritânia se tornou o terceiro país árabe (depois de Egito e Jordânia) a estabelecer relações diplomáticas plenas com Israel.

Seguindo uma programação elaborada por Israel, Tunísia e Estados Unidos em janeiro de 1996, Israel abriu um escritório de interesse na Tunísia em abril do mesmo ano, e a Tunísia retribuiu seis semanas depois, em maio.

As relações diplomáticas com os países moderados do Magrebe são importantes pelo papel que esses países desempenham no mundo árabe, e também pela grande população israelense de emigrantes norte-africanos que mantêm uma ligação emocional com os países onde suas famílias viveram por muitos séculos. Essa afinidade é um recurso que pode levar a relações mais profundas e fazer uma contribuição prática para o processo de paz.

Após a renovação do terrorismo palestino em 2000, Marrocos e Tunísia romperam relações diplomáticas com Israel. No entanto, algumas relações comerciais e de turismo continuam, além de contatos em outros campos.

SANTA SÉ

O estabelecimento de relações diplomáticas plenas entre Israel e a Santa Sé (sob os termos do Acordo Fundamental assinado em Jerusalém em dezembro de 1993) é uma etapa importantíssima no processo histórico de mudanças na atitude da Igreja com relação ao judaísmo e ao povo judeu, publicamente iniciado pela declaração conhecida como *Nostra Aetate*, promulgada pelo Concílio Vaticano Segundo em 1965.

No Acordo Fundamental, Israel e a Santa Sé observaram a *“natureza única da relação entre a Igreja Católica e o povo judeu...”* e se comprometeram a *“combater todas as formas de antissemitismo, racismo e intolerância religiosa e promover o entendimento mútuo entre as nações, a tolerância entre as comunidades e o respeito e a dignidade pela vida humana”*, e a *“promover a resolução pacífica dos conflitos entre estados e nações, eliminando a violência e o terror das relações internacionais”*. Outros compromissos tratam do regime de *status quo* que afeta os locais sagrados do cristianismo, as questões referentes à liberdade religiosa, a peregrinação à Terra Santa e outros assuntos.

Em novembro de 1997, foi assinado um acordo em Jerusalém definindo o status da Igreja Católica em Israel e sua hierarquia sob as leis de Israel. Esse é o primeiro reconhecimento formal da Igreja Católica por qualquer governo na Terra Santa.

Em março de 2000, o papa João Paulo II veio a Israel em uma peregrinação pessoal aos locais sagrados, reunindo-se com o presidente Ezer Weizman e o primeiro-ministro Ehud Barak. Outros eventos incluíram reuniões com os rabinos-chefe e visitas a Yad Vashem e ao Muro das Lamentações. A visita enfatizou o processo contínuo de entendimento entre o judaísmo e a Igreja Católica.

O Papa Bento XVI visitou Israel em maio de 2009 durante uma peregrinação à Terra Santa, marcando uma etapa importante no desenvolvimento da relação entre o Vaticano e Israel. A visita serviu para fortalecer o diálogo entre cristianismo, judaísmo e islamismo, como parte do esforço para alcançar a paz na região.

NAÇÕES UNIDAS

A Organização Sionista Mundial (OSM) foi fundada durante o Primeiro Congresso Sionista, em 1897, com o objetivo de promover o retorno do povo judeu à sua pátria ancestral, a Terra de Israel, e reviver a vida nacional judaica no país. O principal objetivo da OSM foi alcançado em 1948, com o estabelecimento de um estado judeu legalmente seguro e reconhecido internacionalmente – o Estado de Israel. Desde então, a OSM tem agido como elemento de ligação com o judaísmo da Diáspora, promovendo atividades que focalizam a unidade do povo judeu e a centralidade de Israel na vida judaica; facilitando a imigração; estimulando a educação judaica nas comunidades judaicas de todo o mundo; e defendendo os direitos dos judeus onde quer que vivam. O Congresso Sionista Mundial, democraticamente eleito, é o órgão supremo da OSM, e se reúne cada 4 ou 5 anos em Jerusalém.

O Estado de Israel ingressou na ONU em 11 de maio de 1949, como seu 59º membro. Desde então, participou de diversas operações da organização internacional, contribuindo plenamente com os órgãos da ONU que tratam de saúde, trabalho, alimentação e agricultura, educação e ciência. Israel desempenha um papel ativo no trabalho de organizações não governamentais, sob os auspícios da ONU, que tratam assuntos diversos, incluindo aviação, imigração, comunicação, meteorologia, comércio e a condição feminina.

Durante cinco décadas, Israel foi excluído de um grupo regional nas Nações Unidas. Em abril de 2000, foi incluído no Grupo Ocidental Regional (WEOG) em caráter temporário até que pudesse se juntar ao grupo asiático. Desde então, Israel pode eleger e ser eleito para os principais órgãos das Nações Unidas. Israel foi eleito (por meio do WEOG) para a vice-presidência da 60ª Assembleia Geral da ONU.

Algumas resoluções da ONU tiveram significado crucial para Israel. As resoluções 242 (22 de novembro de 1967) e 338 (22 de outubro de 1973) do Conselho de Segurança forneceram um marco para a solução do conflito árabe-israelense.

Durante anos, a ONU agiu no sentido de fazer cessar as hostilidades entre Israel e seus vizinhos árabes, nomeando mediadores, dando seus auspícios a acordos de cessar-fogo e de armistício e colocando tropas internacionais entre os adversários.

Ao mesmo tempo, a ONU serviu durante anos como campo de batalha no combate político contra Israel. Os 21 estados árabes, com a ajuda de países muçulmanos e seus aliados e do antigo bloco comunista, constituíam uma “maioria automática”, garantindo a adoção de resoluções contra Israel na Assembleia Geral.

Em seu esforço para trazer para a Assembleia Geral a narrativa judaica, Israel conseguiu, em 2005, a convocação de uma sessão especial da Assembleia, por ocasião do 60º aniversário da libertação dos campos de concentração nazistas na Europa e para incluir a adoção de uma nova resolução da Assembleia Geral por uma Recordação Anual do Holocausto.

JUDEUS DO MUNDO

Atualmente, a Agência Judaica por Israel (JAFI) trabalha para desenvolver o relacionamento entre o Estado de Israel e o judaísmo mundial. Foi constituída em 1929 pela Organização Sionista Mundial para representar a comunidade judaica da Terra de Israel diante das autoridades do Mandato Britânico, de governos estrangeiros e de organizações internacionais. Depois que Israel obteve sua independência, parte das responsabilidades em certas tarefas nacionais foram delegadas por lei à JAFI e à OSM, inclusive imigração e absorção, assentamentos rurais e moradias para os imigrantes, atividades educacionais para a juventude, assim como o renovamento urbano. Nos últimos anos, várias dessas funções foram assumidas pelo governo.

Desde o primeiro exílio (586 AEC) e a subsequente dispersão dos judeus pelo mundo, uma relação dinâmica e singular existe entre os judeus residentes na Terra de Israel e os que vivem em outras terras. Embora separados por enormes distâncias durante longos séculos, os judeus se preservaram como uma nação, ligados pela história, religião e pátria comuns, assim como pelo comprometimento coletivo à sobrevivência física e espiritual do povo judeu. O estabelecimento do Estado de Israel em 1948 foi o fruto de um sonho de 2.000 anos: Retornar à sua pátria ancestral, revivendo a vida nacional e sua soberania.

Segundo estimativas recentes, a população judaica mundial é de 13 milhões de pessoas, 41% dos quais vivem em Israel. Em todos os lugares, os judeus compartilham símbolos comuns e tradições, mantendo um diálogo contínuo sobre assuntos diversificados.

Os judeus da Diáspora, reconhecendo a centralidade de Israel na vida judaica, participam da construção do país através de contribuições financeiras, apoio social e político e, em certos casos, vindo viver em Israel, acrescentando seus antecedentes culturais e suas habilidades ao mosaico israelense. A longa tradição de ajuda mútua entre os judeus se manifesta hoje em dia em uma rede multifacetada de organizações dedicadas a centenas de temas de interesse judaico-israelense.

Por sua parte, Israel procura fortalecer as comunidades judaicas da Diáspora e seus laços com elas, promovendo atividades sobre o conhecimento do país, o estudo do hebraico, investimentos financeiros, *joint ventures* econômicas e visitas de grupos, indivíduos e missões de estudo.

O Estado de Israel dá grande importância à segurança das comunidades judaicas de todo o mundo. Após o recente aumento do antissemitismo, Israel, em cooperação com organizações judaicas e com os governos na Europa, Estados Unidos e outras partes do mundo, combate o racismo, em geral, e o antissemitismo, em particular.